



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM**  
**REDE NACIONAL - PROEF**

**BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E JUSTIÇA SOCIAL: UM AUTOESTUDO SOBRE**  
**A PRÁTICA DOCENTE DIANTE DE INCIDENTES CRÍTICOS**

**FORTALEZA**

**2026**

BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E JUSTIÇA SOCIAL: UM AUTOESTUDO SOBRE A  
PRÁTICA DOCENTE DIANTE DE INCIDENTES CRÍTICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elisabete dos Santos Freire.

FORTALEZA

2026

BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E JUSTIÇA SOCIAL: UM AUTOESTUDO SOBRE A  
PRÁTICA DOCENTE DIANTE DE INCIDENTES CRÍTICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Educação Física Escolar.

Aprovada em: 23/04/2026.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elisabete dos Santos Freire (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra Samara Moura Barreto

Instituto Federal do Ceará (IFCE)

---

Prof. Dr. Anibal Correia Brito Neto

Universidade Estadual do Pará (UEPA)

A Deus.

A minha mãe, Maristela da Soledade Silveira.

A minha esposa, Ana Clara Amaral Santos.

A minha filha, Gabriella dos Santos Silveira.

A minha tia, Margaret da Solidade Silveira

## **AGRADECIMENTOS**

À Profª. Dra. Elisabete dos Santos Freire, pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Profa. Dra Samara Moura Barreto e Prof. Dr. Anibal Correia Brito Neto pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Ao professor, colega de turma e amigo crítico Sérgio Rocha, pelo tempo concedido nas conversas.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

“Não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados é preciso que se liguem de forma indissociável a sua significação humana e social.” (LIBÂNEO, 1985, p. 39).

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar, por meio de um processo de autoestudo, as estratégias pedagógicas mobilizadas pelo professor-pesquisador diante de situações de injustiça social nas aulas de Educação Física escolar, buscando compreender como esses episódios emergem no cotidiano escolar e de que forma podem ser problematizados e enfrentados no contexto pedagógico. Parte-se do pressuposto de que a Educação Física, enquanto componente curricular, constitui-se como um espaço privilegiado para a vivência de relações sociais, sendo também um ambiente fértil para a manifestação de desigualdades, exclusões e conflitos que demandam intervenções intencionais por parte do (a) docente. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza interpretativa, desenvolvida com uma turma do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada no município de Igarapé-Açu, no estado do Pará, composta por 16 estudantes. Para identificar e analisar as situações envolvendo casos de injustiça social dentro das aulas de Educação Física foi utilizada a Técnica de Incidentes Críticos que tem se mostrado bastante eficaz nas análises de práticas pedagógicas de professores (as). Como procedimentos metodológicos, foram utilizados o Diário de Campo do professor-pesquisador, no qual foram registrados os acontecimentos das aulas, as interações entre os (as) estudantes e os incidentes considerados críticos, além do diálogo sistemático com um amigo crítico, com quem os registros foram compartilhados para análise, questionamento e aprofundamento reflexivo. Os resultados evidenciam que o processo de autoestudo contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais consciente, crítica e reflexiva. Foi possível identificar situações de exclusão, desigualdade de participação, conflitos interpessoais e silenciamentos, que, muitas vezes, passariam despercebidos em uma prática não investigativa. A partir dessas constatações, o professor-pesquisador passou a adotar intervenções mais intencionais, buscando promover o diálogo, a inclusão, o respeito às diferenças e a participação ativa de todos (as) os (as) estudantes. Além disso, o estudo favoreceu a ressignificação do papel docente, evidenciando a importância de uma postura investigativa e comprometida com a transformação social. Conclui-se que a Educação Física escolar pode assumir um papel relevante na problematização das injustiças sociais presentes no cotidiano escolar, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e participativos. Nesse sentido, o autoestudo se apresenta como uma estratégia potente para a formação continuada de professores (as), ao possibilitar a análise sistemática da própria prática e a construção de caminhos pedagógicos mais inclusivos e equitativos.

**Palavras-chave:** educação física escolar; justiça social; autoestudo; incidentes críticos.

## ABSTRACT

This study aims to analyze, through a self-study process, the pedagogical strategies mobilized by the teacher-researcher when facing situations of social injustice in school Physical Education classes, seeking to understand how these episodes emerge in everyday school life and how they can be problematized and addressed within the pedagogical context. It is based on the assumption that Physical Education, as a curricular component, constitutes a privileged space for the experience of social relationships, while also being a fertile environment for the manifestation of inequalities, exclusions, and conflicts that require intentional interventions by the teacher. The study is characterized as a qualitative research of an interpretative nature, conducted with a 4th-grade class in a public school located in the municipality of Igarapé-Açu, in the state of Pará, Brazil, consisting of 16 students. In order to identify and analyze situations involving cases of social injustice within Physical Education classes, the Critical Incident Technique was employed, which has proven to be highly effective in the analysis of teachers' pedagogical practices. As methodological procedures, the teacher-researcher's field diary was used, in which classroom events, student interactions, and incidents considered critical were recorded, along with systematic dialogue with a critical friend, with whom the records were shared for analysis, questioning, and reflective deepening. The results indicate that the self-study process significantly contributed to the development of a more conscious, critical, and reflective pedagogical practice. It was possible to identify situations of exclusion, unequal participation, interpersonal conflicts, and silencing, which would often go unnoticed in a non-investigative practice. Based on these findings, the teacher-researcher began to adopt more intentional interventions, aiming to promote dialogue, inclusion, respect for differences, and the active participation of all students. Furthermore, the study fostered a re-signification of the teaching role, highlighting the importance of an investigative stance committed to social transformation. It is concluded that school Physical Education can play a relevant role in problematizing social injustices present in everyday school life, contributing to the development of critical and participatory individuals. In this sense, self-study emerges as a powerful strategy for teachers' continuing professional development, as it enables the systematic analysis of one's own practice and the construction of more inclusive and equitable pedagogical pathways.

**Keywords:** school physical education; social justice; self-study; critical incidents.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CIT	Técnicas de Incidentes Críticos
IC	Incidentes Críticos
EF	Educação Física
TCC	Trabalho de conclusão de curso
ProEF	Mestrado Profissional em Educação Física
UFC	Universidade Federal do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1</b>	<b>A trajetória na educação básica.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2</b>	<b>A trajetória na graduação e início da vida profissional.....</b>	<b>14</b>
<b>1.3</b>	<b>A busca por conhecimento e qualificação das aulas.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>APORTE TEÓRICO.....</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>SOBRE AS AULAS .....</b>	<b>33</b>
<b>4.1</b>	<b>O início do autoestudo .....</b>	<b>34</b>
<b>4.2</b>	<b>Segunda aula .....</b>	<b>36</b>
<b>4.3</b>	<b>Terceira aula .....</b>	<b>39</b>
<b>4.4</b>	<b>Quarta aula .....</b>	<b>42</b>
<b>4.5</b>	<b>Quinta aula .....</b>	<b>44</b>
<b>4.6</b>	<b>Sexta aula .....</b>	<b>46</b>
<b>4.7</b>	<b>Sétima aula .....</b>	<b>47</b>
<b>4.8</b>	<b>Oitava aula .....</b>	<b>50</b>
<b>5</b>	<b>DIÁLOGO COM A LITERATURA .....</b>	<b>52</b>
<b>6</b>	<b>SOBRE AS ANÁLISES DO AMIGO CRÍTICO .....</b>	<b>58</b>

<b>7</b>	<b>MINHAS ANÁLISES .....</b>	<b>68</b>
<b>8</b>	<b>RECURSO EDUCACIONAL .....</b>	<b>73</b>
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
	<b>APÊNDICE A – DIÁRIO DE CAMPO DO PROFESSOR- PESQUISADOR</b>	
	<b>DIÁRIO DE CAMPO DO PROFESSOR-PESQUISADOR.....</b>	<b>80</b>
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016).....</b>	<b>98</b>
	<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DO VÍDEO DO RECURSO EDUCACIONAL.....</b>	<b>100</b>
	<b>ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....</b>	<b>103</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

Este texto terá início com uma breve apresentação. Após quase 19 anos exercendo a docência em Educação Física, decidi assumir o desafio de realizar o mestrado. Hoje, trabalho em três escolas, uma da rede privada de ensino da cidade de Castanhal e duas da rede estadual de ensino do Pará e o que me trouxe, inicialmente, ao mestrado, foi a busca por continuar aprendendo. Mas, ao refletir sobre o tema de pesquisa que abordaria, pude perceber que meu interesse por estudar as relações entre Justiça Social e Educação Física tem relação com minha história como estudante e como professor.

Este trabalho abordará um pouco da minha história para demonstrar o quanto a minha trajetória de vida me conduziu para essa relação com a disciplina Educação Física e com a justiça social. O que cada momento pôde colaborar para formar o professor que sou hoje e a vontade de buscar melhorar, a cada dia, minha prática pedagógica.

### **1.1 A trajetória na educação básica**

Nasci na cidade de Belém do Pará e mantenho residência na cidade de Castanhal que fica a 65km da capital Belém. Fui criado por minha mãe e por familiares maternos, por conta da ausência do pai biológico, porém, aos 4 anos de idade, por conta do casamento de minha mãe, nos mudamos para a cidade de São Paulo, onde passei a participar de um novo ambiente familiar, com a figura de um pai e uma nova avó, com novas condições de vida, bem mais humildes das que eu tinha em Castanhal, buscando o equilíbrio em ser aceito e aceitar novos costumes e comportamentos.

Aos 5 anos de idade comecei a frequentar a escola municipal de ensino infantil do meu bairro onde passei 2 anos, conseguindo bons resultados, principalmente em leitura e me tornando o orador da turma na formatura.

Aos 7 anos de idade, mudei para outra escola, também no mesmo bairro, para iniciar os estudos no ensino fundamental (1ª série). Lá permaneci até a 4ª série, sempre colecionando boas notas e sendo participativo nas atividades propostas, inclusive nas aulas de Educação Física (EF). Sempre gostei das brincadeiras, jogos e esportes que os professores propunham. Em período junino, me recordo de participar das danças típicas, mas o que sempre me chamou atenção mesmo foi a competitividade que era proposta nas atividades esportivas, pois nelas eu lidava com diversas sensações como alegria, frustrações, orgulho, decepções, etc.

Ao passar para a 5ª série, vivi um ano atípico. Iniciei o ano na mesma escola em que estudava, porém, no mês de março, por questões de saúde, minha mãe teve de realizar uma cirurgia e achou melhor ficar mais próximo da sua família. Desta forma, tivemos de retornar para a cidade de Castanhal no estado do Pará. Os próximos 2 meses (2º bimestre) fui matriculado, com a ajuda de minha tia Margaret e minha madrinha Maria Helena em uma escola particular ao lado da casa da minha avó, onde estávamos morando naquele momento. Elas ajudaram financeiramente a pagar a escola e, por serem as duas únicas tias que concluíram o ensino superior na família, se proporem a me ajudar nos estudos para que eu pudesse me adaptar o mais rápido possível à realidade de uma escola particular tanto na socialização quanto no nível de estudo. Nesse período consegui boas notas, porém não me lembro de ter tido aulas da disciplina Educação Física. Ao final das férias de Julho, retornamos a São Paulo e lá volto a estudar na escola em que eu havia iniciado o ano letivo, porém em turno e turma diferente da que eu frequentava. Mesmo passando por uma nova adaptação, consegui concluir o ano letivo com boas notas.

Ao final desse ano, retornamos novamente para Castanhal para cursar a 6ª série e, novamente, com o intuito de me ajudar, minha tia Margaret resolveu financiar meus estudos na mesma escola particular em que eu havia frequentado 2 meses no ano anterior, já que minha família, mãe e meu pai de criação, ao qual considero meu pai de verdade, não tinha condições financeiras para isso.

Desde esse ano, até o final do ensino médio, sempre frequentei essa mesma escola, sempre tirando boas notas e sendo participativo em todas as aulas, inclusive as de Educação Física. Nessa escola a maior parte das atividades envolviam modalidades esportivas, mais especificamente Futsal, Handebol e Voleibol, porém, nunca fui dos primeiros a ser escolhido na formação das equipes, mas sempre figurava entre os titulares, independente da modalidade que seria praticada.

Esporadicamente, eu era convocado para participar das seleções esportivas, especificamente para a modalidade futsal, mas, como já disse que nunca fui dos primeiros escolhidos, a maior parte do tempo ficava no banco de reservas.

Houve um ano, no ensino médio, em que fui selecionado para integrar a seleção de Handebol, fui a um treinamento e lá meu professor me instruiu a jogar de ponta esquerda. Digamos que eu não jogava muito bem, mas topei o desafio. Fomos para o jogo e, em um dos primeiros lances em que eu recebi a bola, me enchi de coragem e resolvi arremessá-la ao gol. Foi lindo, a bola encobriu o goleiro e marquei meu único gol na minha curta carreira de handebolista. Vale ressaltar que o mérito para encobrir o goleiro na jogada não foi assim tão

meu, pois eu sempre suava bastante e no momento do arremesso minhas mãos estavam úmidas e a bola escorregou fazendo o belíssimo efeito e enganando o goleiro. Após isso o jogo seguiu, mas minha participação pode se resumir ao lance narrado, pois perdemos o jogo e fomos eliminados, porém, gostei da ideia de encarar o esporte, mesmo dentro de uma competição, de uma forma mais lúdica, passando a usar essa experiência futuramente em minhas aulas já como professor para incentivar a participação dos (as) alunos (as) dentro da prática esportiva na escola.

Outra experiência interessante vivida na educação básica, foram as participações nos torneios internos da escola. Era sempre levado muito a sério pelos (as) alunos (as) da minha turma, incluindo confecção de jogos de camisa e treinamentos da equipe como forma de preparação. Vira e mexe conseguíamos bons resultados com a turma nas diversas modalidades, as vezes com meu desempenho um pouco mais apagado outras vezes me destacando. Quando campeões, tínhamos a sensação de ter adquirido um *status* dentro da escola, sendo observados de forma diferente pelos (as) alunos (as) das outras turmas.

Um fato marcante ocorreu nesse período, mais especificamente, durante o ano em que estava cursando o 1º ano do ensino médio, quando houve o falecimento do meu pai que me criou por conta de um câncer causado por excesso de bebida alcoólica e fumo. Confesso que isso transformou minha vida e meu pensamento sobre meu futuro, pois, naquele momento, eu me senti responsável por cuidar da minha mãe, que não tinha nenhum emprego formal, e continuar os estudos, valorizando o esforço que minha tia fazia para me manter na escola particular, além de que, passamos a depender também da minha tia nos acolhendo com moradia e alimentação. Nesse ano minhas notas não foram tão boas assim e foi o ano em que fiz a primeira etapa do vestibular seriado, onde também não obtive um bom desempenho. A prática de esportes na escola ajudava a superar todas as dificuldades que eu e minha mãe estávamos passando.

Já no último ano do ensino médio, tive de escolher minha carreira profissional nos tantos vestibulares que iria tentar. Na minha cabeça eu só pensava em cursar uma universidade, evitando assim, gastos maiores da minha tia com cursinho no ano seguinte caso eu não passasse. Fiz uma análise de minhas notas e preferências por assuntos que estudei por toda uma vida escolar.

Em um primeiro momento pensei em fazer vestibular para alguma área ligada à engenharia, pois minhas notas em ciências exatas sempre foram boas e eu aprendia com facilidade, porém nem cheguei a me inscrever, pois naquele momento não havia escolhido qual dos cursos de engenharia deveria seguir como profissão.

Levei em consideração também fazer para algum curso em que minhas boas notas em língua portuguesa e redação me propiciassem trabalhar, pensei no curso de Comunicação Social – Jornalismo, me inscrevi, mas como a prova para esse vestibular foi a última do cronograma, desisti e nem fui fazer a 2ª fase.

Minha 3ª opção, e juro que pensava que seria um curso que eu faria após minha aposentadoria como *hobbie*, foi o curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Estadual do Pará. Já que, como experiência, tinha vivenciado algumas brincadeiras e jogos mais simples no ensino fundamental e três modalidades esportivas (voleibol, handebol e futsal) no ensino médio. Meus questionamentos eram sobre quais as outras possibilidades de práticas na EF escolar, além da prática dessas 3 modalidades esportivas e umas brincadeiras, pois eu não acreditava que em 4 anos de graduação se aprendia apenas isso como conteúdo para as aulas da disciplina. Ainda não considerava uma possível relação entre EF e Justiça Social, mas já buscava compreender suas relações com a sociedade. Mesmo com todos esses questionamentos, resolvi me inscrever. Pelo cronograma de provas, foi a primeira prova que fiz e, graças a Deus e minha família e amigos (as), consegui a tão sonhada vaga no ensino público superior.

## **1.2 A trajetória na graduação e início da vida profissional**

O campus da universidade é localizado na capital Belém, a 65 km de distância de Castanhal, e, em conversa com minha tia, decidimos que eu iria e voltaria todos os dias e que ela me ajudaria financeiramente com as passagens de ônibus. Desta forma iniciei meus estudos na Universidade do Estado do Pará.

Ao iniciar o curso me deparei com disciplinas de cunho mais teóricas e confesso que fiquei um pouco entediado, mas duas disciplinas ligadas ao conteúdo Jogo e Esporte me motivaram e começaram a trazer novas formas de se trabalhar esses conteúdos dentro da escola.

Aqui faço uma pausa no meu relato da vida acadêmica para descrever um fato que até hoje tem um peso imensurável na minha carreira de professor de Educação Física escolar. Ao final do primeiro semestre do curso, aqueles questionamentos que tive lá no ensino médio continuavam a me incomodar e somados às novas perspectivas vivenciadas nas disciplinas Fundamentos e métodos do Jogo e Fundamentos e métodos do esporte, resolvi retornar ao Centro Educacional João XXIII, escola onde terminei meu ensino médio, que ficava ao lado de minha residência, e pedi para conversar com a diretora para que eu pudesse acompanhar as aulas do professor de Educação Física de lá, meu ex-professor, buscando entender de que forma

ele escolhia, organizava e planejava as atividades que seriam desenvolvidas em suas aulas. A diretora me acolheu muito bem, me ouviu e disse que pensaria no caso e mandaria me chamar para dar uma resposta. Algumas semanas se passaram e em Janeiro do ano de 2004 fui chamado à escola para realizar um estágio extracurricular relacionado as aulas da disciplina Educação Física nas turmas de 8ª série e 3º ano do ensino médio. Eu imaginei que seria apenas um teste, então aceitei e nem sequer perguntei sobre salário, pois na minha cabeça seria um estágio voluntário. Claro que posteriormente fui chamado ao setor financeiro e informado que receberia um valor financeiro pelo meu trabalho, mas o fato mais importante nesse cenário não seria o dinheiro que eu ganharia, mas sim a experiência que eu conseguiria, pois ela seria o meu “laboratório pedagógico” onde tudo que eu aprendia na Universidade, poderia testar junto aos (às) alunos (as) e aprender algo tão importante na nossa profissão que é o entendimento de que devemos adaptar toda a nossa prática à nossa realidade e, por diversas vezes, aprender a improvisar quando o que foi planejado não puder acontecer. Dessa forma comecei a dar meus primeiros passos na profissão que aprendi a amar.

Voltando a rotina na graduação, muitos professores (as) com diversas metodologias ministravam aulas para nossa turma. No meio do curso me chamavam atenção as disciplinas tidas como “eletivas” que eram basicamente as disciplinas ligadas ao conteúdo esportivo. Como eu já estava atuando na área escolar, foquei nas modalidades em que eu tinha possibilidade de desenvolver e aprender mais sobre elas, tudo de acordo com a minha realidade na escola em que trabalhava.

Mais ao término do curso, nos 3 últimos semestres, surgiram professores (as) que me fizeram questionar a prática dos professores (as) de Educação Física que eu tive em minha vida escolar e, por consequência, a minha própria prática, pois, naquele momento, me sentia apenas reproduzindo as aulas do meu antigo professor da disciplina. Por conta disso, resolvi aprofundar os estudos ligados à pedagogia e as abordagens da Educação Física, onde me deparei com tantas outras possibilidades de práticas, tantas formas de abordar os temas relacionados à disciplina que comecei a questionar se a prática que eu havia vivenciado enquanto aluno também ocorria com outros colegas, e a resposta foi sim.

Vieram as disciplinas relacionadas a estágio supervisionado, onde consegui desempenhar todas as atividades propostas com excelência e junto ao professor da disciplina, Professor Dr. Aníbal Correa Brito Neto, resolvi escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o chamando para ser meu orientador.

Nessa mesma época, surgiu a oportunidade de realizar a prova do concurso da Seduc – Pará para um município próximo ao que resido, porém fiquei receoso, pois ainda

teriam de ser cumpridos 2 semestres para que eu pudesse estar devidamente formado. Mesmo assim decidi fazer a prova e concorrer a única vaga para professor de Educação Física. Os estudos pedagógicos da Universidade foram de suma importância nesse momento, pois, como já conciliava estudo, trabalho e meu deslocamento para a capital demandava uma boa parte do tempo do dia, os horários disponíveis para estudo eram escassos. Mas, graças a Deus e a todo o apoio recebido pelos familiares e amigos, consegui a tão sonhada vaga no serviço público, porém ainda faltaria 1 ano para receber meu diploma e poder assumir a vaga. Confesso que esse foi um ano angustiante e com ansiedade por todo o processo de escrita do TCC e pela espera de convocação antes do término do curso, pois eu corria o risco de perder a vaga. Mas como tudo tem seu tempo, um dia após a apresentação do meu TCC chegou em minha casa uma carta convocatória para a realização dos exames visando tomar posse na vaga do concurso e um dia após a entrega do meu diploma de graduação, fui tomar posse no cargo, ou seja, foi um ano bem agitado, mas no final muito compensador.

Voltando ao relato sobre a minha pesquisa do TCC, eu e meu colega de turma, Moisés Martins Sousa, resolvemos escrever nosso Trabalho sobre como os professores (as) de EF escolar planejavam suas aulas, escolhiam os conteúdos que iriam ministrar, assim como quais materiais e espaços disponíveis para essa realização.

Produzimos nossa primeira escrita significativa dentro do curso que foi o TCC intitulado “O trato com o conhecimento na educação física escolar: realidade e possibilidades” que, baseado na abordagem crítico-superadora na Educação Física, analisou a situação envolvendo alguns professores (as) de uma escola pública do município de Belém - Pará. Nessa pesquisa, a partir da aplicação de questionários, verificamos que o conteúdo “Esporte” era o único ministrado nas aulas dos três professores (as), alguns visando a melhora técnica dos (as) alunos (as), outros (as) visando apenas a diversão dos mesmos ou pensando na importância que a prática esportiva traria para aquelas pessoas. Nos deparamos com realidades totalmente controversas ao que tínhamos estudado nas literaturas. Eram ambientes improvisados para as aulas, cedidos por outra instituição, além da total escassez de material para o (a) professor (a) trabalhar, constatamos que aos (às) professores (as) não era ofertado nenhum tipo de formação continuada, nenhum tipo de atualização ou estudo direcionado sobre novas práticas da EF escolar. Isso fazia com que os professores embasassem suas práticas em seus conhecimentos adquiridos décadas antes em sua graduação.

A pesquisa ocorreu com um público-alvo restrito, apenas 3 professores (as) de uma única instituição pública de ensino.

Assim se encerrou minha trajetória acadêmica fazendo com que eu me dedicasse ao trabalho em escolas públicas e em uma escola particular.

### **1.3 A busca por conhecimento e qualificação das aulas**

Após quase 19 anos de formado na graduação, mesmo fazendo cursos e especializações em diversas áreas, sempre senti falta de continuar esse debate sobre minha prática na EF escolar.

Desde 2020 resolvi pesquisar cursos de mestrado na área da EF escolar, pois queria dar continuidade aos meus estudos, ampliar meus conhecimentos sobre a área e dar mais qualidade às minhas aulas. Foi quando descobri o Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF) em rede nacional, um formato de mestrado exclusivo para professores (as) da educação básica atuantes em escolas públicas, onde o requisito primordial era que o (a) professor (a) deveria estar trabalhando em sala de aula para poder cursar.

Em 2023, depois de acompanhar alguns editais lançados em anos anteriores para poder conhecer a dinâmica do curso, resolvi me inscrever para o polo da Universidade Federal do Ceará (UFC) e concorrer a uma vaga. Ao conseguir entrar me deparei com os blocos de disciplinas onde os questionamentos sobre as práticas pedagógicas da EF escolar foram o tema principal do início do curso. A partir daí pude ter uma visão mais ampla sobre tudo que eu havia realizado como prática pedagógica durante toda a minha carreira.

Em uma das disciplinas, nosso professor nos desafiou a refletir sobre um episódio de injustiça social que havia ocorrido dentro de nossa prática pedagógica. Nós deveríamos escrever sobre o episódio e ele se tornaria, além de uma produção avaliativa da disciplina, um capítulo de um livro sobre episódios de injustiças sociais nas aulas de EF. Logo me veio à mente o episódio relacionado à Pandemia de Covid 19 onde, pelo fato de eu trabalhar na rede privada e pública no estado do Pará, verifiquei a gritante diferença de metodologias utilizadas para o atendimento de alunos (as) durante o momento em que as aulas presenciais foram suspensas e deveríamos dar continuidade de forma remota. Nesse episódio, a escola privada conseguiu oferecer aulas online aos (às) alunos (as) e toda uma estrutura de continuidade ao atendimento direto, enquanto que nas escolas estaduais eram apenas entregues materiais impressos para que os (as) discentes realizassem as tarefas em casa e devolvessem resolvidas na escola, muitas vezes sem nenhum contato com o (a) docente responsável pela disciplina. As consequências dessas metodologias são sentidas até hoje, prejudicando os (as) discentes das escolas estaduais e agravando a diferença em comparação com os (as) da rede privada.

Resolvi fazer mais do que o texto avaliativo e o capítulo do livro proposto pelo professor e enviei o texto para minha orientadora da dissertação, Prof<sup>a</sup> Dra. Elisabete dos Santos Freire, propondo escrevermos um resumo para ser apresentado no Congresso ISATT que aconteceria na UFC em setembro de 2024, mais precisamente entre 09 e 13/09. Ela respondeu positivamente então começamos a trabalhar nesse texto.

Ao participar desse congresso, além de apresentar o trabalho sobre o episódio de injustiça social vivenciado nas aulas de EF, pude conhecer mais sobre o método de pesquisa “*self study*” ou “auto estudo” em Português, onde o (a) pesquisador (a) e seu “amigo (a) crítico (a)” analisam a prática pedagógica buscando entender todo o processo de desenvolvimento dessa prática, identificando possíveis incoerências e pontos positivos na prática do professor (a)-pesquisador (a).

Desta forma pude entender o quão importante é o (a) professor (a) olhar para sua própria prática buscando entender o que ele (a) realmente consegue executar em suas aulas de EF escolar e se o que executa está de acordo com o que ele acredita ser a função da disciplina na formação dos (as) discentes, pois relacionar os conteúdos à realidades dos (as) estudantes, faz com que eles (elas) reflitam sobre a sociedade e os problemas contidos nela, além de perceber o quão desigual essa sociedade é já que, segundo Ribeiro (2024, p.27) “As desigualdades e injustiças presentes na sociedade são fenômenos complexos que afetam inúmeras dimensões da vida das pessoas”, ou seja, dessa forma, estaremos ajudando os (as) estudantes a perceber e buscar soluções para situações de injustiças encontradas no decorrer de suas vidas.

Silva (2024, p.35) afirma que

a justiça social busca combater a discriminação, a marginalização e a exclusão social, promovendo a igualdade de oportunidades, o acesso justo à educação, saúde, moradia, emprego e outros recursos essenciais. Isso envolve a ideia de que todas as pessoas devem ter acesso igualitário aos benefícios da sociedade e que as desigualdades injustas devem ser abordadas e mitigadas.

Ao vincular essa temática aos conteúdos da EF escolar, entendemos que a escola não é apenas um local de reprodução de conteúdos, mas um espaço de formação política e pedagógica, articulando as práticas corporais à função social, suprimindo uma formação democrática, universal, laica e de qualidade, logo, é função do (a) professor (a) organizar um currículo crítico-reflexivo, que vá além de aptidão física e promova a apropriação da cultura corporal como expressão social e histórica (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O método do autoestudo foi escolhido pelo fato de, a partir dele, o (a) pesquisador (a) passa a se interessar mais pela sua área, adotando um olhar mais crítico sobre os fatos que ocorrem dentro de suas aulas, refletindo sobre os possíveis problemas encontrados e buscando estratégias pedagógicas para solucioná-los.

Essa análise vai ocorrer em parceria com um “amigo crítico”, onde serão compartilhados anotações, planejamentos e diários, buscando analisar os incidentes críticos percebidos durante as aulas e a forma como foram resolvidos de acordo com a prática pedagógica da disciplina Educação Física.

A partir disso pretendo realizar um autoestudo sobre as estratégias pedagógicas, relacionadas aos conteúdos da disciplina, utilizadas por mim para refletir junto a turma sobre os incidentes de injustiça social ocorridos durante as aulas.

Os estudos de teorias críticas durante a graduação, o aprofundamento do tema durante a tarefa da disciplina do mestrado reconhecendo incidentes críticos dentro de minhas aulas e a apresentação ao autoestudo durante a participação no congresso ISATT me conduziram a fazer essa reflexão e perceber que essa prática já estava presente no meu dia a dia enquanto professor, porém o mestrado me possibilitou conhecer de forma mais aprofundada esses temas, a ponto de instigar a pesquisar e escrever minha dissertação sobre o assunto.

Essa discussão que proponho fazer objetiva analisar, por meio de um processo de autoestudo, as estratégias pedagógicas mobilizadas pelo professor-pesquisador diante de situações de injustiça social nas aulas de Educação Física escolar, buscando compreender como esses episódios emergem no cotidiano escolar e de que forma podem ser problematizados e enfrentados no contexto pedagógico.

Esse estudo faz-se importante pois, assim como eu, muitos (as) saem da graduação ainda sem uma ideia de como deve ser conduzido seu trabalho na EF escolar, independentemente de quais abordagens teóricas decidem seguir, adaptando sua prática ao que a escola, a comunidade escolar ou a experiências enquanto aluno (a) da disciplina na educação básica, fazendo uma reprodução de práticas, que muitas vezes, se encaixam em métodos tradicionais que não permitem ao (à) professor (a) ter sensibilidade de identificar e discutir sobre esse tema junto aos (às) alunos (as).

## 2. APORTE TEÓRICO

Nesse capítulo trataremos do aporte teórico que, segundo Severino (2013, p.162) “constitui o universo de princípios, categorias e conceitos, formando sistematicamente um conjunto logicamente coerente, dentro do qual o trabalho do pesquisador se fundamenta e se desenvolve”. A partir dessa revisão, faremos uma apresentação dos conceitos de justiça social e da técnica que será utilizada para reconhecer e analisar incidentes críticos.

Ao analisarmos os conceitos de forma reflexiva e crítica, estaremos discutindo quais estudos relacionam esse tema às aulas de Educação Física visando entender de que forma os incidentes críticos envolvendo situações de injustiça social afetam o desenvolvimento das aulas da disciplina e quais atitudes são tomadas na tentativa de solucionar os problemas identificados no dia a dia das aulas.

Carvalho e Peres (2020, p. 103) entendem a

justiça social como conceito ético e moral que reconhece direitos inalienáveis a todos os seres humanos – numa perspectiva de equidade, solidariedade e respeito pela dignidade humana –, direitos estes que devem, por uma imperativa questão de princípio, ser socialmente salvaguardados.

A justiça social serve para garantir os direitos sociais e assegurar que todos (as) tenham as mesmas condições para acessar os benefícios da sociedade, identificando e mitigando os problemas encontrados.

Segundo Silva (2024, p. 35) “há diferentes interpretações sobre como alcançar essa justiça, incluindo a equidade de oportunidades e o envolvimento ativo na sociedade, e para isso, é necessária uma sociedade consciente e ativa”. É nesse contexto que a escola deve deixar de tratar o ensino a partir de “um currículo conservador, porque na natureza da reflexão pedagógica não explicita as relações sociais e mascara seus conflitos” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 28) e partir para uma educação que busque identificar, discutir e debater episódios de injustiça social dentro das aulas, isso é de suma importância para formar uma sociedade consciente e ativa.

De acordo com Santomé (2013) apud Silva (2024, p. 36)

Um currículo verdadeiramente comprometido com a justiça social reconhece que as ações em sala de aula devem responder às necessidades e demandas da diversidade presente na escola e na sociedade, auxiliando todos (as) a se tornarem corresponsáveis por um projeto abrangente de intervenção sociopolítica, visando construir um mundo mais humano, justo e democrático.

A Educação Física como componente curricular, também deve contribuir para essa formação, porém, historicamente, essa disciplina, até a década de 1980, não se propunha a relacionar o tema justiça social em suas práticas, pois, segundo Coletivo de autores (1992) ela tinha como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do homem, buscando torná-lo forte, apto e ágil, apoiada em uma pedagogia tradicional pela tendência biologicista, adaptando-o à sociedade, alienando-o da sua condição de sujeito histórico, valorizando a obediência, o respeito às normas e à hierarquia, ou seja, não analisava e discutia a sociedade através de sua prática. Dessa forma, defendia os interesses da classe no poder e contribuía para a manutenção da estrutura da sociedade capitalista.

A relação da disciplina Educação Física com a justiça social ganha mais relevância a partir do momento da redemocratização do Brasil, onde faz-se uma reflexão sobre o papel da disciplina e da escola dentro da sociedade e quando surgem as teorias críticas (crítico-superadora e crítico-emancipatória) e pós-crítica cultural. Elas inspiraram os (as) educadores (as) a organizar suas aulas e conteúdos trabalhados com base em princípios da justiça social, com aulas mais inclusivas e equitativas para os (as) estudantes, independente de sua origem racial, opção sexual, classe social, gênero ou habilidades motoras, buscando promover o reconhecimento dessas práticas excludentes dentro das aulas e formulando práticas pedagógicas para superar esses conflitos de forma a proporcionar um ambiente seguro e acolhedor para os (as) estudantes participarem de forma ativa nas aulas (SILVA, 2024).

Philpot et al. (2021) afirma que devem ser elaboradas estratégias pedagógicas que possibilitem ultrapassar o simples apoio a pedagogias voltadas para a justiça social, permitindo identificar e adotar práticas de ensino que enfrentem diretamente as desigualdades sociais, ao invés de reforçar a exclusão de certos grupos de estudantes com base em fatores como gênero, sexualidade, etnia ou condição socioeconômica.

A disciplina Educação Física deve contribuir para uma formação crítica dos (das) estudantes, tornando-os capazes de participar ativamente da sociedade, de forma autônoma, compreendendo sua realidade, analisando-a e transformando a realidade em que vivem. Para isso, o (a) educador (a) deve tratar a disciplina para além da execução da prática esportiva ou reprodução de exercícios físicos, mas sim, ao agregar o tema justiça social em suas práticas pedagógicas, fazer com que a disciplina deixe de ser um componente curricular excludente, discriminatório e preconceituoso.

Para Nunes (2018), nessa perspectiva estudam-se as práticas corporais, não os movimentos. É valorizada a percepção dos (das) estudantes sobre a gestualidade contida nas

práticas das brincadeiras, esportes, lutas, danças e ginástica sem nenhuma classificação sobre o gesto estar certo ou errado e sem a preocupação em melhorar o rendimento do gesto.

Nunes (2018) afirma que é fundamental compreender que toda prática corporal está associada a determinadas concepções que, se não forem analisadas com atenção, podem resultar em abordagens que tanto reforcem a segregação quanto favoreçam a inclusão, podendo assim contribuir para a manutenção do preconceito e da injustiça social ou, ao contrário, valorizar e defender o direito à diversidade.

Ou seja, o (a) educador (a) deve ter essa sensibilidade durante as aulas para identificar essas tendências durante as práticas corporais e sempre debater junto aos (às) estudantes sobre os fatos ocorridos para que possam analisar e propor soluções.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é a valorização da cultura corporal dos (as) estudantes, que constitui um princípio fundamental visando reconhecer e integrar as tradições culturais da comunidade escolar ao processo educativo, transformando essas manifestações em temas de ensino. Ao considerar as práticas corporais vivenciadas pelos (as) estudantes, promove-se uma abordagem pedagógica alinhada à sua realidade cultural, muitas vezes marginalizada pela cultura hegemônica.

Uma Educação Física baseada no respeito, inclusão, valorização e socialização de vivências baseadas nas experiências dos (as) estudantes, debates abertos, incorporação nas aulas de temas como consciência de classes, sexo e raça, além de outros temas, podem contribuir para a promoção do pensamento crítico e capacitar todos os indivíduos a se tornarem interventores dentro de sua realidade social, visando tornar o mundo mais humano, democrático e justo (SILVA, 2024).

Algumas pesquisas relacionando a percepção de incidentes de injustiça social durante aulas da disciplina Educação Física já foram reproduzidas.

A professora Jorlany Pereira da Silva desenvolveu uma pesquisa voltada à identificação e visibilização de situações de injustiça social em suas aulas de Educação Física. Seu objetivo foi analisar como uma trilha de aprendizagem autoral e a Técnica dos Incidentes Críticos poderiam promover diálogos críticos e reflexivos sobre justiça social. Além disso, buscou compreender como suas próprias experiências, valores e posicionamentos influenciavam sua percepção e abordagem desses episódios. A investigação foi realizada com 39 estudantes do ensino médio, contando com o apoio colaborativo de um amigo crítico. Os resultados apontaram a importância do desenvolvimento de uma consciência autocrítica por parte da professora e da construção de uma prática pedagógica intencionalmente voltada à justiça social. Destacou ainda a relevância de uma abordagem dialógica, crítica e reflexiva

como instrumento de transformação na Educação Física escolar, contribuindo para a formação integral e emancipatória dos (as) estudantes e para o enfrentamento das desigualdades sociais no contexto escolar. Compreendo que dar um significado às práticas corporais, deixando de apenas reproduzi-las, é de suma importância para que os (as) estudantes obtenham essa compreensão e ampliem seu conhecimento acerca da importância da disciplina em suas vidas (SILVA, 2024).

Já Philpot et al. (2021) descreveram e analisaram o uso da Técnica de Incidente Crítico (CIT) como metodologia para investigar como professores (as) de Educação Física do ensino médio abordam a justiça social em suas práticas pedagógicas. O objetivo foi desenvolver estratégias de ensino que ajudem esses profissionais a aprimorar suas aulas, tornando-as mais inclusivas, participativas e voltadas para a equidade educacional. Através da CIT, foi possível registrar descrições detalhadas de experiências docentes comprometidas com a justiça social, além de identificar práticas alinhadas a perspectivas críticas, denominadas "pedagogias da justiça social". Os pesquisadores concluíram que o uso da CIT reafirma a importância de inserir a justiça social como eixo central na prática pedagógica da Educação Física. A proposta não busca impor um modelo único de ensino, mas oferecer possibilidades para que os (as) professores (as) adaptem essas estratégias a seus próprios contextos, fortalecendo o compromisso com uma educação mais justa e significativa para todos (as) os (as) alunos (as).

### 3. METODOLOGIA

O autoestudo como abordagem metodológica no campo da educação emerge em meados do século XX, vinculado a movimentos de valorização da reflexão e da prática profissional como elementos centrais para o desenvolvimento docente. Segundo Zeichner e Noffke (2000), eles examinaram diversos tipos de investigação no contexto da Associação Americana de Pesquisa Educacional (American Educational Research Association), destacando entre eles a investigação-ação, as origens do movimento do professor-investigador, a vertente contemporânea desse movimento e a pesquisa denominada auto investigação ou autoestudo (self-study), sendo esta última mais comum nos Estados Unidos, Inglaterra e Austrália.

O autoestudo surge a partir de uma mudança de postura do (a) professor (a), passando não mais ser apenas um reprodutor de conteúdos, mas alguém que busca refletir sobre sua própria prática e buscar fatos que possam ser analisados e melhorados a partir de um processo de investigação. Inicialmente, é uma prática que surge dentro dos cursos de formação de professores (as), onde os (as) profissionais já atuam na área, portanto, já tem o cenário a investigar.

Ela estabelece como métodos importantes para que professores (as) e formadores (as) possam investigar e aperfeiçoar sua própria atuação, com foco no conhecimento da prática, nos dilemas e nos desafios enfrentados cotidianamente. Loughran et al. (2004) adverte que precisa ir além de simples reflexões pessoais sobre a prática, envolvendo o questionamento dos fundamentos teóricos que a sustentam, com rigor e de forma sistemática, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o ensino e sobre a aprendizagem do ensinar.

Esse movimento é fundamental para que os (as) profissionais questionem e compreendam profundamente suas ações e contextos, gerando conhecimento a partir de sua própria experiência prática. Ele visa analisar de forma contínua e crítica a docência, indo além da simples observação ou descrição, para promover um aprofundamento que relacione a prática à teoria.

Esse método de pesquisa propõe que a “qualidade educacional depende do conhecimento dos profissionais e que os profissionais que estudam ativamente suas próprias escolas e salas de aula trazem uma abordagem valiosa para melhorar esse conhecimento” (Vanassche; Kelchtermans, 2015, pág. 508)

Desta forma Loughran (2009) propõe três tipos de autoestudo. O primeiro baseado em um estudo sobre si próprio, onde o sujeito analisa suas preocupações, dilemas e questões

de ensino sobre o ensino, produzindo respostas individuais e buscando soluções sobre sua prática. O segundo tipo está baseado no autoestudo colaborativo, onde outras pessoas possam contribuir de forma crítica, analisando sua prática e seus resultados. O terceiro tipo envolve o entendimento de como as instituições preparam os (as) professores (as), ou seja, ele analisa e questiona os programas e práticas de formação de professores (as), suas relações políticas e tentando entender de que forma isso prejudica a mudança das práticas institucionais e, conseqüentemente, a formação desses docentes.

Assim, partindo de uma análise individual, passando para a colaborativa e posteriormente para as instituições, seria o caminho para entendermos como se dá por completo e como essa reflexão pode contribuir para modificar essa formação de professores (as).

O autoestudo se consolida no âmbito da formação de professores (as) como uma resposta à necessidade de modelos mais críticos e introspectivos de investigação. Nessa época, o método passa a ser amplamente utilizado e defendido como uma alternativa aos estudos exclusivamente acadêmicos e teóricos, uma vez que o autoestudo permite que o (a) próprio (a) professor (a) seja investigador (a) de sua prática, transformando suas observações e reflexões em fontes de conhecimento.

A metodologia do autoestudo é descrita por uma abordagem reflexiva, interativa e centrada na prática dos (das) educadores (as), com a finalidade de promover o aprendizado contínuo e melhorar práticas pedagógicas. Este método é moldado por diferentes formas de autoestudo, que refletem variações epistemológicas e práticas.

Durante as décadas de 1960 e 1970 os estudos voltados para área da EF ficaram restritos a área esportiva, buscando entender esse fenômeno de maneira técnica, promovendo uma divisão das áreas de conhecimento sobre o assunto. Fletcher e Ovens (2020, pág. 04) afirmam que

houve um movimento para pesquisar, organizar e expandir a base de conhecimento do campo da educação física e do esporte em uma série de subdisciplinas, como a sociologia do esporte, fisiologia do exercício, biomecânica e psicologia do esporte/exercício. Embora esse desenvolvimento tenha ampliado o campo e sua base de conhecimento associada, também houve preocupações crescentes de que tais desenvolvimentos privilegiaram formas empírico-analíticas de pesquisa (pesquisa baseada em um interesse "técnico" em manipulação e controle) e marginalizaram a ciência social crítica (com base em um interesse emancipatório relacionado a fins políticos e morais).

Desta forma, os estudos não levavam em consideração os aspectos sociais e culturais que envolviam toda a realidade escolar e a prática pedagógica da disciplina, tratando-a apenas de forma técnica. Então, uma visão mais crítica sobre a área da EF escolar passou a

discutir essa postura técnica diante dos estudos e resolveram incluir aspectos mais humanísticos e sóciocríticos ao processo de ensino e aprendizagem dentro da área, passando a dar uma relevância social ao trato do conhecimento durante as aulas.

Em consequência dessa abordagem mais crítica, houve, na década de 80, uma discussão mais aprofundada de como aspectos da “cultura, linguagem, subjetividade, política, ideologia, poder e narrativa, todos, de maneiras complexas, permeiam a atividade de pesquisa e mediam os processos de aprender a ensinar” (FLETCHER; OVENS, 2020, pág. 04) que tiveram de levar em consideração todo o contexto que a pesquisa de EF está inserida e não apenas abordar de forma isolada e biológica o fenômeno esportivo.

A partir disso houve um incentivo à formação de professores (as) de EF que não fossem apenas reprodutores de conteúdos, mas sim professores (as) reflexivos (as), onde o (a) mesmo (a) se reconhece “como o historiador de sua própria experiência vivida e que fornece os meios para os praticantes submeterem suas ações à crítica, ao desafio e à transformação” (FLETCHER; OVENS, 2020, pág.05).

Nesse ponto, a metodologia do autoestudo pode proporcionar meios para que essa reflexão sobre a própria prática pedagógica do (a) professor (a) possa ocorrer de forma estruturada e rigorosa, permitindo pesquisas mais críticas e relacionadas com a realidade social em que está inserido.

Através do autoestudo, o (a) pesquisador (a) passa a se interessar mais pela sua área, adotando um olhar mais crítico sobre os fatos que ocorrem dentro de suas aulas, refletindo sobre os possíveis problemas encontrados e buscando soluções pedagógicas para resolvê-los.

O (a) professor (a) dá início ao processo investigativo, focaliza a pesquisa no próprio sujeito em ação, produz dados empíricos adequados à análise, dialoga com múltiplas perspectivas (tanto publicadas quanto compartilhadas diretamente) e compromete-se com a produção de conhecimento que possa orientar e transformar práticas futuras para além da própria experiência individual (LOUGHRAN, 2007).

Dessa maneira existe a possibilidade de proporcionar uma melhoria da prática pedagógica através da análise de sua própria prática, desde que ele consiga assumir novas posturas que, muitas vezes, serão contrárias às suas práticas tradicionalmente executadas, aperfeiçoando e qualificando a forma de ensinar.

Vale ressaltar que o estudo do eu na prática nunca é um esforço solitário, pois as práticas são conjuntos de atividades culturalmente vinculadas que emergem de ações coletivas, cultura e relacionamentos com outros (as) que também trabalham no mesmo ambiente ou comunidade de prática. Ou seja, por mais que possamos achar que estamos estudando apenas

nossa realidade, estaremos interagindo com outros (as) profissionais da área que possuem realidades semelhantes, mantendo um diálogo contínuo. Dessa forma, o professor (a)-pesquisador (a) não apenas aprimora sua prática pedagógica, mas também contribui para o desenvolvimento profissional docente e para a construção de conhecimentos no campo da Educação Física, especialmente quando a investigação está orientada por princípios de inclusão, equidade e justiça social (PHILPOT et al., 2021).

Essa participação pode ocorrer de forma colaborativa entre os sujeitos durante a pesquisa com a figura dos (as) amigos (as) críticos (as). Esse apoio “implica um senso de abertura, honestidade, cooperação, debate e diálogo que é inerente a uma coletividade comprometida com uma causa comum” (OVENS; FLETCHER, 2014, pág. 10).

Philpot et al. (2021) destacam a importância do (a) amigo (a) crítico (a) no processo de autoestudo da prática docente. Nesse contexto, o (a) amigo (a) crítico (a) atua como um (a) interlocutor (a) que contribui para aprofundar a reflexão do (a) professor (a) sobre os incidentes críticos ocorridos durante o processo de ensino. Ao questionar interpretações iniciais e oferecer um olhar externo sobre a prática pedagógica, esse (a) parceiro (a) de investigação ajuda a ampliar a compreensão das situações vivenciadas em aula, possibilitando identificar aspectos que muitas vezes passam despercebidos pelo próprio (a) docente. Além disso, o diálogo com o amigo (a) crítico (a) favorece análises mais consistentes acerca das relações de poder, inclusão e equidade presentes nas práticas pedagógicas, especialmente quando se investigam pedagogias orientadas para a justiça social.

Essas experiências de práticas pedagógicas podem ser compartilhadas pela manutenção de diários reflexivos, anotações de campo ou mesmo por vídeos e áudios gravados durante as aulas. A interação junto aos (às) amigos (as) críticos (as) pode gerar reflexões a partir de percepções externas das análises produzidas por eles através de conversas gravadas, e-mails ou observações práticas das aulas podendo proporcionar um entendimento e melhorar a prática do (a) pesquisador (a) por meios dos feedbacks recebidos (OVENS; FLETCHER, 2014).

Mas há sempre o risco de que o (a) pesquisador (a) siga um caminho em que suas descobertas atendam apenas suas próprias crenças e suas concepções, enviesando a pesquisa. Portanto, o (a) pesquisador (a) deve levar em consideração a observação dos (as) amigos (as) críticos (as) mesmo tendo suas justificativas e percepções pessoais para análise dos fatos, dando credibilidade ao estudo e valorizando o trabalho realizado.

Os (as) docentes que adentrem na pesquisa através do método do autoestudo na EF escolar devem entender seus/suas estudantes como sujeitos ativos no processo de ensino e

aprendizagem nas aulas de Educação Física. Nessa perspectiva, os (as) alunos (as) não são compreendidos (as) apenas como receptores de conteúdos, mas como participantes que trazem para o ambiente escolar experiências, valores e conhecimentos construídos em seus diferentes círculos sociais, como família, comunidade e práticas culturais. Ao considerar essas experiências no desenvolvimento das aulas, o (a) professor (a) amplia as possibilidades de compreender as interações e dinâmicas presentes no cotidiano escolar, incluindo questões relacionadas à participação, inclusão e relações de poder entre os (as) estudantes. Dessa forma, a valorização dos saberes e vivências dos (as) alunos (as) contribui para a construção de práticas pedagógicas mais contextualizadas e democráticas, favorecendo o diálogo, a reflexão crítica e o desenvolvimento de propostas educativas alinhadas a princípios de equidade e justiça social no ensino da EF.

Acredito que entender os (as) estudantes como seres dotados de saberes e, junto deles, construir o conhecimento a partir de suas experiências traz um significado muito maior para as aulas da disciplina, tornando o ambiente de sala de aula mais acolhedor, humanizado e democrático, e fazendo com que ele/ela se sinta pertencente ao processo de ensino-aprendizagem, lhe trazendo segurança para exercer seu poder de fala e podendo participar de forma ativa em todo o processo, formando assim, um (a) cidadão/cidadã consciente na sua realidade social.

Em parceria na elaboração desse autoestudo, convidei meu colega da turma de mestrado Sérgio Marcelo da Rocha Júnior para realizar o papel do meu “amigo crítico” compartilhando com ele anotações e planejamentos buscando analisar os incidentes críticos percebidos durante as aulas e a forma como foram resolvidos de acordo com a prática pedagógica da disciplina EF.

Philpot et al. (2021) ressaltam que a escolha do (a) amigo (a) crítico (a) é um elemento relevante para a qualidade do processo de autoestudo da prática docente. Segundo essa perspectiva, o (a) amigo (a) crítico (a) deve ser alguém capaz de promover questionamentos que estimulem reflexões mais profundas sobre as interpretações realizadas pelo professor (a)-pesquisador (a), contribuindo para evitar análises superficiais ou excessivamente subjetivas. Além disso, é importante que esse interlocutor possua algum conhecimento sobre o campo educacional ou sobre a área investigada, o que favorece a compreensão das situações analisadas e enriquece o diálogo reflexivo. Outro aspecto destacado refere-se à necessidade de uma relação baseada na confiança, no respeito e na abertura ao debate, permitindo que críticas e questionamentos sejam apresentados de forma construtiva. Ao mesmo tempo, recomenda-se que o (a) amigo (a) crítico (a) mantenha um certo

distanciamento da prática investigada, possibilitando oferecer uma perspectiva externa sobre os episódios analisados. Dessa forma, a presença desse/dessa interlocutor (a) contribui para fortalecer o rigor metodológico do autoestudo, ampliando as possibilidades de interpretação da prática pedagógica e favorecendo o desenvolvimento profissional do (a) professor (a).

O professor Sérgio Rocha teve uma trajetória como atleta de handebol e isso o influencia em seu trabalho como professor de Educação Física, permitindo com que experiencie de perto diversos desafios enfrentados pelos (as) estudantes, especialmente em um contexto marcado pela violência. Desde as situações de bullying que sofreu na infância até a descoberta do handebol como um espaço de acolhimento e de superação, essas vivências influenciaram e moldaram sua visão sobre o papel transformador da Educação Física.

Ele é professor em Guaiúba -CE, e lá pôde vivenciar de perto as dificuldades enfrentadas por jovens em um quadro social marcado por constantes adversidades, onde, muitas vezes, faltam oportunidades que estimulem o desenvolvimento integral e a construção de valores essenciais para a vida em sociedade. Acredita que a EF, quando ministrada de forma crítica e reflexiva, pode ser uma ferramenta poderosa para transformar condições desafiadoras.

Para analisar as situações envolvendo casos de injustiça social dentro das aulas de Educação Física utilizei as Técnicas de Incidentes Críticos (CIT) que tem se mostrado bastante eficaz nas análises de práticas pedagógicas de professores (as). A partir dos Incidentes Críticos (IC), situações de injustiça social podem ser reconhecidas permitindo uma melhor compreensão sobre as diversas situações que ocorrem durante as aulas, podendo haver um aprofundamento nas discussões e nas estratégias pedagógicas para tentar solucioná-las, ou, ao menos, amenizá-las.

Tive contato com a CIT em uma atividade de uma das disciplinas do curso de Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF) onde o Prof. Dr. Luiz Sanches Neto lançou o desafio de identificar um IC ocorrido em minhas aulas de Educação Física e escrever um capítulo de um livro sobre o assunto. Nessa atividade ele nos mostrou a técnica de CIT, apresentamos e discutimos junto à turma sobre a situação encontrada e a estratégia pedagógica que foi adotada para tentar solucionar.

A CIT é caracterizada como uma abordagem de pesquisa qualitativa criada com o objetivo de identificar os fatores relevantes que influenciam positiva ou negativamente o desfecho de uma determinada situação. Já o IC é definido como ações humanas visíveis que, em si mesmas, possuem complexidade suficiente para permitir que se façam inferências e previsões sobre quem as realiza. Para isso, é necessário que a situação torne claro o objetivo

ou a intenção da ação para quem observa, e que os resultados sejam suficientemente precisos para reduzir incertezas sobre seus efeitos (SILVA, 2024).

A CIT não representa uma técnica inteiramente inédita em seus fundamentos e abordagens gerais, já que, historicamente, as pessoas sempre observaram umas às outras, fizeram anotações detalhadas, reconstruíram cenas com base na memória e realizaram observações sistemáticas voltadas a comportamentos específicos. No entanto, o que diferencia a CIT é o fato de ela oferecer um método estruturado para organizar essas observações e convertê-las em relações que possam ser mais facilmente analisadas, testadas e comprovadas.

Para Brandão (2017) um IC é compreendido como um acontecimento ou situação que se sobressai por suas particularidades, sendo marcante, distinto e importante para entender determinado fenômeno ou processo. O (a) pesquisador (a) que optar por essa técnica deve, antecipadamente, estabelecer qual situação será observada, delimitando-a claramente. Isso exige que ele defina o que caracteriza um “incidente crítico” em seu estudo, esclarecendo os aspectos que conferem relevância à situação analisada.

A partir da percepção de IC que envolvam situações de injustiça social, o (a) docente pode analisar de que forma isso interfere nas dinâmicas pedagógicas de suas aulas, discutir junto aos (às) estudantes e buscar soluções pedagógicas em conjunto para resolvê-los.

Brandão (2017) destaca que apesar do uso da CIT no campo da pesquisa, deve ser levado em consideração seu valor no âmbito da intervenção. Esse potencial já se evidencia durante a coleta de dados, ao possibilitar que o (a) participante reflita sobre suas próprias ações. No contexto interventivo, a técnica pode ser utilizada como uma ferramenta de diagnóstico, ajudando a identificar diferentes formas de agir, pensar e reagir diante de situações que fazem parte da vivência do indivíduo em distintos contextos.

Assim, trata-se de uma abordagem que não apenas investiga a experiência humana, mas também contribui para o empoderamento do (da) participante, estimulando-o a agir de maneira mais consciente, ajudando os (as) estudantes a identificar, desafiar e transformar as relações desiguais de poder existentes (PHILPOT et al., 2021).

A adoção da CIT como estratégia para fomentar a justiça social nas aulas de Educação Física se justifica por sua capacidade de identificar e examinar situações concretas que revelam desigualdades sociais. Com a CIT, é possível reunir informações detalhadas sobre IC específicos vivenciados em sala de aula, o que favorece uma compreensão mais ampla das relações sociais, dos modos de interação e das possíveis manifestações de discriminação ou exclusão. Esse processo contribui para estimular a reflexão coletiva e ampliar a conscientização sobre as questões ligadas à justiça social (PHILPOT et al., 2021; SILVA, 2024).

Nesta pesquisa, fiz uso da CIT para, junto com os (às) estudantes, identificar situações de injustiça social que ocorrem em minhas aulas, as quais denomino de IC. A partir das inquietações que motivaram este estudo, o problema investigado está inserido no meu próprio contexto pedagógico e emergiu da observação e análise das minhas práticas em sala de aula. Movido pelo desejo de entender de que forma minhas ações, crenças e valores pedagógicos influenciam na promoção da justiça social nas aulas, optei por investigar minha própria prática por meio da metodologia do autoestudo.

Os instrumentos de coleta e registros de dados que serão utilizados nessa pesquisa estão no APÊNDICE A - DIÁRIO DE CAMPO DO PROFESSOR-PESQUISADOR – adaptado de Silva (2024, p. 155).

A pesquisa será realizada na Escola Estadual José Elias Emin que é uma escola da rede pública estadual do Pará e pertence a Diretoria Regional de Ensino – DRE de Maracanã – PA. Ela está localizada no município de Igarapé-açu, na Travessa Benjamim Constant, bairro Colina. Em termos técnicos a escola nunca foi fundada, pois ela foi construída no final do ano de 1990 conforme a portaria 1364/90-GS e no ano seguinte iniciaram-se as aulas. Atualmente possui as modalidades de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação para Jovens e Adultos (EJA), nos níveis Fundamental e Médio. A escola atende 24 turmas, distribuídas ao longo de dois turnos (manhã e tarde) com aproximadamente 609 estudantes matriculados em 2025.

A escola oferece biblioteca, quadra poliesportiva descoberta, com buracos, sem pintura e com itens metálicos totalmente enferrujados e oferecendo risco aos que utilizam essa dependência, os materiais para as aulas de Educação Física são adquiridos através de doações, coletas entre os funcionários e comprados pelo próprio professor da disciplina, sala de reforço e sala de recursos, entre outras dependências. Até 2024 a escola contava com 3 professores de Educação Física para atender toda a Carga Horária disponível. Porém, em 2025, os outros 2 professores decidiram trabalhar em outras escolas e eu fiquei com 21 das 24 turmas da escola, do 4º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio e 2º EJA. Devido a redução de carga horária do componente curricular Educação Física ocasionado pela reforma do ensino médio - Lei 13.415/17 - as turmas desse nível de ensino têm apenas 1 hora aula semanal de 45 minutos. As turmas do ensino Fundamental continuam com 2 horas de aula semanais, de 45 minutos. Vale ressaltar que ministro apenas aulas da disciplina Educação Física nessa escola.

A turma escolhida para a aplicação da pesquisa foi a turma do 4º ano do ensino fundamental regular (TURMA: F4M901) do turno da manhã. Essa turma possuía 16 estudantes matriculados dividida em 7 meninas e 9 meninos. A faixa etária varia entre 8 a 9 anos. A turma

é bem diversa em relação à classe socioeconômica, religião e raça. A motivação para escolher esta turma partiu do surgimento de um incidente crítico relacionado a questões de gênero, envolvendo a participação de uma das meninas da turma em um jogo.

O conteúdo trabalhado nesse 3º bimestre/2025 foi “Jogos competitivos e cooperativos”. O conteúdo segue o planejamento baseado no livro didático utilizado pelo professor, finalizando com a participação dos (das) estudantes no evento alusivo às comemorações do dia das crianças que foi realizado na própria escola.

Os registros das aulas aconteceram com o uso do Diário de Campo (Apêndice A), onde fiz minhas anotações de como ocorreu cada aula da disciplina, identificando as particularidades, falas significativas e incidentes críticos ocorridos. Essas informações foram compartilhadas com meu amigo crítico Sérgio Marcelo Rocha Júnior, onde discutimos os fatos ocorridos e ele pôde fazer indagações sobre as minhas ações durante a aula. O compartilhamento dos registros se deu através do envio desse documento via e-mail e por conversas em redes sociais para exposição de nossas reflexões.

A partir desses documentos que realizamos a análise dos dados coletados junto aos conceitos de justiça social e aos que relacionam à disciplina Educação Física.

## 4. SOBRE AS AULAS

No processo de escolha da turma em que eu realizaria o autoestudo, algumas dúvidas surgiram. Em qual das duas instituições públicas em que ministro aulas seria a escolhida? Tendo sido escolhida a instituição, quais critérios eu adotaria para escolher a turma para pesquisar? Vale ressaltar que somando as duas instituições públicas em que trabalho, sou responsável por 20 turmas no total, atendendo desde o 1º ano do ensino fundamental à 2ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do ensino médio. Ou seja, ministro aulas em todos os níveis de ensino da educação básica.

Diante desse vasto cenário, decidi dedicar uma semana do mês de agosto para observar quais turmas poderiam apresentar incidentes críticos relacionados a injustiça social durante as aulas de EF, analisar os casos encontrados e, assim, escolher qual turma iria participar da minha pesquisa.

A semana se passou e as aulas ocorreram normalmente, sem nenhum incidente crítico identificado até a quinta-feira. Porém, no último dia da semana, sexta-feira, ao final da manhã, uma situação ocorrida na turma do 4º ano do ensino fundamental dos anos iniciais da escola, chamou minha atenção e fez com que eu refletisse sobre sua possível relação com a minha pesquisa. Tratava-se de um incidente crítico relacionado com as relações de gênero originado por uma ofensa dirigida por um aluno para uma aluna em uma atividade coletiva onde ambos participavam da mesma equipe e, ao perder uma partida, o aluno chamou a colega de “lerda”. Houve uma intervenção no mesmo momento, mas percebi que deveria haver um aprofundamento da discussão sobre o tema, junto à turma.

Fiz anotações acerca de como a aula tinha ocorrido e inseri minha análise sobre essa aula.

Terminei minha análise durante a tarde daquele dia e, como nenhum outro incidente relacionado a injustiça social havia sido observado, decidi realizar a pesquisa com a turma do 4º ano.

Ao escolher esta turma, resolvi consultar o planejamento anual para verificar quais os conteúdos que seriam abordados durante o bimestre. Verifiquei que havia proposto a discussão sobre os jogos competitivos e cooperativos. O objetivo pré-definido seria vivenciar a prática de ambos os tipos de jogos, apresentando os conceitos e diferenciando um do outro. Além disso, estava prevista a desconstrução de um jogo competitivo, transformando-o em cooperativo, assim como a desconstrução de um jogo cooperativo, transformando-o em

competitivo. Ao final, a proposta era mostrar aos (às) estudantes que tanto a competição quanto a cooperação podem coexistir dentro da mesma atividade, principalmente durante atividades em grupo, quando, mesmo competindo contra outra equipe, os membros do grupo deveriam cooperar entre si para atingir um objetivo.

Ao me deparar com esse planejamento, me questionei sobre a forma como eu poderia abordar o tema justiça social durante as aulas, mantendo a temática dos jogos competitivos e cooperativos.

Busquei aprofundar os estudos sobre o tema e identifiquei que Orlick (1978) já afirmava que os jogos cooperativos se afastavam da estrutura tradicional de vencedores e perdedores, focando na união dos participantes em torno de objetivos compartilhados, onde o sucesso coletivo e a inclusão de todos prevaleciam sobre a competição individualista. Ou seja, a partir da prática dos jogos cooperativos, poderiam ser trabalhados os comportamentos dos (as) alunos (as) em relação ao seu próprio colega de equipe e em relação a equipe adversária, pois esse tipo de jogo preza pela comunicação, respeito e valorização do esforço coletivo dentro da prática corporal.

#### **4.1 O início do autoestudo**

A turma escolhida do 4º ano do ensino fundamental era formada por 16 estudantes devidamente matriculados e frequentes, sendo 9 meninos e 7 meninas, com média de idade de 9 anos. Considero que o autoestudo teve início no dia 22 de agosto de 2026, dia em que o incidente crítico relacionado a injustiça social aconteceu, sendo o 1º registro.

Iniciamos nosso encontro ainda dentro de sala de aula, com os (as) estudantes sentados em suas respectivas cadeiras. Apresentei o conceito de “jogo” e diferenciamos jogos individuais de jogos coletivos, quando os (as) estudantes exemplificaram primeiro jogos individuais e depois os coletivos. Foi tratado também a respeito da importância do trabalho em grupo para chegar ao objetivo do jogo coletivo. Após isso propus aos (às) estudantes que escolhessem praticar um dos dois tipos de jogos e eles escolheram os jogos coletivos, argumentando que assim todos poderiam participar da atividade. Após isso eles (elas) escolheram quais os jogos coletivos iriam jogar e como seriam a composição das equipes, levando em consideração o espaço e o material disponível para a prática que é uma quadra descoberta, duas bolas de borracha e três cones pequenos. Ficou decidido que jogariam “queimada” e “bandeirinha”.

Fomos para a quadra da escola e, ao iniciar com a atividade “queimada”, os (às) estudantes optaram por formar duas equipes mistas, apesar de um estudante argumentar que gostaria que fosse “meninos contra meninas” pois considerava que era “mais legal”. Mesmo assim, a maioria decidiu continuar com as equipes mistas. Durante as partidas tudo ocorreu de acordo com o esperado, sem nenhum tipo de conflito, com uma vitória para cada equipe.

Decidimos mudar de atividade e jogar “bandeirinha”. As equipes foram mantidas nas mesmas composições da “queimada”. Durante a primeira partida tudo estava ocorrendo sem nenhum tipo de conflito. Porém, ao final dessa partida, com a vitória de uma das equipes, um estudante (menino) fez a seguinte afirmação: “Vocês, meninas são lerdas!” e logo em seguida disse a outro menino “esse time é uma merda”. Essas afirmações incomodaram a reação das meninas, que se sentiram ofendidas e vieram-me cobrar uma atitude. Nesse momento, eu optei por reunir a todos (as) para dialogarmos sobre as falas do estudante. Pergunto-lhe por que ele fez o comentário a respeito das meninas de sua equipe? E ele, parecendo assustado diante da reação das colegas, não disse nada. Então eu perguntei se ele achava que as meninas da equipe dele não estavam se esforçando na atividade. Ele explicou que ficou chateado por perder a partida. Perguntei a ele se ele achava que ofendendo as meninas, elas iriam ficar mais motivadas a jogar com mais ímpeto e ele reconhece que não, pedindo desculpas, apertando a mão de cada uma delas. Por último, perguntei se em sua casa os homens costumavam tratar as mulheres de forma ofensiva. Nesse momento, ele baixou a cabeça e disse que não. As meninas da turma relataram que era recorrente esse tipo de comportamento do estudante para/com elas, não somente nas aulas de Educação Física, mas em outras também.

Sobre o segundo comentário dentro da partida direcionado a um menino dizendo que o “time era uma merda”, perguntei se ele considerava que seus colegas não eram aptos para jogar com ele. Então ele respondeu que achou que o time ficou desequilibrado, referindo-se ao nível técnico. Perguntei a ele se achava que as escolhas feitas pelo colega que formou a equipe teriam sido erradas e ele disse que sim. Perguntei a ele que se ofendendo a todos (as) na sua fala, ele achava que os (as) colegas iam se motivar e jogar mais. Foi quando ele disse que não e pediu desculpas a todos de sua equipe. Perguntei sobre de que forma ele achava que deveria agir para ajudar os (as) colegas e ele disse que iria se empenhar mais e orientar de forma educada a todos (as).

Após isso, realizamos a 2ª partida e tudo transcorreu normalmente, sem alterações, e a equipe do estudante que havia dito as falas ganhou. Chamei novamente os (as) estudantes e falamos sobre as atitudes que ocorreram na aula e perguntei a todos (as) se achavam corretas

e ouvi um sonoro “NÃO” dos (as) estudantes como resposta. Perguntei o que poderíamos fazer para não haver mais conflitos assim na turma e uma das meninas disse que mereciam respeito e que não gostariam de ser tratadas assim e um menino disse que sua mãe o ensinou a respeitar todos (as) e nunca falar com alguém assim. Finalizamos a aula e eles retornaram para sua sala.

Sobre a situação envolvendo o aluno e sua fala em relação às meninas, identifiquei em sua postura um entendimento de que meninas não conseguem desempenhar as tarefas dentro de um jogo com a eficiência que ele esperava ou que ele acha que consegue desempenhar, demonstrando um ar de superioridade por ser menino e uma ideia de que meninas não deveriam estar participando do jogo.

A respeito de sua fala posterior ofendendo sua equipe como um todo, meninos e meninas, mostra que ele se sente mais habilidoso que os demais e que, acometido pela raiva, não controla suas emoções deferindo ofensas coletivas.

Já conheço o aluno desde os 6 anos de idade e ele é fã da modalidade futebol, faz escolinha dessa modalidade e sempre demonstrou bastante habilidade nesse tipo de atividade, por ter uma infância bem ativa, acredito que isso tenha o favorecido fisicamente na realização de outras atividades também. As duas situações demonstram uma fragilidade emocional e um espírito competitivo exacerbado que pode ser reflexo do que ele vivencia dentro de casa ou no dia a dia junto a outros (as) amigos (as).

Refletindo sobre o incidente crítico, acredito que esse tipo de situação deve ser debatida em sala de aula, mas primeiro tive de fazer uma análise junto aos demais docentes se esse tipo de comportamento também ocorre dentro das aulas de outras disciplinas e organizar um momento em conjunto com todos da turma para tratar sobre o assunto. Dessa forma, para as aulas seguintes, decidi realizar outras atividades competitivas afim de analisar o comportamento dos (as) outros (as) alunos (as) da turma após esse incidente crítico e nossa conversa, visando verificar se outros (as) estudantes também apresentam esse tipo de comportamento. Após isso, entendi que seria importante elaborar uma sequência de jogos coletivos e cooperativos visando trabalhar a ajuda mútua entre os (as) colegas dentro da turma e analisar o comportamento de todos.

## **4.2 Segunda aula**

No 2º registro, na aula do dia 29 de agosto de 2026, iniciamos dentro de sala de aula, com os (as) estudantes sentados em suas respectivas cadeiras e relembramos as atividades desenvolvidas dentro da aula anterior. Durante esse processo, os (as) estudantes ressaltaram o

aspecto lúdico dos jogos praticados na aula anterior, mas mencionaram também as falas do colega em relação às meninas e ao seu próprio time. Aproveitei para levantar um debate sobre qual comportamento deveríamos ter para/com as pessoas em situações de jogos e no nosso dia a dia? Houve muitas falas sobre respeito com o próximo, com as meninas/mulheres até citando como são seus comportamentos com suas mães e irmãs e como deveria ser dentro das atividades nas aulas de Educação Física. As meninas relataram o uso de força demasiada dos meninos ao jogar a bola durante a brincadeira queimada, pois causa medo nelas de participar do jogo e, então foi perguntado para a turma o que poderia ser feito para amenizar a situação e foi proposto que os meninos, ao jogar a bola em direção às meninas, deveriam diminuir a força, tendo aceitação de todos os meninos da turma.

Após a conversa inicial fomos para quadra e repetimos a atividade anterior, pois havia terminado empatado. Porém, não repeti as equipes e, dessa vez, as equipes foram formadas por meninas, ao contrário do que houve na aula anterior. Duas meninas foram chamadas e, logo no início, um menino se recusou a participar da equipe em que foi chamado. Chamei ele para conversar e entender o porquê dessa atitude e ele relatou que “não gostava daquela menina que o escolheu, por desavenças dentro de sala de aula”, perguntei a ele se podia relevar, pensar no grupo, desconsiderando essa situação e participando da equipe? Ele disse que podia e topou participar. Ainda durante a formação das equipes, houve outro conflito entre dois alunos relacionado a ofensas verbais entre eles. Ambos se acusavam de que o outro estava o xingando. Chamei a atenção da turma para o ocorrido e outros (as) estudantes relataram que ambos sempre se comportavam dessa forma dentro da sala de aula e durante o recreio. Falaram que a professora das outras disciplinas sempre chamava a atenção deles e mesmo assim eles continuavam com o comportamento. Conversamos então sobre a importância da escola, sobre educação e sobre não poder xingar ou falar palavrões a outras pessoas, seja dentro ou fora da escola. Os alunos envolvidos relataram que na casa deles ouvem pessoas da família se tratar desses nomes, que isso é comum e tratavam isso como uma brincadeira. Pedi a eles que não fizessem mais isso, pois não condiz com a educação que é dada pelos (as) professores (as) e eles prometeram parar com esse comportamento.

As equipes foram formadas, o jogo iniciado e tudo transcorreu muito bem durante o restante da aula. Mudamos para a prática da travinha e outras equipes foram formadas, com a liderança das meninas da turma e tudo ocorreu tranquilamente, ressaltando falas de alguns meninos elogiando as meninas pelo desempenho que tiveram nas partidas. Sentamos num local com sombra e discutimos sobre a aula. Os (as) estudantes demonstraram gostar das atividades

e colocaram como pontos negativos as duas situações descritas com os dois estudantes se ofendendo. Desta forma finalizamos a aula.

Vale ressaltar que durante a semana conversei com a professora das outras disciplinas sobre os casos envolvidos na aula anterior para que tomasse ciência e para que pudéssemos agir em conjunto a respeito do incidente envolvendo a questão de gênero e o dos menos habilidosos. Ela não se mostrou surpresa, disse que existem outras situações que ocorrem nas aulas e que vamos reunir para abordar os temas em nossas aulas posteriormente.

Ao iniciar a aula, quando tratamos sobre os acontecimentos da aula anterior, reparei que o aluno envolvido se mostrou surpreso que trouxe o debate sobre o comportamento dele à tona novamente, mas ele ouviu a opinião de todos e voltou a se desculpar com a turma.

Nessa aula resolvi aceitar o pedido da turma de jogar bandeirinha novamente, mas, desta vez, resolvi colocar as meninas para formar as equipes e avaliar o comportamento de todos diante da situação, então tratou-se de uma decisão tomada propositalmente. A escolha da travinha, uma adaptação do futebol, também foi proposital por conta de ainda existir preconceito da participação feminina nessa modalidade, portanto, queria avaliar o comportamento dos (as) estudantes nessa atividade também.

Sobre a situação envolvendo o aluno e sua negativa de participar da equipe no jogo de bandeirinha, inicialmente pensei que seria mais uma situação envolvendo o caso de preconceito por ter sido uma menina formando a equipe. Mas, ao conversar com o aluno, ficou claro que é uma situação de conflito que vem desde as outras aulas das outras disciplinas. Desta forma, resolvi contornar a situação, conversar com o aluno e prosseguir com a dinâmica de formação das equipes. Como o aluno aceitou continuar na equipe, achei melhor registrar a situação para tratar junto a professora das outras disciplinas para abordarmos em conjunto e tentar resolver essa desavença.

Sobre a situação das ofensas verbais, como já conheço os alunos envolvidos, já havia percebido que se trata de um reflexo do tratamento que eles têm ou presenciam em suas famílias. Apaziguei a situação durante a aula, ressaltando que o fato não pode acontecer na escola e em lugar algum e fiquei tranquilo ao ouvir de outros (as) alunos (as) concordando com minha fala. Isso fez com que os alunos envolvidos, pelo menos naquele momento, não repetissem o comportamento inadequado.

O restante da aula ocorreu normalmente e o comportamento do aluno envolvido nos incidentes da aula anterior foi exemplar, mostrando que, pelo menos momentaneamente, amenizamos a situação, porém, acredito que essas situações devem continuar a ser observadas, não somente com esse aluno, mas com todos (as). Acredito também que o fato de todas as

atividades envolverem competição, acaba conduzindo o comportamento deles de forma mais agressiva e preconceituosa durante as aulas, pois faz com que eles repitam comportamentos vividos por familiares em situações semelhantes.

Como estratégia pedagógica, visando abordar o tema das questões de gênero ocorrida dentro da primeira aula, achei necessário instigar os (as) alunos (as) acerca da discussão sobre qual o papel da mulher dentro das práticas esportivas e da sociedade, buscando analisar qual a opinião de todos sobre o assunto e buscar entender se o fato ocorrido na primeira aula foi apenas um ato isolado ou um reflexo dos comportamentos vivenciados em seus cotidianos.

### **4.3 Terceira aula**

O terceiro encontro, aconteceu no dia 19 de setembro de 2026. Iniciamos dentro de sala de aula, com os (as) estudantes sentados em círculo no chão da sala. Lá foram mostrados os materiais que seriam utilizados, cartolina, cola, tesoura, imagens e frases impressas e foi pedido a ajuda de todos para cortar e separar. Após todos ajudarem nos cortes das frases e imagens, foi dado início ao processo de cola, primeiramente com o título do nosso cartaz “Lugar de mulher é...” e já percebi alguns alunos, meninos, completando a frase dizendo que era “cuidando da casa”, “lavando a roupa”, “cuidando dos filhos” e sorrindo. Das meninas presentes, uma se indignou e disse que eram falas machistas.

Durante a produção do cartaz, ele foi dividido ao meio em duas categorias, do lado esquerdo do cartaz deveriam ser coladas imagens simbolizando o papel da mulher no esporte e do lado direito imagens simbolizando o papel da mulher na vida. As imagens trazidas por mim, mostravam mulheres praticando algumas modalidades esportivas e outras imagens mostrando mulheres exercendo diversas profissões, então fui apresentando uma imagem de cada vez e perguntando a eles em qual categoria se encaixavam. Após a identificação da categoria, já posicionava a imagem no local onde ela deveria ser colada. A cada imagem apresentada eu perguntava aos (as) estudantes se a mulher podia praticar aquele esporte ou exercer aquela profissão, promovendo uma discussão a partir das falas dos (as) estudantes.

Após todas as imagens coladas, finalizamos a produção do cartaz com a seguinte frase: “...onde ela quiser!”. Finalizamos a aula perguntando aos (as) estudantes qual a relação desse trabalho com nossas aulas de Educação Física e eles, inicialmente, ficaram em silêncio, porém logo um aluno disse que lembrou da situação de uma aula em que um colega disse que “as meninas eram lerdas”. A partir daí retornamos a discussão, agora após o conhecimento e o

debate surgido na produção do cartaz, visando analisar as opiniões de todos os (as) estudantes. O resultado da construção do cartaz pode ser observado na imagem a seguir:

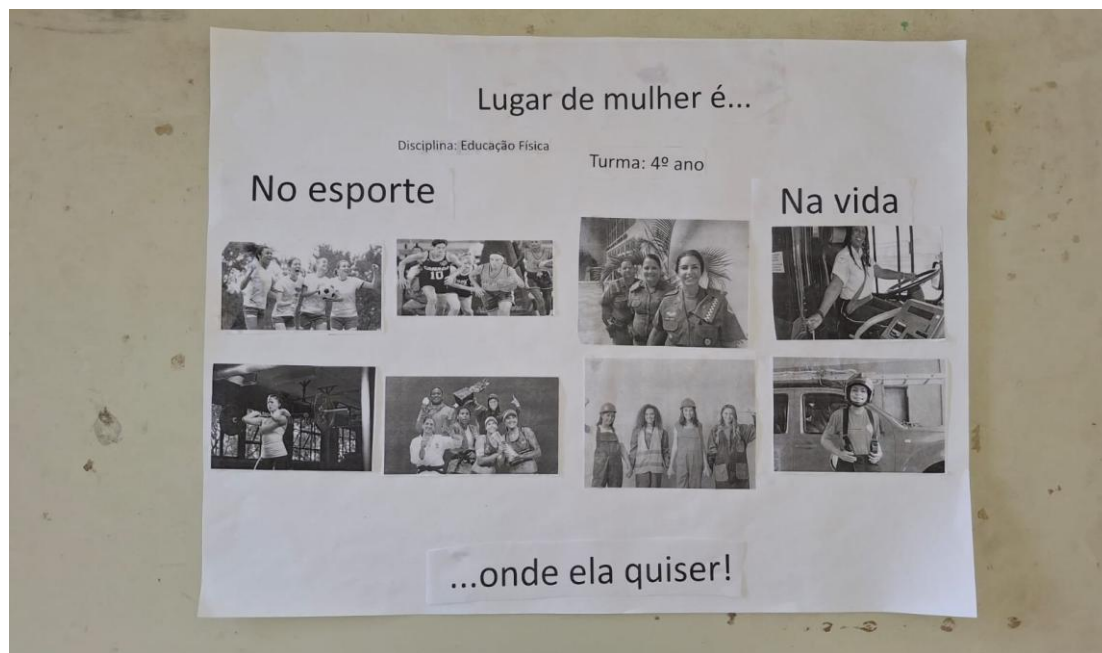


Figura 1: Cartaz sobre o papel da mulher [IMAGEM]

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Ao analisar essa aula, gostaria de destacar que a estratégia de iniciar a aula com todos sentados em círculo e no chão foi proposital, visando para colocar todos (as), meninos, meninas e professor, no mesmo patamar para poder discutir as questões de gênero. Ao iniciarmos com a colagem do título do cartaz, verifiquei que alguns alunos, meninos, já haviam entendido o tom da conversa que tínhamos e disseram falas visando desmerecer e provocar as meninas presentes na turma. Uma delas logo se pronunciou e taxou os meninos de “machistas”. Acalmei os ânimos e disse que íamos discutir isso durante o nosso trabalho, porém, consegui apresentar o tema a eles e já perceber quais eram os posicionamentos que tínhamos durante a atividade.

Ao começar a colar as imagens identificadas na categoria “esporte”, as opções de imagens eram de mulheres praticando futebol, basquete, treinando na academia e levantando premiações nas Olimpíadas de 2024. Logo na imagem do futebol, perguntei se as mulheres podiam praticar e todos disseram que sim, então perguntei se eles conheciam alguma jogadora de futebol feminino e alguns responderam que conheciam a Marta. Falei que ela já foi eleita diversas vezes a melhor jogadora do mundo e, logo em seguida, o aluno que teve a fala sobre as meninas na nossa primeira aula, disse que o Neymar era melhor, mostrando uma preferência pela qualidade do futebol masculino, em particular do jogador Neymar, e desmerecendo a qualidade da Marta. Perguntei a turma se era correto comparar o desempenho das mulheres

com o dos homens e alguns disseram que não e outros ficaram calados. Perguntei se a Marta jogava junto do Neymar. Nesse momento todos disseram que não. Então enfatizei que, como eles não jogam as mesmas partidas, não era justo comparar desempenhos e que cada um deveria ser avaliado dentro da sua realidade na prática do futebol. Quanto as outras imagens esportivas, não houve discussões consideráveis e sim um posicionamento favorável para que as mulheres participem. Perguntei a todos se alguma mulher conhecida por eles na família praticava algum esporte e todos afirmaram que sim.

Passamos para a categoria “vida” e, diante das diversas profissões apresentadas nas imagens, elas mostravam mulheres exercendo a profissão de bombeira, policial militar, motorista de ônibus e em diversas funções na construção civil. Ao mostrar as imagens sempre perguntei a eles se conheciam alguma mulher que exercia uma daquelas profissões mostrada na imagem. Então, todos relataram não conhecer, mas, alguns afirmaram que já tinham visto uma bombeira e uma mulher na construção civil. Perguntei se eles achavam que as mulheres podiam exercer essas profissões e a grande maioria disse que sim enquanto outros não comentaram. Por último questionei se suas mães, tias ou avós trabalhavam fora de casa. Nesse momento a maioria da turma disse que sim, inclusive o aluno envolvido no caso de chamar as meninas de lerdas na primeira enquanto jogavam bandeirinha.

Essa atividade serviu pra conhecer um pouco do entorno que envolve os (as) estudantes em relação as questões de gênero e que, mesmo com grande parte deles dizendo que mulheres podem praticar qualquer esporte ou exercer qualquer profissão, ficou a impressão que ainda vivenciam momentos entre familiares e amigos onde falas machistas ocorrem, e eles, os meninos, acabam reproduzindo até por provocação às meninas. Por último ao perguntar sobre a relação do tema com nossas aulas de Educação Física, um aluno lembrou do caso com a fala do colega sobre as meninas e novamente questionei se era correto esse tipo de comportamento ofensivo e machista, utilizando uma palavra dita por uma das meninas. A turma inteira, inclusive o aluno que protagonizou a situação, disseram que não e pediu desculpas novamente.

Aparentemente, ficou a impressão de que o aluno realmente se conscientizou do erro no episódio do jogo de bandeirinha, mas se essas situações ocorrerem em ambientes fora da escola, provavelmente, a atitude pode se repetir, e uma ação conjunta entre família e escola pode ser uma alternativa.

Visando melhorar a relação entre os membros da turma, nas aulas de Educação Física, resolvi trazer a prática dos jogos cooperativos, que tem como principal característica a valorização da cooperação em detrimento da competição. Neles, todos (as) os (as) participantes atuam juntos para alcançar objetivos comuns, sem a existência de vencedores (as) ou

perdedores (as), o que evita exclusões e eliminações. A participação de todos (as) é incentivada, respeitando as diferentes habilidades e ritmos, e a ajuda mútua torna-se um elemento central da dinâmica do jogo. Esses jogos reduzem a rivalidade e a agressividade, promovendo um ambiente mais acolhedor e seguro. Além disso, contribuem para o desenvolvimento de valores sociais como respeito, empatia, diálogo, confiança e senso de coletividade, priorizando o prazer em jogar e a experiência compartilhada, mais do que o resultado final (ORLICK, 1978).

Desta forma, tentei reduzir o número de conflitos, visando mostrar a importância do trabalho em grupo onde todos (as) devem se ajudar em prol de um objetivo comum, tornando o ambiente da aula mais acolhedor. Para isso, apresentei a proposta da desconstrução de um jogo que possui características altamente competitivas e tornando-o um jogo com características cooperativas.

#### **4.4 Quarta aula**

Em nosso 4º encontro, ocorrido no dia 26 de setembro de 2025, iniciamos dentro de sala de aula, com os (as) estudantes sentados em suas cadeiras. Escrevi a palavra “COOPERAÇÃO” no quadro, pedi a eles (elas) para ler a palavra em voz alta e perguntei qual o significado. A primeira palavra relacionada ao significado foi “RESPEITO” e, logo em seguida, uma aluna disse a palavra “AJUDA”. Eu as escrevi no quadro fazendo uma seta ligando essas duas palavras à palavra “COOPERAÇÃO” relacionando-as. Comecei perguntando como podemos cooperar ou ajudar outras pessoas em nosso dia a dia. E começaram a falar sobre situações de ajuda nas tarefas domésticas onde ajudam em casa. Então perguntei sobre como podemos ajudar na escola. Nesse momento houve falas sobre não fazer barulho enquanto o (a) Professor (a) estava dando aula, de levar o prato e copo após a merenda de volta para a cozinha da escola, respeitar e não ofender nenhum (a) colega ou funcionário (a) da escola. Nesse momento consegui relacionar as palavras “COOPERAÇÃO”, “AJUDA” e “RESPEITO” dizendo que deveríamos ajudar as pessoas respeitando-as. Perguntei como isso poderia acontecer dentro das nossas aulas de Educação Física e eles responderam que não reclamar do colega durante as atividades, respeitar as pessoas que formam as equipes em atividades coletivas e tratar as atividades como algo para que ficassem felizes ao realizar, sem brigas ou confusões. A partir dessa discussão, apresentei a atividade coletiva que colocaríamos em prática durante nossa aula.

Primeiro falei o nome do jogo “queimada”, o que os deixou bastante animados, depois expliquei que seria realizado de forma diferente e que eu faria algumas mudanças nas

regras, mas a principal seria que a pessoa que fosse atingida pela bola, passaria a pertencer a outra equipe, e que ela deveria se dedicar com o mesmo ímpeto a sua nova equipe, assim, o jogo finalizaria quando todos de uma equipe passassem para a equipe adversária. Após isso perguntei se haveria ganhador e perdedor nesse jogo e todos disseram que sim. Então pedi que refletissem sobre o fato de que todos iriam terminar na mesma equipe, já que, ao ser atingido, a pessoa mudaria para a outra equipe. Aí eles chegaram à conclusão de que todos iriam ser ganhadores, pois todos estariam se ajudando a trazer os colegas para sua nova equipe.

Após essa reflexão, fomos para a quadra colocar em prática o jogo. Pedi que a turma me indicasse quais os (as) estudantes tinham melhor comportamento em todas as aulas, incluindo a disciplina Educação Física, e a escolha dos formadores da equipe partiu do voto da maioria. Ao iniciar as escolhas houve um momento de recusa por um aluno, menino, mas, logo, os próprios (as) estudantes lembraram da nossa conversa em sala sobre cooperação e o conflito se resolveu. Ao iniciar a partida, demoraram um pouco a entender a dinâmica, mas logo davam boas-vindas aos (às) colegas que chegavam, até que um colega, ao ser atingido, foi acusado de não se esforçar para desviar da bola para retornar para sua equipe. Paramos a partida para conversar sobre o assunto e o aluno envolvido disse que não fez de propósito e o restante da turma lembrou que, ao trocar de equipe ele deveria se dedicar da mesma forma que se dedicava em sua equipe anterior. O aluno assumiu a culpa, pediu desculpas e prometeu não fazer mais. O jogo continuou e mais nenhuma situação de conflito ocorreu.

Ao final da aula, reunimos em uma sombra na quadra e perguntei a eles se gostaram dessa forma de jogo de queimada? Eles disseram que sim e seus semblantes mostravam muitos sorrisos pois estavam comemorando a “vitória” com todos da turma. Relembramos as situações de conflito que ocorreram durante a partida e pedi que relacionassem a prática de hoje com o conceito de cooperação. Disseram que a cooperação ocorreu quando mudavam de equipe e se empenhavam em jogar da mesma maneira para trazer seus colegas em um objetivo comum. Assim, encerramos a aula.

Ao analisar essa aula, percebi que começar perguntando sobre o que eles sabiam sobre cooperação fez com que se sentissem mais à vontade para emitir suas opiniões. Ao explicar as mudanças nas regras de um jogo altamente competitivo tornando-o um jogo cooperativo, deixou os (as) estudantes curiosos (as) para testar essa nova forma de jogar. Ao perceber que eles conseguiram relacionar nossa discussão sobre cooperação com a atividade proposta, fiquei muito satisfeito, pois, observei uma diminuição considerável de situações de conflito dentro da aula, comprovando que os jogos cooperativos podem se tornar uma alternativa para amenizar a ocorrência desses tipos de conflitos dentro das aulas.

Outro ponto positivo observado durante essa aula, foi a resolução da situação em que o aluno se recusa a ir para uma determinada equipe, e que os (as) próprios (as) alunos (as) o relembram da nossa conversa inicial sobre respeitar a escolha do (a) outro (a) e resolveram a situação convencendo o colega a ir para a equipe em que foi escolhido.

#### **4.5 Quinta aula**

Em nosso 5º encontro, ocorrido no dia 03 de outubro de 2025, iniciamos em sala de aula, conversando sobre três palavras destacadas e que foram o tema dessa aula “AMIZADE, COMPANHEIRISMO e RESPEITO”.

Foi perguntado para a turma qual o significado da palavra “amizade” e muitos (as) alunos (as) ficaram a vontade de se pronunciar, mas, em resumo, destaco a frase de um aluno que disse ser “quando a gente gosta de estar com alguém no lugar onde estamos, como a sala de aula”. Perguntei sobre o significado da palavra “companheirismo” e a maioria dos (as) alunos (as) não responderam, porém, podemos destaco uma fala significativa de uma aluna que menciona ser “quando a gente ajuda nosso amigo”. Por último, perguntei sobre o significado da palavra “respeito” e a fala significativa foi de uma aluna que disse “é quando a gente não briga, não xinga e não grita com o colega”. Depois de ouvir as respostas, perguntei se nessa turma todos eram amigos e um aluno respondeu que “uns são mais amigos do que os outros, mas que não tinha ninguém que não gostasse de ninguém, só que a amizade era mais forte entre alguns”. Perguntei se a turma concordava com a fala do colega e todos concordaram. Perguntei então se todos eram companheiros na turma e todas as respostas foram que sim e uma aluna ressaltou que “mesmo não sendo tão próxima de algum colega, ela sempre estava disposta a ajudar quando precisasse, acredito que todos nós devemos ser assim”. A turma concordou com a fala e preparei a última pergunta sobre se todos se respeitavam. Nesse momento houve divergências, uns dizendo que sim e outros dizendo que não. Encerrei a conversa e fomos para a quadra realizar as atividades planejadas.

Começamos por um circuito e a turma seria apenas uma única equipe, onde a competição foi contra seus próprios tempos de conclusão da atividade. O circuito consistia em passar por um trecho movimentando-se em “zig-zag” pelos cones que estavam em pé, depois saltar os três cones que estavam deitados, pegar um bambolê que estava no chão e, em uma distância demarcada no piso da quadra, acertar um pequeno cone que estava em pé, servindo como numa espécie de alvo. Para concluir a tarefa, o bambolê deveria permanecer no chão com o cone dentro dele e em pé. Após esse momento os (as) alunos (as) deveriam retornar para sua

fila, correndo na sua maior velocidade e batendo não mão do colega que estava a sua espera, liberando-o para passar pelo circuito. Esse processo foi repetido até o último colega da turma conseguir e o tempo total de todos foi registrado pelo um cronômetro que estava em posse do professor. Num total foram 3 tentativas para toda a turma com os 3 tempos cronometrados. Entre uma etapa e outra eles se reuniam para dar instruções aos colegas e para reorganizar a ordem de entrada no circuito, visando melhorar os tempos.

Vale ressaltar que, durante as passagens dos (as) colegas pelo circuito, os que estavam esperando sua vez, acabavam torcendo, chamando o nome do (a) colega, visando incentivá-lo (a). Após esse momento, nos reunimos e os (as) alunos (as) puderam expor suas opiniões sobre os fatos ocorridos na aula.

Ao analisar essa aula, percebi que, desde a roda de conversa, os (as) alunos (as) não são mal intencionados a desrespeitar os (as) colegas durante as aulas, pois, ao responderem sobre “amizade” e “companheirismo” todos entravam em consenso sobre o que significava e sobre se deveria acontecer dentro da turma. Porém, mesmo sabendo disso, quando tratamos sobre “respeito” percebi que, em situações extremas de estresse e cobrança, alguns adotam comportamentos agressivos para/com o outro (a). Eles deixaram claro que episódios de violência verbal e até mesmo física ocorrem no dia a dia por conta de falta de controle emocional de alguns.

Ao levar para a quadra, lembrei o que discutimos na sala e resolvi formar apenas uma equipe visando observar o comportamento diante de uma situação sem outras pessoas como adversários, deixando claro que a única competição seria contra o tempo e o quanto o companheirismo seria importante para incentivar o (a) colega a melhorar seu desempenho. E isso realmente aconteceu, pois, desde o início, vimos os (as) colegas conversando sobre o trajeto, incentivando quem estava cumprindo a tarefa e apoiando na chegada. No intervalo entre uma etapa e outra eu divulgava o tempo e perguntava a eles se tinha alguma forma de mudarem algo para melhorar o desempenho. Eles reuniam e montavam uma nova estratégia, como mudanças de posições e orientações aos colegas que apresentavam dificuldades. Por consequência dessa organização, os tempos eram cada vez melhores, demonstrando que suas estratégias estavam sendo bem sucedidas.

Ao final, analisamos os três tempos e o último foi o mais rápido. Eles ficaram felizes e comemoraram e logo em seguida eu perguntei qual a relação do que tratamos em sala de aula com a atividade proposta na quadra. Alguns permaneceram com semblante de estarem pensando numa resposta elaborada, até que uma fala significativa afirmou que “tudo que foi falado em sala aconteceu no circuito, porque se não tivessem se apoiado, talvez não

conseguissem ir mais rápido”. Então, pra finalizar a aula, perguntei se esse comportamento deveria acontecer apenas nas aulas de Educação Física. Nesse momento todos disseram que não e que “deveria acontecer nas aulas dos (as) outros (as) professores (as) e em casa”. Vale ressaltar que não houve nenhum incidente crítico dentro da aula.

Nessa atividade foi exigida a participação, o apoio e a valorização do desempenho de todos sem nenhum tipo de discriminação, colocando em prática todas as características dos jogos cooperativos descritos por Orlick (1978). Para abordar essas características dos jogos cooperativos, desconstruímos um jogo competitivo, tornando-o cooperativo, depois trouxemos a proposta de um jogo já moldado como cooperativo, mostrando aos (às) estudantes que os dois comportamentos podem coexistir dentro de uma mesma prática, mas o respeito, o diálogo e a valorização tanto do companheiro de equipe quanto do adversário, devem continuar existindo.

#### **4.6 Sexta aula**

Em nosso 6º encontro, ocorrido no dia 10 de outubro de 2025, iniciamos em sala de aula, relembrando as três palavras que envolviam o tema da aula anterior “amizade, companheirismo e respeito”. Logo após isso fomos desenvolver as atividades planejadas na quadra.

Desta vez a proposta foi realizar a mesma atividade da aula anterior, porém, dividindo a turma em duas equipes, onde a competição não seria mais em relação ao tempo, mas sim a quem conseguisse passar pelo circuito no menor tempo, ou seja, haveria uma equipe ganhadora e outra perdedora. O trajeto do circuito era o mesmo, porém ele foi duplicado para que cada equipe percorresse seu próprio circuito, não atrapalhando o desempenho da outra equipe. O critério para a formação das equipes foi o grau de amizade entre os membros. Foi iniciado a disputa e uma equipe se sagrou vencedora. Pedi às equipes para mudar suas estratégias de organização e incentivo, cada um com a sua realidade momentânea, vencedora e perdedora. As equipes se reuniram e sinalizaram estar prontas para recomeçar. Desta vez mudou a equipe vencedora, o que causou um empate na disputa.

Com o empate, resolvi realizar uma mudança na atividade, as equipes continuaram as mesmas e agora cada equipe teria um bambolê em mãos, onde o primeiro da fila jogaria o bambolê a frente, chamaria o (a) colega que estava atrás para ficar ao seu lado e esse (a) colega deveria saltar para dentro do bambolê, no local onde ele caiu. Após isso, quem estava dentro do bambolê, deveria levantá-lo e lançar a frente para que o outro (a) colega saltasse dentro, assim, todos lançaram e saltaram durante o percurso que era de um lado a outro da quadra

retornando para o lado de origem. Fizemos uma rodada de demonstração, sem qualquer tipo de competição e depois eles se reuniram para montar suas estratégias para iniciar a disputa. Foram realizadas 4 repetições dessa atividade.

Logo uma equipe conseguiu vencer duas vezes, mas sempre ao final de cada etapa, as equipes se reuniam para reorganizar suas estratégias. Na terceira etapa, a equipe que havia perdido conseguiu ganhar, o que deixou um clima acirrado dentro da aula. Na última etapa, no último lance, a equipe que estava à frente do placar tinha uma pequena distância para concluir o trajeto, quando um aluno lançou a uma distância muito curta, não concluindo e tendo de chamar um outro colega que estava na vez, isso fez com que eles perdessem tempo e com que a equipe que estava atrás do placar ganhasse e empatasse a disputa. Para conclusão da aula, nos reunimos e os (as) alunos (as) puderam expor suas impressões sobre a aula. Falei sobre a próxima semana que eles teriam dois dias de comemoração ao dia da criança com atividades cooperativas e competitivas e que todos deveriam vir para se divertir. Nesse momento demonstraram animação com a notícia.

Ao analisar a aula, percebi que, apesar de nessas atividades, os (as) alunos (as) estarem diante de pessoas como adversários, diferente da aula anterior em que o adversário era o tempo, eles (elas) mantiveram o comportamento respeitoso e incentivador da aula anterior. Apesar de estarem mais envolvidos cada um torcendo pela sua equipe, não houve situações de desrespeito durante as atividades. Houve brincadeiras a cada momento de vitória, mas nada que provocasse na turma um comportamento agressivo. Por coincidência, não houve um ganhador no final, apesar dos pedidos de desempate, porém com o tempo de aula já extrapolado. Isso fez com que o clima de rivalidade entre as equipes ficasse mais ameno.

Outra coisa que percebi foi no critério de formação das equipes onde o grau de amizade entre os membros deveria ser levado em consideração. Por um lado, eles ficaram mais à vontade e com confiança para poder executar as tarefas, mas por outro lado, no momento das escolhas, surgiram alguns olhares de decepção acerca de não estarem na outra equipe, até porque a quantidade de alunos (as) em cada equipe deveria ser equivalente. Porém, algo me surpreendeu, mesmo com um colega que visivelmente estava insatisfeito por não estar na outra equipe, sua atual equipe foi motivá-lo, o que fez seu semblante e sua atitude mudar durante as atividades, trazendo a ele um sentimento de acolhimento dentro daquela atual equipe.

#### **4.7 Sétima aula**

Em nosso 7º encontro, ocorrido no dia 16 de outubro de 2025. Ocorreu o primeiro dia de comemorações ao dia das crianças na escola.

Iniciamos a aula em um ambiente diferente dos demais dias, pois, o pátio onde os (as) alunos (as) merendam foi o espaço para iniciar a primeira atividade. Além disso outro fator estava diferente da rotina das aulas, era a presença da turma do 5º ano que iria realizar a atividade junto com eles (elas).

Antes de dar início na primeira atividade, todos (as) os (as) estudantes já se encontravam participando de brincadeiras coordenadas pelos outros professores das turmas. Brincadeiras como corrida de saco, disputa de “cabelo maluco”, entre outras. Após isso, reunimos as turmas para explicar a próxima atividade.

A atividade foi uma tarefa cooperativa dentro de cada turma visando montar um quebra-cabeça gigante com cada peça segurada por um (a) aluno (a) da turma, totalizando 12 peças. O restante dos (as) alunos (as) que não ficaram segurando as peças, deveriam se posicionar em cima de um pequeno palco e orientar as mudanças de posição das peças visando a montagem correta da imagem. Em cima do palco eles contavam com uma versão em miniatura da imagem que deveria ser montada, assim, poderiam orientar as trocas de posições. A imagem escolhida pela comissão organizadora do evento foi o brasão da escola, visando fazer com que os (as) alunos (as) identificassem esse símbolo. Cada equipe tinha um microfone e as ordens foram dadas por quem estivesse com ele.

A prova iniciou com os (as) 12 alunos (as) buscando numa pilha de papelão as 12 partes da imagem e levantando acima da cabeça para que os (as) colegas no palco pudessem ver. Como era um evento em conjunto com todos os professores das turmas e disciplinas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, foi prometido a equipe que conseguisse montar o quebra-cabeça em menor tempo uma premiação, porém, tive de intervir e consegui uma premiação para 1º e 2º lugar, ou seja, todos ganharam a premiação. Essa premiação consistia em um pacote contendo pipocas doces e salgadas.

Após atividade me reuni com a turma do 4º ano para saber suas impressões. Houve o momento da merenda e, logo após, todos (as) foram convidados (as) para a quadra da escola onde houve a disputa de 3 partidas de queimada tradicional, porém com a inclusão de uma 2ª bola no jogo, entre as turmas do 4º e 5º ano. A equipe que conseguisse ganhar duas partidas seria a campeã e receberia uma premiação. A premiação também seria para 1º e 2º lugar. A premiação dessa disputa consistia em um pacote contendo pirulitos e bombons.

Ao final, me reuni com a turma do 4º ano para saber suas impressões. Pra finalizar a aula, anunciamos que no dia seguinte haveria a disputa do torneio de futsal. Desta forma encerramos o primeiro dia de comemorações do dia da criança.

Vale ressaltar que esse evento foi planejado em um contexto interdisciplinar, com a participação de professores (as) de outras disciplinas que envolviam as turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental e que, portanto, as decisões, inclusive as escolhas das atividades, foram tomadas em conjunto.

Analisando essa aula, percebi que os (as) alunos (as) da turma do 4º ano ficaram surpresos e curiosos a respeito de como a atividade do quebra-cabeça aconteceria. Tivemos de fazer uma simulação com ajuda dos (as) outros (as) professores (as) e funcionários (as) para que eles entendessem a dinâmica, porém, logo as dúvidas foram sanadas e a atividade pôde iniciar.

O envolvimento dos (as) alunos (as) foi tão grande que gerou uma onda de euforia torcendo para que seus (suas) colegas conseguissem montar seu quebra-cabeça primeiro, porém, eles logo perceberam que o barulho gerado estava atrapalhando no entendimento das instruções, até que eles (elas) mesmos (as) se organizaram para deixar apenas uma pessoa ao microfone dando as instruções, com a ajuda dos demais colegas que estavam em cima do palco. Isso fez com que eles (elas) tivessem êxito na montagem do quebra cabeça, se sagrando os vencedores daquela tarefa. Essa organização não foi observada na turma do 5º ano.

Após a atividade, todos (as) das duas turmas foram abraçados (as) por seus (suas) professores (as) e parabenizados (as) por eles (elas) pelo empenho e dedicação, pois a disputa gerou comoção e envolvimento de todos (as) os (as) presentes no pátio da escola, gerando aplausos ao final da atividade.

Após a atividade fui conversar reservadamente com a turma do 4º ano para saber suas impressões e eles destacaram a mudança de estratégia no meio da atividade como ponto crucial para obter o resultado positivo. Relataram também o fato de todos ganharem a premiação, pois assim ninguém sairia triste. Ressalto que não houve nenhuma situação de provocação ou agressividade nem entre os (as) colegas da equipe e nem em relação aos (às) estudantes da turma do 5º ano.

Ao retornar do intervalo, já nos jogos de queimada, a turma do 5º ano iniciou ganhando a primeira partida, o que deixou um ar de desânimo na turma do 4º ano, porém, no intervalo para a 2ª partida, eles (elas) se reorganizaram em relação a estratégia de jogo e venceram a partida, empatando a disputa. Na 3ª e última partida a equipe do 5º ano se sagrou campeã. Porém, o que achei que seria algo desmotivador e gerador de conflitos dentro da turma,

se transformou numa atitude de apoio, pois, mesmo na derrota, houve um grande abraço da turma. Receberam a premiação e após isso me reuni com eles para saber suas impressões.

Os (as) estudantes relataram que ficaram tristes pela derrota, mas reconheceram que o desempenho da turma do 5º ano foi superior. Estavam felizes pela premiação e se mostraram motivados para o dia seguinte disputar o torneio de futsal. Perguntei sobre o abraço no final da disputa e eles disseram que foi uma forma de agradecer e reconhecer que todos fizeram o seu melhor. Não houve nenhuma situação de provocação e nem de agressão em nenhuma das duas atividades.

#### **4.8 Oitava aula**

Em nosso 8º encontro, realizado no dia 17 de outubro de 2025, continuamos com as atividades relacionadas a comemoração do dia das crianças. Ocorreu o torneio de futsal com as turmas de 4º e 5º ano do ensino fundamental.

Iniciei explicando sobre as formações das equipes que deveriam ser “mistas”, ou seja, na mesma equipe deveriam ter meninas e meninos já que ambas as turmas possuíam meninas com interesse em jogar. Expliquei também que, em nenhum momento durante a partida, as equipes poderiam ter apenas meninos em quadra e que as substituições deveriam acontecer de acordo com o gênero, oportunizando à todas as meninas o direito de jogar. Todos concordaram e formamos as equipes, sendo 1 equipe do 4º ano e 2 equipes do 5º ano. Desta forma expliquei que todos os times jogariam contra todos os adversários, dando 2 jogos para cada equipe e que, ao final, seria entregue uma premiação para todos (as) os (as) participantes.

Desta forma, iniciamos a competição e todos (as) os (as) participantes tiveram a oportunidade de jogar durante as duas partidas. Uma das equipes do 5º ano conseguiu 2 vitórias e se sagrou campeã do torneio.

Logo após o jogo final foi entregue a premiação para todos (as) os (as) participantes e eu reuni com a turma do 4º ano para ouvir suas impressões tanto sobre o torneio de futsal quanto sobre o evento de comemoração do dia das crianças. Os relatos foram positivos, principalmente em relação de interagir com outra turma, o que muda um pouco a rotina de aulas. Solicitaram mais momentos assim no decorrer do ano e disseram que gostaram bastante das premiações para todos (as), pois incentivou a participar assim como o fato de poder se divertir durante os jogos. Sobre as emoções sentidas relacionadas a vitória e derrota a maioria usou a expressão “foi de boa” simbolizando que não houve nenhum sentimento de

agressividade durante os momentos de derrota ou sentimento de provocação diante das vitórias, sempre respeitando os (as) próprios (as) colegas e os adversários (as).

Perguntei sobre o papel das meninas nas equipes de futsal e nas outras equipes das atividades, elas relataram que não sofreram nenhum tipo de pressão ou ofensa relacionada a ser menina e estar jogando. Fiz a mesma pergunta aos meninos para saber suas impressões a respeito da participação das meninas e eles relataram que por ter sido uma regra que atingiu todas as equipes, eles acharam justo e incentivador para que elas também participassem das práticas. Eu agradei a todos (as) e demonstrei satisfação em vê-los (as) competir de forma saudável.

Ao analisar essa aula, tenho de destacar que a participação dessa turma nesse torneio de futsal foi interessante pois, ao escolher a turma para a pesquisa, a motivação foi um incidente crítico relacionado a questões de gênero quando uma aluna é chamada de “lerda” por um aluno após uma derrota no jogo bandeirinha e, ao propor a prática do futsal, confesso que tive um certo receio, por conta da sociedade que, muitas vezes, tem uma resistência da participação das meninas, o que poderia gerar um novo conflito, porém, não houve.

Minha intenção nunca foi achar solução para problemas relacionados a gênero e violência, mas, com diálogos e atividades práticas dentro das aulas de Educação Física, fazer com que os (as) alunos (as) refletissem sobre esses comportamentos. Vê-los (as) competindo de forma saudável tanto com os (as) colegas de turma quanto com os adversários (as) foi muito satisfatório e recompensador para mim, enquanto professor.

## 5. DIÁLOGO COM A LITERATURA

Ao produzir e analisar os registros dos encontros, apesar da abordagem dos jogos cooperativos e competitivos já constar no planejamento anual da turma, confesso que a condução das aulas e as estratégias pedagógicas utilizadas foram escolhidas semana a semana, inclusive as opções de atividades que foram colocadas em prática junto aos (às) estudantes. Elas foram baseadas em minhas próprias experiências e desejo de tentar contribuir para uma formação crítica dos (as) alunos (as), buscando identificar casos relacionados a justiça social, fazendo discussões no decorrer das aulas e propondo soluções, ou ao menos, amenizando tais situações. A incorporação de princípios como inclusão, valorização da diversidade e reconhecimento das diferentes culturas no contexto escolar amplia o potencial da EF para contribuir no enfrentamento de desigualdades corporais e culturais presentes na sociedade (Silva, 2024). Em alguns momentos essas proposições foram realizadas por mim e em outros momentos foram propostos pelos (as) próprios (as) estudantes de acordo com suas próprias análises dos fatos.

Por trás de tais comportamentos apresentados nos incidentes críticos envolvendo casos de injustiça social, a ideia foi mostrar aos (às) alunos (as) que, muitas vezes, embora as aulas de EF despertem interesse em muitos (as) estudantes, elas também podem ser percebidas por alguns como um espaço de exclusão, marcado por experiências de constrangimento, discriminação ou bullying decorrentes das interações entre colegas ou de práticas pedagógicas pouco sensíveis às questões de justiça social.

Ao abordar esses temas dentro das aulas de EF, Silva (2024) entende que a disciplina tem potencial para colaborar no enfrentamento dessas desigualdades corporais e culturais na sociedade, especialmente quando suas práticas valorizam a inclusão, a diversidade e as diferentes manifestações culturais presentes na escola. Ou seja, serve para fortalecer e alertar sobre como esses comportamentos podem afetar os (as) demais colegas de turma, transformando o ambiente da aula de acolhedor para segregador e fazendo com que não se sintam pertencentes, perdendo o interesse de participar das mesmas.

No decorrer do curso de mestrado debatemos diversas vezes nas aulas sobre a relação da justiça social com a prática pedagógica nas aulas de Educação Física. A situação envolvendo os (as) estudantes da turma no episódio em que o aluno, menino, profere a frase chamando uma aluna, meninas, de “lerda”, porém causando reação em todas as outras meninas da turma, chamou minha atenção de uma forma diferente, pois, mesmo com anos de experiência como professor, observando e “resolvendo” situações desse tipo, minhas

intervenções se limitavam a apenas a encerrar o conflito, tratando somente com os (as) envolvidos (as) e sem uma ampla discussão perante a turma.

Segundo Pereira (2020), a participação das meninas nas aulas de Educação Física, especialmente em práticas esportivas, é frequentemente marcada por desigualdades de gênero que favorecem o protagonismo dos meninos. Essas representações influenciam tanto o comportamento dos (das) estudantes quanto o engajamento das alunas nas atividades, podendo gerar menor confiança e menor envolvimento com as práticas esportivas. A autora destaca que essas diferenças não decorrem de fatores biológicos, mas de construções socioculturais que associam o esporte à masculinidade, o que acaba limitando o envolvimento e a confiança das meninas nas atividades.

Por conta disso, senti a necessidade de uma discussão mais ampla e com todos (as), visando evitar comportamentos excludentes dentro das aulas de EF, pois, entendo hoje, que não se trata de um acontecimento que pode ocorrer apenas com um ou dois (duas) estudantes, mas sim com toda a turma. Vale a pena ampliar a reflexão para todos (as), pois, afinal de contas, cabe ao (à) professor (a) identificar e problematizar situações de exclusão, como aquelas relacionadas a diferenças de habilidade, gênero, aparência corporal ou outros marcadores sociais que podem gerar constrangimento ou marginalização durante as aulas. Ao reconhecer esses incidentes, o (a) docente pode repensar a organização das atividades, as estratégias didáticas e as formas de interação entre os (as) alunos (as), buscando tornar o ambiente mais inclusivo (SILVA, 2024).

Pereira (2020) também defende que intervenções pedagógicas fundamentadas em perspectivas críticas e coeducativas podem favorecer processos de empoderamento das meninas, ampliando sua participação efetiva nas aulas e promovendo relações mais igualitárias entre os estudantes (PEREIRA, 2020). Dessa forma, devemos entender que esses (essas) estudantes se tornarão adultos e podem acabar reproduzindo esse tipo de comportamento excludente em seus meios sociais, com suas esposas, filhas, mães, colegas de trabalho, etc.

A partir daí, achei necessário promover rodas de conversa durante as aulas, sejam elas para explicação de como ocorreria a aula, para discutir sobre os conflitos ocorridos e para promover reflexões sobre possibilidades de amenizar tais conflitos. Esses momentos ocorreram, praticamente, em todas as aulas e não havia um momento pré-determinado, mas passaram a ser uma prática fundamental no início, no meio e ao final delas. Essas rodas de conversa ocorreram com os (as) alunos (as) sentados em suas cadeiras em sua formação pré-estabelecida na organização da sala de aula, ou seja, com eles (as) enfileirados (as) e em outros momentos realizávamos ele com todos (as) em formato de roda. Ou seja, independente de como

estavam organizados, o mais importante foi possibilitar momentos em que pudessem expressar suas opiniões, contribuir com conhecimentos adquiridos em suas experiências pessoais e entender que podem propor ações dentro das aulas e na sociedade.

Essa estratégia pedagógica da “roda de conversa” é descrita por Pereira (2020) como um momento que possibilita ao (à) participante manifestar-se simultaneamente aos (às) colegas, compartilhando percepções, ideias, posicionamentos e reflexões acerca do tema discutido, bem como sobre as experiências e falas reveladas no coletivo. Ou seja, trata-se de um momento de liberdade onde os (as) estudantes podem argumentar livremente sobre os temas debatidos, contribuindo com suas experiências e relatos anteriores vividos em seu cotidiano.

Esses momentos mostram-se de suma importância, pois, é através deles que percebi que o comportamento ofensivo do aluno em direção a uma das meninas da sua equipe, não é um comportamento exclusivo das aulas de EF, mas que já ocorriam durante as aulas das outras disciplinas. É a partir dessas rodas de conversa que o aluno, autor da fala, demonstra arrependimento e expressa sua justificativa para tal comportamento, atribuindo a uma experiência de derrota durante a partida, demonstrando o quanto a vontade de vencer fez com que ele se comportasse ofendendo os (as) colegas. Podemos perceber também a total desaprovação dos (as) estudantes da turma em relação ao comportamento do aluno e as sugestões e impressões relatadas por eles (elas) exigindo mais respeito pela participação das meninas e que já recebiam ensinamentos dentro de casa que aquele comportamento era inadequado. Também, a partir dessas rodas de conversa, que o aluno se compromete e tratar os (as) colegas de forma mais educada durante as práticas corporais.

Sobre o roteiro das perguntas realizadas durante as rodas de conversa, Pereira (2020) explica que as rodas de conversa devem ser orientadas por roteiros semiestruturados, elaborados para estimular a participação dos (das) estudantes e provocar reflexões sobre os temas abordados. As perguntas não devem seguir um formato rígido ou padronizado; ao contrário, devem funcionar como gatilhos para estimular o diálogo, permitindo que os (as) alunos (as) respondam com suas próprias palavras e desenvolvam suas ideias a partir das situações vividas nas aulas e de suas experiências sociais.

Desta forma, ao realizar nossas rodas de conversa, utilizei o roteiro de perguntas previamente elaboradas, mas, de acordo com as falas dos (as) alunos (as), novas questionamentos, fora das perguntas planejadas, surgiam, no intuito de abordar questões não previstas e, assim, estimular mais suas participações. Vale ressaltar que nem todos (as) se sentiam à vontade para se expressar em todas as perguntas, porém resolvi não interferir nessa

dinâmica e tentar, nas aulas seguintes, promover mais momentos como esse para que ficassem mais familiarizados e mais à vontade para dialogar.

Paulo Freire (2024) se questionava por que não deveríamos discutir junto aos (às) estudantes a realidade concreta que viviam associada aos conteúdos das disciplinas, valorizando suas experiências sociais e seus conhecimentos e buscando utilizar esses aprendizados de forma autônoma?

Essa atitude de dar espaço de voz aos (às) estudantes, ocorre justamente para pesquisar sobre quais os valores identificados por cada um deles (as) dentro do seu convívio social, promovendo uma reflexão através dos conteúdos e dos acontecimentos dentro das aulas de EF. Avaliar se esse comportamento que o aluno teve dentro da aula está de acordo com o que cada um aprendeu em seu ambiente familiar e social. E poder expressar qual a sua maneira correta de agir diante do fato ocorrido.

As perguntas foram frequentemente organizadas a partir de temas geradores, inspirados na perspectiva de Paulo Freire (1987), que partiam da realidade dos estudantes e de situações problemáticas observadas nas aulas, como a exclusão das meninas nos jogos e discursos que reforçavam a suposta inferioridade feminina no esporte. Dessa forma, as rodas de conversa buscavam promover processos de conscientização crítica e ampliar a reflexão dos (das) alunos (as) sobre as desigualdades de gênero presentes tanto no esporte quanto na sociedade. Tais falas foram valorizadas, demonstraram a realidade vivida pelos (as) estudantes, expressa em suas experiências, questionamentos, tensões e situações do cotidiano. Não se trata de uma escolha aleatória do (a) professor (a), mas de algo que se constrói a partir do diálogo, da escuta sensível e da análise crítica do contexto social no qual os (as) estudantes estão inseridos (as). Assim, resolvi associar os acontecimentos dentro da aula ao conteúdo proposto para o bimestre de trabalhar os jogos competitivos e cooperativos.

Desta forma, fiquei curioso naquele momento, acerca de se a fala do aluno direcionada à menina era um acontecimento isolado ou foi motivado por ele estar diante de uma menina? E que, se os jogos competitivos causaram esse tipo de comportamento em um aluno da turma, será que outros (as) alunos (as) também não seriam afetados por esse clima de competição e, assim, passar a ter comportamentos agressivos diante dos (as) colegas? Por isso, resolvi elaborar as demais aulas buscando responder essas dúvidas.

Segundo Terry Orlick (1978), as atividades competitivas são frequentemente limitadas pela própria estrutura da competição tradicional, que tende a enfatizar a vitória, a comparação e a superação do outro. Segundo o autor, quando o foco principal está em vencer, os participantes podem priorizar interesses individuais ou de sua equipe em detrimento de

valores como empatia, apoio mútuo e respeito, o que reduz as oportunidades de desenvolvimento de comportamentos genuinamente cooperativos. Desta forma, minha estratégia foi, inicialmente, expor os (as) estudantes a mais jogos competitivos e depois desconstruí-los tornando-os cooperativos.

Com isso, a transformação de jogos competitivos em cooperativos se constituiu uma estratégia pedagógica relevante, pois possibilitou a ressignificação das experiências vivenciadas pelos participantes, deslocando o foco da vitória individual para a valorização do processo coletivo e da participação de todos (as).

Os jogos cooperativos podem contribuir para a construção de ambientes pedagógicos mais inclusivos nas aulas de Educação Física, pois favorecem relações baseadas na colaboração, no respeito às diferenças e na valorização da diversidade entre os (as) estudantes, reduzindo práticas de exclusão frequentemente presentes nas atividades esportivas escolares (RODRIGUES; BECKER, 2020).

Ao discutir questões relacionadas ao desmerecimento da participação das meninas durante a primeira aula e transformar esse episódio em tema gerador para o restante das aulas, a utilização dos jogos cooperativos mostrou-se uma ótima opção pedagógica justamente pela valorização do coletivo, incluindo a participação das meninas nas práticas e o engajamento dos (das) participantes, pois foram trabalhadas atividades onde todos (as) teriam um papel fundamental para conseguir o objetivo e, esse entendimento de valorizar a participação de todos (as), o aumento da confiança de quem estava participando, independente do nível técnico apresentado, pois o sentimento de pertencimento fez com que se dedicassem cada vez mais.

Os passos seguintes envolveram o processo inverso na organização das estratégias pedagógicas, pois, a ideia foi modificar jogos cooperativos tornando-os competitivos e buscando entender de que forma isso influenciaria a percepção da turma acerca da valorização de todos (as) nas práticas corporais, terminando com a participação da turma na atividade interdisciplinar em comemoração ao dia das crianças na escola.

Essa ideia é descrita por Orlick (1978) que defende a reestruturação das atividades competitivas, com a incorporação de elementos cooperativos que valorizem a participação, o apoio mútuo e o sucesso compartilhado, favorecendo o desenvolvimento integral dos indivíduos. Desta forma, a utilização de jogos cooperativos em contextos educativos pode favorecer processos de reflexão coletiva e diálogo sobre relações humanas, contribuindo para a construção de atitudes de respeito, responsabilidade e convivência entre os participantes (SILVA, 2021).

Amenizar o nível de competição ao promover modificações nas atividades, algumas delas propostas pelos próprios (as) alunos (as), proporcionou um ambiente mais acolhedor e respeitoso entre eles (as) durante as práticas, seja em momentos em que somente eles (as) da turma participavam ou durante o evento em que houve competição ocorreu entre a turma do 4º e do 5º ano.

Foi nítido a mudança de comportamento, verificado nas vitórias quando mantinham um clima respeitoso em relação aos (às) seus (suas) adversários (as) e mesmo nos casos em que houve derrotas, onde reconheceram o empenho de todos (as), sempre tentando incentivar os (as) colegas.

Trata-se de uma mudança pontual, mas que deve ter atenção contínua durante as próximas aulas e junto aos demais professores (as) da turma. É um trabalho que deve ocorrer com todas as turmas da educação básica, onde os (as) professores (as) da disciplina e das demais devem ficar atentos aos acontecimentos e tomar pra si a responsabilidade de mudança da realidade junto ao trabalho pedagógico.

## 6. SOBRE AS ANÁLISES DO AMIGO CRÍTICO

Os registros foram compartilhados semanalmente com o professor Sérgio Rocha, meu amigo crítico, porém, por questões de conciliação de suas atividades laborais, acadêmicas e familiares, as devoluções com a análise de cada aula não aconteciam em cronograma fixo, que permitisse discutir uma aula antes de planejar a aula seguinte. Mesmo assim, considero-os de suma importância, pois, mesmo não podendo aplicar na aula subsequente, serviam para que eu refletisse durante todo o processo.

Sérgio os analisava e me instigava acerca das percepções e soluções pedagógicas aplicadas visando uma maior reflexão sobre a efetividade dessas ações. Esse compartilhamento se deu através de trocas de e-mails e conversas em rede social visando maiores esclarecimentos tanto por mim quanto por ele acerca dos registros.

Pelo fato de o local de pesquisa e o local de moradia meu e do professor Sérgio estarem localizados em diferentes estados - Pará e Ceará respectivamente - não houve possibilidade de acompanhamento in loco das aulas, por isso, o procedimento adotado foi o registro por escrito dos acontecimentos nas aulas, criando um arquivo em Word e enviando esse arquivo via e-mail para que ele pudesse ter acesso a descrição das aulas. Esses relatos eram lidos e, no mesmo documento, ele fazia suas análises, avaliando positivamente algumas ações, dando sugestões e fazendo questionamentos acerca das ações pedagógicas escolhidas por mim.

Em primeiro momento, logo no primeiro registro, quando relato a situação de ofensa de um aluno em direção a uma aluna e, posteriormente, seus outros (as) colegas de equipe durante a prática do jogo Bandeirinha, fazendo com que outros (as) estudantes se manifestassem reagindo a situação, chamou a atenção do professor Sérgio, que ressaltou:

Aquele momento na quadra, com o aluno se desculpando e a menina falando que a mãe a ensinou a respeitar, me fez pensar o quanto a gente, como professor, é parte de uma corrente. A gente não está sozinho/a nessa missão de educar. E a gente também não pode esquecer que a raiva daquele menino veio de algum lugar. Às vezes, ele só está repetindo o que vê por aí, seja em casa, na internet ou com os/as amigos/as.

Ou seja, para ele, o papel do professor da disciplina EF não é apenas ensinar gestos técnicos de jogos e brincadeiras, mas também contribuir para uma formação muito mais ampla para a vida dos (das) estudantes, defendendo a intervenção realizada, não deixando a situação passar despercebida, chamando-os (as) para refletirem sobre os acontecimentos, debatendo e verificando possibilidades de melhoria no comportamento de todos (as) tanto dentro das aulas

quanto na sociedade, pois devemos entender que o comportamento dele não foi um caso isolado da disciplina, mas uma repetição do que ele vive em seu círculo social.

Na mesma análise, ele questionou acerca de:

[...] e se você tivesse ido um passinho além? O que eu faria, pensando aqui como seu amigo crítico, seria perguntar algo do tipo: "Beleza, mas por quê? O que a gente pode fazer, no dia a dia, para que isso não se repita?" "Você gostaria que alguma pessoa da sua família fosse tratada dessa maneira?". Talvez até perguntar, na sinceridade, o que faz alguém, quando está frustrado, explodir e falar uma coisa daquelas. Talvez isso abriria uma porta para eles (elas) se colocarem no lugar do (a) outro (a), e até para pensarem sobre as próprias reações quando perdem algo.

Esses questionamentos e a sugestão, apesar de chegar após o acontecimento da aula seguinte, serviram para que eu ampliasse mais ainda o leque de opções para aprofundar o debate dentro da turma. Pois, não podemos ignorar esse tipo de situação, por ter consciência de que estamos contribuindo para a formação de sujeitos que irão conviver em sociedade, e atitudes agressivas como essas não podem ser naturalizadas.

No que se refere às estratégias para tratar os episódios ocorridos, também acredito em momentos de reflexão, partindo do micro (o contexto específico da ofensa direcionada às meninas) para o macro (a forma como o aluno se relaciona com as mulheres de seu convívio familiar, como mãe, irmã, tia, avó, entre outras, e se esse comportamento se repete nesses espaços). À medida que o(a) aluno(a) é levado(a) a refletir sobre suas atitudes, torna-se mais consciente de que esse tipo de comportamento não é adequado e de que precisa se vigiar para que não volte a ocorrer.

Esses questionamentos também me deixaram curioso para ver se os outros (as) estudantes apresentavam comportamentos semelhantes, mesmo que ainda não manifestados dentro de nossas aulas. Por conta disso, na aula seguinte, resolvi repetir a prática da Bandeirinha e incluir a prática da "travinha", uma variação do Futebol, porém com as traves pequenas e regras modificadas. Isso foi percebido na análise do professor Sérgio quando ele diz:

[...] que os jogos propostos por você, como bandeirinha e travinha, ainda que lúdicos, acontecem fundamentalmente com o objetivo de ganhar ou perder, de haver uma equipe melhor que a outra. Será que a sua intervenção, ao trazer jogos com o intuito competitivo, não está, de certa forma, semeando o terreno para que as sementes da agressividade que eles (as) trazem de casa floresçam?

Porém, a ideia de trazer novamente atividades competitivas foi justamente para avaliar o comportamento dos (as) outros (as) estudantes e se eles (as) também apresentariam comportamentos conflituosos durante as práticas, justamente para entender se aquele episódio se tratava de um caso isolado ou algo generalizado dentro daquela turma, tudo isso, claro, iniciando a aula com uma retomada dos acontecimentos da aula anterior.

Mesmo tendo convicção para escolher a estratégia pedagógica considerada adequada por mim para ampliar a discussão acerca dos temas que envolviam os conflitos dentro das aulas, o professor Sérgio me questionou acerca de ampliar o envolvimento dos (das) estudantes dentro desse processo, dando espaço de voz e decisão a eles, como ele relata nessa fala:

Sobre a forma de seleção das equipes, que você mediu, houve alguma orientação específica sobre a criação de uma regra? Se sim, ótimo. Mas que regra foi essa? Pelo que entendi, foi uma que protegia as meninas da força dos meninos. Dessa maneira, você acha que realmente conseguiu resolver o problema, ou você apenas o contornou? Ao criar essa regra, você não está, sem querer, carimbando a ideia de que “meninas são o sexo frágil que precisa de proteção” e que “os meninos são naturalmente brutos e incapazes de ter autocontrole”? Em um momento oportuno, julgo pertinente a proposição de um debate para ouvir dos (das) próprios (as) estudantes os motivos da necessidade de haver uma regra que, em determinados momentos, separa meninas de meninos. A reflexão final que faço para este ponto é: Você está ensinando-os (as) a evitar a violência ou a desconstruí-la através de suas aulas?

Essa fala foi muito significativa pelo fato de ampliar meu entendimento de como as coisas eram resolvidas ou amenizadas dentro das minhas aulas, onde eu geralmente propunha as soluções, como nesse caso em que eu decido interferir na formação das equipes onde duas meninas foram escolhidas para formarem, passando uma mensagem para a turma de que as meninas também eram capazes de participar e de chefiar equipes dentro de um jogo, tornando o ambiente de aula mais acolhedor para a participação delas.

Esses questionamentos também deixaram claro que deveríamos pautar uma discussão acerca do papel da mulher nas aulas de EF, na prática esportiva e na sociedade. Desta forma poderíamos entender em quais contextos os (as) estudantes daquela turma tinham suas vivências relacionadas ao tema em seu cotidiano. Ajudaria a entender qual o motivo levou aquele aluno a ter um comportamento tão agressivo direcionado àquela menina durante a prática de um simples jogo.

Porém, ao fazer esses questionamentos, o professor Sérgio me fez refletir sobre o quanto importante seria trabalhar com o intuito de ensinar e dar autonomia para que os (as) próprios (as) estudantes compreendessem a gravidade dos fatos e estabelecessem parâmetros e ações para amenizar tais situações dentro das aulas e que servisse de exemplo para quando algo semelhante ocorresse dentro do seu círculo social. Pois, em algum momento, eles (elas) estariam não mais na minha presença e deveriam aprender a tomar suas próprias decisões, o que sempre foi o objetivo de todo esse trabalho envolvendo práticas corporais e reflexões acerca dos acontecimentos ocorridos.

Todo esse contexto fez com que eu buscasse estratégias pedagógicas para aplicar nas aulas seguintes visando não resolver completamente o problema, mas pelo menos buscar refletir sobre essas situações dentro das aulas. Então resolvi propor a produção de um cartaz junto com os (as) estudantes da turma, onde, cada parte que era colada no cartaz, parávamos para refletir sobre o tema.

Ao analisar esse registro de aula, o professor Sérgio elogiou a estratégia pedagógica escolhida para debater o assunto dentro da aula. Como mostra sua fala:

Início minhas considerações citando que as estratégias desenvolvidas e aplicadas por você tiveram méritos inegáveis na promoção de justiça social e que iniciar a aula com a frase “Lugar de mulher é...” foi uma “isca” pedagógica excepcional. A sutileza da expressão não tentou impor um sermão sobre machismo, trazendo à tona um vácuo preenchido previsivelmente com expressões opressoras, revelando o preconceito presente no dia a dia da sala de aula.

Nesse contato inicial com os (as) estudantes, ao explicar a atividade que iríamos desenvolver e ao perceber sobre qual tema seria tratado naquela turma, surgiu uma fala de um menino acerca de que a mulher deveria cuidar da casa e dos filhos, o que causou revolta de uma das meninas que classificou a fala do colega como machista. Isso foi uma prévia de como aquela atividade impactaria a turma, porém, mesmo assim, decidi continuar na elaboração do cartaz e nas discussões.

O professor Sérgio ressaltou a importância desse acontecimento quando relata:

percebo que o fato de uma aluna ter se sentido segura para nomear as falas anteriores como machistas já é um indicador positivo no ambiente da turma. Também, de forma sutil, o cartaz produzido com imagens de mulheres em diferentes esportes e profissões funcionou como um contraponto direto e curricular aos estereótipos que eles mesmos tinham acabado de verbalizar. Acredito que o grande acerto da proposição tenha sido

a pergunta final, que trouxe ao debate o incidente em que um estudante chamou as colegas de “lerdas”, pois transcendeu a discussão abstrata através de uma situação prática de violência simbólica vivenciada por eles (as).

A relação da elaboração do cartaz com os acontecimentos ocorridos durante as aulas foi percebida pelos (as) próprios estudantes ao serem perguntados sobre o motivo dessa atividade ser proposta na aula de EF. Isso foi importante, pois, discutir essas questões relacionadas a justiça social também deve ser o papel do professor dentro das aulas de EF, não atuando apenas para proporcionar atividades lúdicas ou ensinando fundamentos esportivos.

Ainda na mesma análise, o professor Sérgio levantou as seguintes questões:

Houve um momento em que esses alunos precisam articular uma mudança de perspectiva, ou apenas aprenderam a “resposta correta” para o encerramento da atividade? A discussão abordou criticamente o papel da mulher na sociedade, mas será que ela também se voltou para o papel do homem no combate ao preconceito, que gera comentários como o proferido durante a aula, que citou a expressão “meninas lerdas”?

Esse ponto me chamou atenção, pois, apesar de estar incluso nas discussões durante a elaboração do cartaz, o professor Sérgio fez com que eu percebesse que apesar dessa discussão acontecer na turma do 4º ano do ensino fundamental, ela deveria ser aprofundada nas demais turmas em séries posteriores e no passar dos anos com esses mesmos (as) estudantes, demonstrando que essa discussão sobre o papel da mulher deve acontecer por toda a vida escolar e fora dos muros da escola, refletindo em suas vidas e relações pessoais.

Sobre a apresentação dos jogos cooperativos aos (às) estudantes, o professor Sérgio fez suas considerações e elogios acerca de como iniciei a aula perguntando sobre o conhecimento deles em relação ao assunto e a discussão que consegui fazer quanto a mudança de comportamento em relação a prática de jogos competitivos. Porém, fiz os seguintes questionamentos que me deixaram intrigados:

a escolha de líderes e equipe baseada nos estudantes com melhor comportamento votada pela maioria, foi algo que me deixou em alerta. Será que essa abordagem, logo após uma fala sobre respeito e cooperação, não arriscou reforçar rótulos ou alienar justamente os (as) alunos (as) que mais precisassem dessa aula? Ficou a reflexão sobre se os (as) alunos (as) de “pior comportamento” não se sentiram excluídos ou foram os últimos a serem escolhidos.

Considero que ao longo dos dias de aula fui elaborando novas estratégias para a escolha dos (as) estudantes responsáveis pela formação de equipes baseado no fato de que as atividades praticadas durante as aulas são atividades coletivas. Porém, a ideia é fugir do método tradicional de escolher os mais técnicos e entender o momento de aplicar outra forma de escolha, nesse caso, ao iniciar a abordagem dos jogos cooperativos, achei prudente fazer a escolha baseada em uma votação democrática dentro da aula baseada na opinião deles (as) sobre o comportamento tanto seu quanto dos (as) colegas. Nesse caso em específico, não houve nenhum questionamento ou exclusão por conta de quem estava liderando a equipe no momento da escolha, mas esse questionamento me fez perceber que sempre dentro de uma turma, no momento em que decido escolher representantes, um grupo será favorecido em detrimento de outro, o que me faz manter a minha ideia de que sempre devemos escolher estratégias diferentes visando proporcionar essa responsabilidade de representação a todos (as) e que isso faz parte do processo educacional para que tenham autonomia em suas decisões. É uma forma de exercitar sua cidadania dentro das aulas e que servirá de exemplo para sua vida em sociedade, se tornando cidadãos mais ativos dentro dela.

Chamou-me atenção também seu questionamento acerca da escolha do jogo queimada para simbolizar um jogo cooperativo:

A modificação na regra da queimada transformou o objetivo do jogo em algo genuinamente cooperativo (...) questionei-me sobre a conclusão de que “todos (as) foram ganhadores (as)” foi uma descoberta autêntica da turma ou uma conclusão para qual você os conduziu com suas perguntas?

Ressalto novamente essa fala visando demonstrar o quanto sempre temos de ampliar nosso olhar sob nossa prática pedagógica e sobre a importância de um olhar crítico participando desse processo. A busca por autonomia, inclusive na elaboração das respostas que esperamos dos (as) alunos (as) deve ser perseguida incansavelmente e essas contribuições do meu amigo crítico me fizeram olhar novamente para minhas escolhas e perceber que poderia ter feito de uma forma diferente ou que servia de incentivo para melhorar minha prática. Realmente esse detalhe passou despercebido, porém afirmo que foi de suma importância esse questionamento para minha reflexão.

Na aula seguinte, resolvi trazer uma atividade de circuito de tarefas onde todos deveriam percorrer. O diferencial dessa atividade é que todos pertenceram a uma única equipe e que a competição ocorreu contra o relógio, ou seja, em 3 tentativas eles deveriam realizar o trajeto do circuito no menor tempo possível. Desta forma ofereci a todos um objetivo em

comum, que só seria alcançado se todos tivessem o intuito de se ajudar tanto na hora em que estivessem realizando o percurso, quanto no momento em que estivessem esperando e que poderiam incentivar os (as) colegas que estavam em ação, ou seja, um jogo totalmente cooperativo.

O professor Sérgio reconheceu a importância de se abordar o jogo cooperativo em sua essência, porém fez os seguintes questionamentos:

você conseguiu estabelecer relação com os saberes estudantis, mas também percebo que ficou evidente que a turma consegue cooperar quando o adversário é algo abstrato. Entretanto, e quando o (a) adversário (a) tiver rosto novamente? Como você planeja fazer a ponte entre esse ambiente controlado de cooperação para o ambiente real do jogo competitivo ou do conflito de interesses, onde eles (as) precisarão manter o respeito, por exemplo, mesmo perdendo para um (a) colega?

Essa análise partiu do fato da resposta positiva dos (as) estudantes perante ao desenvolvimento do jogo cooperativo proposto na aula, onde minha intenção era fazer com que eles (elas) percebessem que deveriam valorizar o desempenho dos (as) colegas dentro de uma partida, como pessoas que devemos respeitar, ser companheiros e amigos. Perceber que cada colega estava fazendo o seu melhor para cumprir a tarefa e incentivá-los a melhorar dentro de suas possibilidades, sem ofensas em momentos que percebessem que não houve melhora no desempenho.

Esse ambiente mais acolhedor dentro da aula de EF favoreceu o entendimento de como devemos tratar as pessoas, seja em uma prática corporal ou seja em nosso meio social.

Sobre preparar os (as) estudantes para momentos em que enfrentassem outras pessoas como adversários, acredito que quando falo com eles acerca dos acontecimentos dentro das aulas de EF e faço uma conexão com as realidades vividas dentro de seus círculos sociais, deixo claro que os comportamentos devem ser os mesmos dentro e fora dos muros da escola, que o respeito, a amizade e o companheirismo deve estar presente em todas as nossas relações sociais, porém entendo a preocupação do professor Sérgio.

Seguindo nosso planejamento, na aula seguinte, decidi repetir o circuito, porém com a divisão da turma em duas equipes visando observar se o clima de harmonia iria prevalecer diante de adversários reais, pois, nesse formato, a disputa não seria mais contra o tempo, mas sim contra a equipe adversária. O jogo ocorreu sem nenhum conflito e ao final da partida terminou empatado com número de vitórias iguais para ambas as equipes.

Sobre a modificação do jogo cooperativo tornando-o um jogo competitivo, Sérgio, em sua análise, questionou algo que ele observou e lançou um desafio pedagógico, como mostrado no trecho a seguir:

Você também observou que o empate ao final do jogo abrandou o clima de rivalidade e é perceptível que isso garantiu a paz na aula, mas já que a intenção é transcender a desconstrução da violência para fora da quadra e que há o entendimento de que essa violência explode, muitas vezes, na incapacidade de lidar com a derrota, será que o empate não nos privou de um momento educativo em que se poderia ensinar a perder? Em um momento futuro, você poderia garantir que haja uma equipe vencedora e uma perdedora, para vermos como o grupo reagiria à frustração?

Mas, como estava no planejamento anual, nossas próximas duas aulas foram marcadas em meio ao evento interdisciplinar em comemoração ao dia das crianças, onde estavam previstas atividades competitivas e cooperativas, e a participação das outras turmas do ciclo do ensino fundamental de anos iniciais.

Logo no primeiro momento do evento foi proposta uma atividade cooperativa de montagem de um quebra-cabeça. Nessa atividade a turma do 4º ano se sagrou campeã e recebeu a premiação diante de todos (as). Vale ressaltar que não houve nenhum comportamento conflituoso diante da situação de vitória para/com os (as) adversários (as) e nem dentro da sua própria equipe. Como mostra o comentário do professor Sérgio a seguir:

É gratificante observar como a dinâmica mudou, pois você saiu da bolha da sala de aula/quadra para um evento interdisciplinar que envolveu toda a escola e turmas mais velhas. O momento do quebra-cabeça foi um ponto alto, pois eles (as) perceberam sozinhos (as) que a euforia estava atrapalhando a reorganização deles (as) próprios (as) e o momento em que apenas uma pessoa ficou no microfone foi a materialização da autonomia estudantil. Você conseguiu identificar se eles tiveram a consciência de que resolveram um problema pontual? Caso a resposta seja positiva, é mais uma evidência da consolidação da relação com o saber e você não pode deixar que esse ato se perdesse como apenas uma jogada que deu certo. Ao final, na premiação, você interveio para que 1º e 2º lugares recebessem prêmios para que ninguém saísse triste e isso é um ato recheado de empatia.

A comemoração dos (as) estudantes com todos (as) se abraçando e felizes dentro do grupo foi recompensador e foi tema em nossa análise após a conclusão da atividade, onde eles se mostravam orgulhosos por terem conseguido aquele feito. Sobre a questão de eu intervir

a respeito da premiação para todos (as), acredito que seja importante premiar todos (as) os (as) participantes pelo seu desempenho, já que estamos tratando sobre cooperação, respeito e companheirismo. Desta forma eles (elas) aprendem desde crianças que devem valorizar o desempenho de cada colega independente do resultado para ter uma relação mais harmoniosa tanto nas aulas quanto na sociedade.

O evento seguiu com uma atividade altamente competitiva que envolvia um novo enfrentamento das turmas do 4º e 5º ano. Foi um jogo de queimada onde, na disputa de 3 partidas, uma das turmas sairia vencedora do duelo.

As outras atividades realizadas no evento foram duas atividades competitivas, onde houve derrota da equipe do 4º ano em ambas. Em sua análise, o professor Sérgio ressaltou:

minhas contribuições enquanto amigo crítico é inquietar para que o sucesso da aula e do processo não sejam o fim da linha, mas sim o combustível para a construção do “esperançar”. Não penso que deva haver a espera passiva de que tudo fique bem, mas penso que deve haver ação contínua de construir caminhos diferentes. A intervenção da sua pesquisa acabou com sucesso, isso é inegável. Mas, pensando na continuidade da rotina, qual é o seu plano de manutenção do que foi construído, haja vista que a tendência natural é que o grupo volte à homeostase? Como, na rotina normal de aulas, você vai observar e cobrar a continuidade dessas posturas sem que precise fazer eventos constantes? Você acha que conseguiu transformar esses momentos da sua intervenção de mestrado em cultura cotidiana escolar?

Considero que, tanto nesta turma quanto nas demais em que atuo como professor de Educação Física, a sensibilidade diante de episódios de injustiça social deve estar sempre presente, independente do conteúdo trabalhado ou do nível de ensino. Como exemplo, o próximo conteúdo planejado para essa turma será a dança como forma de expressão corporal, um tema propício ao surgimento de incidentes críticos relacionados à injustiça social, o que reforça o caráter contínuo desse trabalho. Minha intervenção não teve como objetivo solucionar os incidentes críticos identificados, mas sim promover a discussão das situações, uma vez que a mudança de comportamento não depende exclusivamente de um único professor ou de uma disciplina, mas também do envolvimento de outros profissionais da escola, dos familiares e dos amigos que integram o círculo social dos (as) estudantes. A proposta é evidenciar que a Educação Física, enquanto componente curricular, pode e deve contribuir para a formação do caráter dos (as) estudantes, sem se omitir diante desses acontecimentos no contexto das aulas. Em nenhum momento deixamos de realizar atividades amplamente conhecidas e recorrentes

nas aulas de diferentes professores(as) da área; houve, na verdade, uma adequação das práticas para possibilitar uma discussão mais abrangente sobre temas relacionados à injustiça social.

Nesse contexto, gostaria de ressaltar a importância da figura do professor Sérgio Rocha como meu amigo crítico pelos questionamentos realizados em suas análises. Philpot e et al. (2021) destaca a importância do amigo crítico como um interlocutor que contribui para aprofundar a reflexão do (a) professor (a) sobre os incidentes críticos ocorridos durante o processo de ensino. Ao questionar interpretações iniciais e oferecer um olhar externo sobre a prática pedagógica, esse parceiro de investigação ajuda a ampliar a compreensão das situações vivenciadas em aula, possibilitando identificar aspectos que muitas vezes passam despercebidos pelo próprio docente. Além disso, o diálogo com o amigo crítico favorece análises mais consistentes acerca das relações de poder, inclusão e equidade presentes nas práticas pedagógicas, especialmente quando se investigam pedagogias orientadas para a justiça social.

## 7. MINHAS ANÁLISES

Mesmo depois de quase duas décadas atuando como professor de EF escolar em escolas públicas e em uma escola particular; mesmo sem participar de grupos de estudos ou amplas discussões ligadas aos temas que envolviam a EF escolar até a entrada no curso do mestrado do ProEF; mesmo, no início da minha carreira, adotando uma postura altamente tradicional na condução da disciplina nas escolas, visando o aprimoramento técnico e fundamentos de poucas modalidades esportivas, algo me incomodava. Eu sabia que poderia contribuir com algo a mais na vida dos (as) alunos (as), pois aprender sobre como jogar voleibol de quadra, handebol e futsal, poderia até ser significativo para alguns poucos que fossem se dedicar a vida de atletas nessas modalidades, mas, para a grande maioria, esses conhecimentos não seriam sequer lembrados ou seriam apenas lembrados de forma lúdica para os que ainda se permitiam participar dessas aulas.

Ao escolher trabalhar a EF escolar de forma crítica, eu tinha como objetivo ultrapassar a mera transmissão de técnicas corporais e esportivas, assumindo também um papel na problematização de questões sociais presentes nas práticas corporais e nos esportes. Essa ideia corrobora com a análise crítica de Bracht (2005) sobre o fenômeno esportivo afirmando possuir funções sociais, destacando a necessidade de compreender o esporte e as práticas corporais para além de sua dimensão técnica, considerando também seus significados culturais e ideológicos.

Ainda numa perspectiva crítica, Tomaz Tadeu da Silva (2023), entende que o currículo não é neutro, sendo constituído por relações de poder, valores culturais e disputas simbólicas que definem quais conhecimentos são legitimados no contexto escolar. Nesse sentido, ao abordar temas como as questões de gênero nas aulas da disciplina, nós, professores (as) podemos contribuir para a análise crítica de estereótipos historicamente associados às práticas corporais, como a exclusão ou desvalorização da figura das meninas na participação em atividades esportivas, fato ocorrido na turma pesquisada. Assim, fundamentada na perspectiva crítica, a prática pedagógica na EF pode favorecer reflexões sobre desigualdades sociais e culturais, promovendo a participação equitativa dos (as) estudantes, ampliando a compreensão das práticas corporais como fenômenos culturais e sociais e contribuindo para a formação de estudantes capazes de analisar criticamente as relações de poder presentes no esporte e na sociedade.

A vontade de relacionar os conteúdos da disciplina com a realidade social dos (as) estudantes sempre esteve presente comigo, mas entender como eu poderia colocar isso em

prática, foi um grande empecilho na minha carreira. Confesso que as vezes pensava que seria uma utopia utilizar uma abordagem crítica dentro das aulas de EF. Antes de entrar no mestrado eu até tentava fazer essa relação, as vezes falando sobre a prática de exercícios físicos de forma a conscientizar as pessoas sobre a importância para a sua saúde, outras vezes até abordar temas como violência relacionada à prática esportiva, mas tudo de forma muito isolada, sem contexto com os conteúdos ministrados no dia a dia das aulas.

O curso de mestrado do ProEF me ajudou a aprofundar os conhecimentos e me incentivou a colocar em prática atividades que poderiam resultar em reflexões sobre os acontecimentos dentro das aulas de EF e que poderiam ser reflexo das vivências dos (as) alunos (as) dentro de seu meio social como um todo. Serviu até para que eu mesmo refletisse sobre algumas posturas diante das aulas e mudar comportamentos e práticas enquanto professor da disciplina.

Tive contato com a metodologia do autoestudo durante o curso e, ao aprofundar os estudos sobre essa metodologia, a considerei ideal, pois, ele consiste em um processo reflexivo e investigativo centrado na experiência do docente, no qual ele examina criticamente suas ações, decisões e interações no contexto de ensino. A análise geralmente é realizada a partir de situações significativas da prática, como incidentes críticos, que são episódios relevantes ocorridos durante o processo pedagógico e que permitem problematizar aspectos do ensino, das relações com os estudantes e das implicações sociais das práticas educativas (PHILPOT et al., 2021)

Assim, a ideia foi refletir sobre como se desenvolveu minha prática pedagógica no decorrer dos anos em que trabalho com a disciplina. E mesmo fazendo um estudo de um acontecimento atual, eu poderia perceber como meus estudos durante a graduação e nas especializações que, mesmo não sendo diretamente envolvidas com a EF escolar, contribuíram para que ocorressem mudanças na minha prática pedagógica.

Analisando esse bloco de 8 aulas no total com a turma do 4º ano do ensino fundamental, sempre ao propor cada atividade de cada aula, não me percebi pensando apenas no fator lúdico do jogo, coisa que talvez a uns anos atrás seria um ponto preponderante para fazer as escolhas. Nessas escolhas, sempre refletia sobre quais as possibilidades de reflexões, sobre situações que envolvessem injustiça social, poderiam ocorrer para que debates, discussões e busca por soluções, mesmo que essas não fossem definitivas e apenas amenizassem os conflitos, pudessem acontecer.

Uma mudança que devo considerar é a sensibilidade para perceber as situações envolvendo casos de injustiça social, como o fato da fala do menino em direção à menina

chamando-a de “lerda”, entendendo que é um fato grave e que eu, como professor da disciplina, tenho o dever de contribuir para a formação como um todo dos (as) estudantes. Em outros momentos, talvez, eu apenas acabaria com a discussão e, caso ela se estendesse, levaria para poder ser resolvido junto à coordenação pedagógica, passando a responsabilidade para terceiros. Mas percebi que posso ir além, e que eu mesmo poderia contribuir com essa reflexão, assumindo o papel de professor-pesquisador, descrito por Philpot et al (2021) como aquele que investiga sistematicamente sua própria prática pedagógica, buscando compreender as decisões que toma no cotidiano escolar, as relações estabelecidas com os estudantes e os efeitos de suas ações no processo de ensino e aprendizagem.

Ao analisar o planejamento pedagógico para essa turma nesse bimestre, percebi que poderia utilizar os jogos cooperativos para contribuir com essa mudança de comportamento, pelo fato deles incentivarem a valorização do trabalho coletivo. Isso tornaria os debates sobre a participação das meninas nas atividades mais atrativo dando argumentos para os (as) próprios (as) alunos (as) entenderem que não deveria haver distinção de gêneros nem nas atividades da EF escolar nem em seus cotidianos. Talvez, em anos anteriores, eu não me preocuparia com esse tipo de reflexão, e trabalharia os jogos cooperativos apenas de forma conceitual e com um ou dois exemplos práticos

As rodas de conversa são outro ponto crucial de mudança observada a partir dos estudos, pois antes eram utilizadas apenas para descrever os acontecimentos da aula, e passaram a ser momentos de reflexão, onde o ambiente criado, mesmo que de forma improvisada, oportunizava aos (as) alunos (as) um momento em que podiam se expressar, contar suas histórias de vida envolvendo os temas discutidos e propor ações para tornar a experiência nas aulas mais convidativo para todos (as).

Esse pensamento de tornar a aula mais acolhedora para que todos (as) participassem, me fez elaborar a atividade envolvendo a produção do cartaz passo a passo junto aos (as) estudantes, onde cada figura colada no cartaz serviria para levantar uma discussão sobre o papel da mulher. Essa atividade serviu para entender quais pensamentos eles (as) tinham acerca desse papel da mulher dentro de suas realidades sociais, como em suas famílias, rodas de amigos (as), etc.

Destaco também que a estratégia pedagógica de desconstrução de um jogo competitivo, tornando-o cooperativo, e depois a desconstrução de um jogo cooperativo, tornando-o competitivo, teve como objetivo fazer com que os (as) alunos (as) entendessem que, mesmo dentro de uma atividade competitiva, a valorização do empenho do (a) colega, o respeito tanto junto aos seus (suas) colegas quanto aos seus (suas) adversários (as) deveria

prevalecer para que as relações fossem mais acolhedoras e não conflituosas a ponto de que ninguém se sentisse inferior, evitando até de participar das atividades por conta de julgamentos alheios.

Pude perceber a mudança de comportamento dos (as) alunos (as) durante o evento em comemoração ao dia das crianças, onde, ao competir em uma situação incomum, com outra turma que não participava das aulas no dia a dia, eles (as) conseguiram aproveitar e participar das atividades de forma plena, se auto-organizando em atividades totalmente cooperativas e se incentivando e mantendo uma postura respeitosa com seus/suas colegas e adversários (as) em atividades competitivas. Solicitando até que fosse oportunizado futuramente mais momentos como esse.

Concluo meu estudo sinalizando, primeiramente, a respeito da importância que a continuidade dos estudos teve para a ampliação do meu olhar sobre a relevância da disciplina na vida dos (as) alunos (as). A sensibilidade para entender que uma simples palavra “lerda” direcionada a uma menina, pôde se transformar numa discussão tão ampla sobre comportamentos vividos cotidianamente em suas casas e círculos sociais, inclusive dentro da escola em contato com os (as) colegas da sua e de outras turmas. Essa sensibilidade só aparece graças aos conhecimentos adquiridos através de estudos que conseguiram relacionar a justiça social com os conteúdos de EF, fazendo com que novas ideias de abordagem do tema dentro das aulas surgissem.

Ressalto também a importância de entender que discutir esses temas não é algo “chato” dentro de uma aula onde, tradicionalmente, era vista como essencialmente lúdica. Que nossa função, enquanto professores (as) de EF escolar, não é apenas ensinar fundamentos técnicos ou deixar os (as) alunos (as) se divertirem. Que devemos ser pessoas relevantes para suas vidas, educando-os (as) para que possam entender os fatos da vida a partir de um olhar crítico, refletindo, discutindo e buscando soluções, mesmo que não definitivas.

Sobre o autoestudo acredito ser de suma importância a utilização dessa metodologia, pois ela permite refletir sua própria prática pedagógica, e a figura do (a) amigo (a) crítico (a) deve ser visto como alguém que vai te desafiar a sair da sua zona de conforto. No meu caso, em específico, me permiti ser questionado por alguém com menos tempos de carreira do que eu, que vive em uma realidade profissional diferente da minha, mas de vasto conhecimento sobre o tema através de sua experiência e de seus estudos no curso de mestrado.

Alerto também aos (às) colegas, que não sejam tomados pela vaidade de achar que seus posicionamentos são totalmente corretos e entender que, as críticas às suas escolhas de

estratégias pedagógicas, vêm justamente para ampliar e pensar para além do que já era feito por você.

Proponho que, primeiramente, nós, professores (as), devemos nos reconhecer como pesquisadores (as) e entender que fatos que julgamos ser corriqueiros dentro de nossas aulas, podem conter uma grande importância no aprendizado dos (as) alunos (as). Não somente relacionado ao conteúdo, mas também na forma como devem encarar as situações em suas vidas. Discussões sobre questões de gênero, violência, racismo, homofobia ou qualquer outro tema relacionado a justiça social, podem e devem ser explorados dentro das aulas de EF, entendendo que podemos contribuir para que, talvez, futuramente, essas situações deixem de existir ou pelo menos sejam reproduzidas por um número menor de pessoas dentro da nossa realidade.

Defendo também que, diferente do que aconteceu nesse estudo especificamente, onde eu e meu amigo crítico, separados por quilômetros de distância em estados diferentes, e que tivemos de fazer nossas reflexões através de e-mails e conversas via redes sociais em períodos diferentes dos que as aulas aconteciam, que possa ser feito através de observações diretamente nas aulas, fazendo com que o planejamento da aula seguinte possa ser enriquecido pelas análises de ambos após a discussão. Isso contribuirá para um crescimento de ambos (as), do (a) professor (a)-pesquisador (a) e do (a) amigo (a) crítico (a), pois essas análises e discussões servem de exemplos para seus cotidianos com suas turmas.

Promover momentos para que os (as) alunos (as) possam se expressar é uma dica fundamental para o sucesso das aulas, pois eles/elas se tornam participantes das mesmas, se sentindo à vontade para intervir e sabendo que suas falas serão valorizadas. Essa construção coletiva, no início, pode parecer um tanto complicada, pois requer do (a) professor (a) um estudo suficiente para poder conduzir a aula de acordo com as falas que possam surgir e que, talvez, não estejam em seus planos de acontecer. Porém, é de suma importância reconhecer a relevância das falas e buscar refletir para um entendimento das questões levantadas.

Por último, mas não menos importante, peço aos (às) colegas de profissão o entendimento de que, apesar dos conhecimentos colocados em prática estarem relacionados a turma do 4º ano do ensino fundamental dos anos iniciais, todas as outras turmas devem ter o mesmo cuidado e a mesma sensibilidade na percepção de possíveis incidentes críticos relacionados a situações de injustiça social, pois, não basta uma intervenção apenas em um dos doze anos da vida deles na educação básica, mas que se repita em cada ano que o (a) aluno(a) evolua para séries posteriores, cada um, claro, com a abordagem adequada para cada idade e realidade social.

## 8. RECURSO EDUCACIONAL

Além da produção escrita (dissertação) foi elaborado um Recurso Educacional, item obrigatório para Mestrados e Doutorados Profissionais. Esse Recurso Educacional não se limita a um recurso físico, seja impresso ou digital. Ele é formado por um conjunto de elementos internos que envolvem os sistemas simbólicos utilizados, a forma de organização, os conteúdos e conceitos a serem aprendidos, além de uma estrutura e organização didática adequadas ao contexto ao qual se destina, objetivando desenvolver recursos e estratégias pedagógicas capazes de favorecer melhorias nos processos de ensino e aprendizagem. (FREITAS, 2021).

Trata-se de um processo ou recurso educacional aplicado em situações reais de sala de aula ou em outros ambientes de ensino, podendo estar em formato artesanal ou como protótipo. Esse produto pode incluir, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo, um jogo, um vídeo, um conjunto de vídeo-aulas, um equipamento, uma exposição, entre outros. A dissertação ou tese deve apresentar uma reflexão sobre a criação e aplicação do recurso educacional, fundamentada no referencial teórico-metodológico adotado (BRASIL, 2019).

Como opção de recurso educacional, foi desenvolvido um vídeo intitulado “O autoestudo sobre a prática docente diante de incidentes críticos nas aulas de Educação Física” e foi produzido com a utilização da ferramenta de Inteligência Artificial “Vídeo Scribe”. Trata-se de um programa para criar vídeos animados no estilo “mão desenhando” ou “mão escrevendo” onde também podem ser inseridas diversas figuras representando os conceitos e situações encontradas durante a pesquisa.

Esse vídeo foi fundamentado em referenciais teóricos e metodológicos que compreendem a Educação Física escolar como um espaço de reflexão crítica, valorização das experiências dos (as) estudantes e promoção de práticas pedagógicas comprometidas com a formação integral.

O roteiro que descrevem as falas da narração está disponível no APENDICE C – ROTEIRO DO VÍDEO DO RECURSO EDUCACIONAL.

O vídeo tem como objetivo dar suporte à prática docente, oferecendo possibilidades de abordagem didática que dialoguem com a realidade dos (as) estudantes, especialmente no que se refere às dimensões sociais, culturais e educativas das práticas corporais. Ao articular teoria e prática, o vídeo busca contribuir para a construção de aulas mais significativas, inclusivas e contextualizadas, fortalecendo o papel do (a) professor (a) como mediador (a) do conhecimento.

Além disso, este recurso educacional serve como uma estratégia de formação continuada, podendo ser utilizado tanto em contextos de ensino quanto em momentos de estudo e reflexão coletiva entre professores (as). Espera-se, assim, que o material favoreça o desenvolvimento de práticas pedagógicas críticas e emancipadoras, alinhadas aos princípios de uma Educação Física comprometida com a transformação social.

O vídeo encontra-se disponibilizado na plataforma YouTube (Disponível no link: <https://youtu.be/-QDYw0Zh2-Q>), garantindo amplo acesso público e gratuito a todos (as) os (as) professores (as) interessados (as). Essa forma de divulgação amplia o alcance do recurso educacional, permitindo que o material seja utilizado em diferentes contextos escolares e formativos, além de favorecer sua circulação, compartilhamento e apropriação por profissionais da Educação Física em diversas realidades. Desse modo, o acesso aberto ao conteúdo reforça o compromisso com a democratização do conhecimento e com a valorização de práticas pedagógicas colaborativas e acessíveis.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresenta as considerações finais desta pesquisa, retomando os objetivos propostos e discutindo os principais resultados alcançados ao longo do estudo.

Essa pesquisa teve como objetivo analisar, por meio de um processo de autoestudo, as estratégias pedagógicas mobilizadas pelo professor-pesquisador nas aulas de Educação Física, visando compreender como tais ações contribuíram para a problematização e reflexão coletiva acerca de incidentes de injustiça social. Ao longo do trabalho, buscou-se refletir criticamente sobre a própria prática docente, identificando como situações de injustiça emergem no cotidiano das aulas e quais respostas pedagógicas foram construídas diante desses episódios.

Para alcançar esse objetivo, foi desenvolvido um autoestudo com uma turma do 4º ano do ensino fundamental, utilizando como principal instrumento de registro o diário de campo, no qual foram descritas as aulas, falas dos estudantes e incidentes críticos observados. Esses registros foram compartilhados com um amigo crítico, que, por meio do diálogo, questionamentos e análises, contribuiu para ampliar a compreensão sobre as ações realizadas. A partir dessas interações, foi possível organizar e analisar os dados de acordo com os princípios da justiça social e das discussões próprias da Educação Física escolar.

Os resultados evidenciam que o processo de autoestudo possibilitou um olhar mais atento, sensível e crítico sobre a prática pedagógica. Foi possível identificar situações de exclusão, desigualdade e questões de gênero que, muitas vezes, passariam despercebidas em uma prática pedagógica tradicional. Ao mesmo tempo, o estudo permitiu compreender a importância de intervenções pedagógicas intencionais, capazes de promover o diálogo, a inclusão e a participação de todos (as) os (as) estudantes. Como principal aprendizado, destaco a transformação que tive enquanto professor, pois deixo de atuar apenas ensinando gestos técnicos e promovendo atividades visando apenas a recreação para e passo a assumir uma postura mais investigativa, crítica e comprometida com a formação social dos (as) alunos (as). Esse processo também evidenciou a necessidade constante de rever as práticas pedagógicas, reconhecer limitações e buscar novas estratégias de intervenção.

Vale ressaltar que, surgiram algumas dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento deste autoestudo, as quais podem servir de alerta para professores (as) que pretendam adotar essa abordagem investigativa. Uma das principais limitações refere-se ao fato de o professor-pesquisador e o amigo crítico estarem em estados diferentes - Pará e Ceará respectivamente - o que impossibilitou um acompanhamento mais próximo e presencial das

aulas, restringindo as análises aos registros compartilhados por e-mails. Essa condição, embora não inviabilize o processo, pode limitar a profundidade das interpretações, uma vez que alguns detalhes do contexto e das interações durante a aula nem sempre são totalmente detalhados nos registros escritos. Além disso, em diversos momentos, as devolutivas com as análises do amigo crítico não ocorreram em tempo hábil para subsidiar o planejamento das aulas subsequentes, o que reduziu o potencial de intervenção imediata sobre a prática pedagógica. Tal situação evidencia a importância de um maior alinhamento prévio de prazos para os envios desses registros entre os envolvidos, de modo a potencializar as contribuições do diálogo crítico para a qualificação contínua da prática docente.

Por fim, ressalta-se a relevância de que professores (as) de Educação Física tenham um olhar mais sensível para identificar incidentes críticos de injustiças sociais presentes em suas aulas, compreendendo a escola como um espaço de formação crítica e transformação social. O autoestudo mostrou-se uma metodologia significativa nesse processo, ao possibilitar que o (a) docente investigue sua própria prática de forma sistemática e reflexiva. Nesse sentido, sugere-se a realização de novos estudos que ampliem o debate sobre justiça social na Educação Física escolar, bem como investigações que explorem diferentes contextos, metodologias e níveis de ensino, fortalecendo uma prática pedagógica cada vez mais consciente, inclusiva e comprometida com a equidade.

## REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí: Editora Unijuí, 3. ed. 2005.

BRANDÃO, C. **A técnica de incidentes críticos**. WebQDA, 2017. Disponível em: <https://www.webqda.net/a-tecnica-dos-incidentes-criticos/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

BRASIL, CAPES. **Documento de Área – Ensino**. Brasília, 2019.

CARVALHO, J.; PERES, A. N. Justiça social e educação: a pertinência da pedagogia crítica de Paulo Freire. **Educação, sociedade & culturas**, [s. l.], n. 56, p. 101-118, 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.34626/esc.vi56.28>. Acesso em: 29 jul. 2025.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo/SP: Cortez, 1992.

FLETCHER, Tim; OVENS, Alan. **S-STEP em Professor de Educação Física**. J. Kitchen (org.). 2º Manual Internacional de Autoestudo do Ensino e do Professo. 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-981-13-1710-1\\_30-1](https://doi.org/10.1007/978-981-13-1710-1_30-1). Acesso em: 28 fev. 2025.

FLOR, B. J. M. S; SILVA, J. P.; LOPES, F. J. C. L.; RIBEIRO, M. C. M.; SOUZA, R. V. O.; GONÇALVES, Y.; VENÂNCIO, L. SANCHES NETO, L. Explorando a técnica de incidentes críticos sobre temas da Justiça Social com professores/as-pesquisadore/as de educação física escolar. *In*: MISSIAS-MOREIRA, R.; MOTA, J.; HASSE, M. (org.). **Temas interdisciplinares sobre educação física e ciências do desporto**. v. 1. p. 75-94: Terried, 2023. Disponível em: DOI: 10.48209/978-65-84959-16-5 Acesso em: 25 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

FREITAS, Rony. **Produtos educacionais na área de ensino da capes: o que há além da forma?** Educação Profissional e Tecnológica em Revista, v. 5, n° 2, 2021 – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Instituto Federal do Espírito Santo. Disponível em: <https://doi.org/10.36524/profept.v5i2.1229>. Acesso em: 14 ago. 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo. Loyola, 1985.

LOUGHRAN, John. *et al.* **International handbook of self-study of teaching and teacher education practices**. Dordrecht: Kluwer Press, 2004. Disponível em: <https://www.daneshnamehicsa.ir/userfiles/files/1/15-%20International%20Handbook%20of%20Self-study%20of%20Teaching%20and%20Teacher%20Education.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

LOUGHRAN, JJ. Pesquisando práticas de formação de professores: Respondendo aos desafios, demandas e expectativas do autoestudo. **Journal of Teacher Education**. v. 58, n. 1,

p. 12–20. 2007. Disponível em:

file:///D:/DOC%20BRUNO/PROEF/Disserta%C3%A7%C3%A3o/Orienta%C3%A7%C3%A3o/Auto%20estudo/Tradu%C3%A7%C3%B5es/Fletcher-Ovens2020\_ReferenceWorkEntry\_S-STEPInPhysicalEducationTeach.pdf. Acesso em: 04 ago. 2025.

LOUGHRAN, John. A construção do conhecimento e o aprender sobre o ensino. *In*: FLORES, Maria Assunção; VEIGA SIMÃO, Ana Maria (org.). **Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores**: contextos e perspectivas. Mangualde: Edições Pedagogo, 2009. p. 17-37. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2014.2.13331>. Acesso em: 04 ago. 2025.

NUNES, H. C. B. **O jogo da identidade e diferença no currículo cultural da Educação Física**. 2018. 157 fl Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2018. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07112018-141650/publico/HUGO\\_CESAR\\_BUENO\\_NUNES\\_rev.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07112018-141650/publico/HUGO_CESAR_BUENO_NUNES_rev.pdf). Acesso em: 29 jul. 2025.

ORLICK, Terry. **The cooperative sports and games book**: challenge without competition. New York: Pantheon Books, 1978.

OVENS, Alan; FLETCHER, Tim. **Fazendo autoestudo**: a arte de direcionar a investigação para si mesmo. Volume 13. 192 p. Capa dura. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262764296>. Acesso em: 15 mar. 2025.

PEREIRA, Ana Cristina Gabriel. **Ensaio de uma metodologia da experiência crítico-afetiva nas aulas de Educação Física**: impactos sobre as relações de gênero e o empoderamento das meninas. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12988?show=full>. Acesso em: 03 fev. 2026.

PHILPOT, R.; SMITH, W.; GERDIN, G.; LARSSON, L.; SCHENKER, K.; LINNÉR, S.; MOEN, K. M.; WESTLIE, K. Exploring social justice pedagogies in health and physical education through critical incident technique methodology. **European Physical Education Review**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 57-75, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1356336X20921541>. Acesso em: 30 jul. 2025.

RIBEIRO, Manoela de Castro Marques. **Práticas corporais de aventura no ensino médio**: implicações à justiça social nas aulas de educação física. 2024. Disponível em: [file:///D:/DOC%20BRUNO/PROEF/Disserta%C3%A7%C3%A3o/cap%C3%ADtulo%20livro/Reposit%C3%B3rio%20UFC/2024\\_dis\\_mcmribeiro.pdf](file:///D:/DOC%20BRUNO/PROEF/Disserta%C3%A7%C3%A3o/cap%C3%ADtulo%20livro/Reposit%C3%B3rio%20UFC/2024_dis_mcmribeiro.pdf). Acesso em: 16 jul. 2025.

RODRIGUES, Natálie dos Reis; BECKER, Maria Luiza Rheingantz. Jogos cooperativos e sua contribuição na educação para a paz. **Temas em Educação Física Escolar**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 96-111, 2020. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisaescolar/article/view/2842>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Antonio J. F. *et al.* **Desafios da Educação física escolar em tempos de pandemia: notas sobre estratégias e dilemas de professores(as) no combate a Covid-19 (SARS-COV-2).** 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/62502/1/2021\\_art\\_ajfsilva.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/62502/1/2021_art_ajfsilva.pdf). Acesso em: 13 jul. 2025.

SILVA, Jorlany Pereira da. **Autoestudo relacionado à justiça social nas aulas de educação física: explorando a técnica de incidentes críticos.** 2024. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/77082/3/2024\\_dis\\_jpsilva.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/77082/3/2024_dis_jpsilva.pdf). Acesso em: 25 jul. 2025.

SILVA, Rosimeire Bispo Palmas da. **Jogos cooperativos: um estudo de viabilidade para a educação sexual de adolescentes em conflito com a lei.** Dissertação (Mestrado em Educação Sexual). Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/119e1284-0742-477a-a0c0-1cd9e2e45a3f>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SOUZA, Maria Inês Galvão Flores Marcondes de; FERNANDES, Maria Assunção Flores. O autoestudo e as abordagens narrativo-biográficas na formação de professores. **Educação**, Porto Alegre, impresso, v. 37, n. 2, p. 297-306, maio-ago. 2014. Disponível em: <file:///D:/DOC%20BRUNO/PROEF/Disserta%C3%A7%C3%A3o/Orienta%C3%A7%C3%A3o/Auto%20estudo/Souza.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2025.

VANASSCHE, Eline; KELCHTERMANS, Geert. O estado da arte no autoestudo das práticas de formação de professores: uma revisão sistemática da literatura. **Journal of Curriculum Studies**, [s. l.], v.47, n. 4, p. 508-528. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00220272.2014.995712>. Acesso em: 15 mar. 2025.

ZEICHNER, Kenneth; NOFFKE, Susan. Practitioner research. *In*: RICHARDSON, Virginia (org.). **Handbook of research on teaching.** Washington, DC: American Educational Research Association, 2000. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/303382140\\_Practitioner\\_Research](https://www.researchgate.net/publication/303382140_Practitioner_Research). Acesso em: 04 ago. 2025.

## APÊNDICE A – DIÁRIO DE CAMPO DO PROFESSOR-PESQUISADOR

### DIÁRIO DE CAMPO DO PROFESSOR-PESQUISADOR

**DIÁRIO DE CAMPO DO PROFESSOR-PESQUISADOR – adaptado de Silva (2024, p. 155)**

**REFERÊNCIA:** SILVA, Jorlany Pereira da. **Autoestudo relacionado à justiça social nas aulas de educação física:** explorando a técnica de incidentes críticos. 2024. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/77082/3/2024\\_dis\\_jpsilva.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/77082/3/2024_dis_jpsilva.pdf). Acessado em: 25/07/2025

**DESCRIÇÃO DO PROFESSOR:** Me chamo Bruno Victor da Soledade Silveira, sou um homem pardo, tenho 40 anos, casado e pai da Gabriella Santos Silveira de 3 anos. Sou filho de Maristela da Soledade Silveira e, biologicamente de Wagner Gonçalves de Oliveira, porém, sendo criado e educado por Manoel Sacarrão Neto (falecido em 2001). Tenho uma irmã caçula por parte de pai. Nascido em Belém do Pará e criado em Castanhal - PA até os 4 anos, morando até os 11 anos na capital São Paulo e retornando para Castanhal – PA onde resido até hoje. Cursei educação infantil em uma EMEI pública da cidade de São Paulo, ensino fundamental, até a 5ª série, na E.M.E.F. Tenente Aviador Frederico Gustavo dos Santos na cidade de São Paulo e da 6ª série ao final do ensino médio, estudei com ajuda financeira de minha tia Margaret Solidade Silveira, no Centro Educacional João XXIII na cidade de Castanhal-PA. Ingressei no curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade do Estado do Pará – UEPA em 2003 na capital Belém - PA, assim que concluí o ensino médio. Na graduação não participei de grupos de estudos, talvez por não ter consciência da importância desse tipo de interação. Participei de um projeto de extensão ministrando aulas de recreação em uma comunidade carente aos sábados em Belém e em paralelo a isso, comecei a atuar, desde 2004, como professor de Educação Física no Centro Educacional João XXIII, inicialmente apenas com as turmas da 8ª série e Convênio (3º do ensino médio), depois assumi todas as turmas e hoje, ainda trabalho nessa escola na disciplina Educação Física nas turmas do ensino médio (manhã e tarde). Em 2006, ainda no 6º semestre da faculdade, fui convencido por um colega do curso a fazer o concurso para professor de Educação Física da SEDUC-PA, mesmo ainda não estando formado e com apenas 1 vaga disponível no edital. Passei no concurso e, em 2007, um dia após receber meu diploma da graduação, tomei posse para ministrar aulas em um município vizinho a Castanhal – PA onde resido, chamado Igarapé-açu que fica a 44km de distância de onde moro, fazendo esse percurso diariamente para o trabalho e retornando. Iniciei trabalhando em 2 escolas em turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, depois passei a trabalhar em uma 3ª escola também com turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Atualmente, trabalho em 2 escolas estaduais no município de Igarapé-açu, E.E.E.F. Antonio Alves Ramos e E.E.E.F.M. José Elias Emin em turmas desde os anos iniciais do ensino fundamental até o ensino médio, além do Colégio João XXIII no município de Castanhal. Ao todo, tenho 21 anos de experiência na docência.

**DESCRIÇÃO DA ESCOLA:** A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Elias Emin é uma escola da rede pública estadual do Pará e pertence a Diretoria Regional de Ensino – DRE de Maracanã – PA, fica localizada no município de Igarapé-açu, na Travessa Benjamim Constant, bairro Colina. Em termos técnicos a escola nunca foi fundada, pois ela foi construída no final do ano de 1990 conforme a portaria 1364/90-GS e no ano seguinte iniciaram-se as aulas. Atualmente possui as modalidades de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação para Jovens e Adultos (EJA) nos níveis Fundamental e Médio. Num total de 24 turmas, distribuídas ao longo de dois turnos (manhã e tarde) com aproximadamente 609 estudantes matriculados em 2025. A escola oferece biblioteca, quadra poliesportiva descoberta, com buracos, sem pintura e com itens metálicos totalmente enferrujados e oferecendo risco aos que utilizam essa dependência, os materiais para as aulas de Educação Física são adquiridos através de doações, coletas entre os funcionários e comprados pelo próprio professor da disciplina, sala de reforço e sala de recursos, entre outras dependências. Até 2024 a escola contava com 3 professores de Educação Física para cobrir toda a Carga Horária, porém, em 2025, os outros 2

professores decidiram trabalhar em outras escolas e eu fiquei com 21 das 24 turmas da escola, do 4º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio e 2º EJA. Devido a redução de carga horária do componente curricular Educação Física ocasionado pela reforma do ensino médio - Lei 13.415/17 - as turmas têm apenas 1 hora aula semanal de 45 minutos. As turmas do ensino Fundamental continuam com 2 hora aulas semanais de 45 minutos. Vale ressaltar que ministro apenas aulas da disciplina Educação Física nessa escola.

**DESCRIÇÃO DA TURMA:** A turma escolhida para a aplicação da pesquisa é a turma do 4º ano do ensino fundamental regular (TURMA: F4M901) do turno da manhã. Essa turma possui 16 estudantes matriculados dividida em 7 meninas e 9 meninos. A faixa etária varia entre 8 a 9 anos. A turma é bem diversa em relação à classe socioeconômica, religião e raça. A motivação para escolher esta turma partiu do meu contato com eles(as) que é muito positivo e acolhedor.

**CONTEÚDO TRABALHADO:** O conteúdo a ser trabalhado nesse 3º bimestre é “Jogos competitivos e cooperativos”. O conteúdo segue o planejamento baseado no livro utilizado pelo professor, finalizando com a participação dos (das) estudantes nos “Jogos Interclasse” na semana de aniversário da escola.

**REFERÊNCIA:**

Freire, João Batista. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.

<b>DIÁRIO DE CAMPO - 1º REGISTRO</b>	
<b>DATA:</b>	<b>QUANTIDADE DE ESTUDANTES PRESENTES:</b>
	<b>METODOLOGIA:</b>
	<b>MEUS RELATOS:</b>
	<b>INCIDENTES CRÍTICOS (IC):</b>
<b>HORÁRIO:</b> 08h30 às 09h15	<b>MINHAS REFLEXÕES:</b>

	<b>REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS DO AMIGO CRÍTICO:</b>
--	--

<b>DIÁRIO DE CAMPO - 1º REGISTRO</b>	
	<p><b>TURMA E QUANTIDADE DE ESTUDANTES PRESENTES:</b> Turma do 4º ano do ensino fundamental com 16 estudantes presentes, sendo 9 meninos e 7 meninas com média de idade de 9 anos.</p>
	<p><b>METODOLOGIA:</b> 1º momento: Roda de conversa sobre os conceitos e diferenças de jogos individuais e coletivos. 2º momento: estudantes escolheram se iriam praticar jogos individuais ou coletivos; escolher quais jogos seriam praticados e como seria a organização dos (as) estudantes nas atividades. 3º momento: Jogar as atividades escolhidas pelos (as) estudantes.</p>
<p><b>DATA:</b> 22/08/2025</p>	<p><b>MEUS RELATOS:</b> Iniciamos a aula dentro de sala de aula, com os (as) estudantes sentados em suas respectivas cadeiras e relembramos o conceito de “jogo” e diferenciamos jogos individuais de jogos coletivos, onde os (as) estudantes exemplificaram primeiro jogos individuais e depois os coletivos. Foi tratado também a respeito da importância do trabalho em grupo para chegar ao objetivo do jogo coletivo. Após isso propus aos (as) estudantes que escolhessem praticar um dos dois tipos de jogos e eles escolheram os jogos coletivos argumentando que assim todos poderiam participar da atividade. Após isso eles (as) escolheram quais os jogos coletivos iriam jogar e como seriam a composição das equipes, levando em consideração o espaço e o material disponível para a prática que é uma quadra descoberta, duas bolas de borracha e três cones pequenos. Ficou decidido que jogariam “queimada” e “bandeirinha”. Fomos para a quadra da escola e ao iniciar com a atividade “queimada”, os (as) estudantes optaram por misturar os gêneros dentro das equipes, apesar de um estudante argumentar que gostaria que fosse meninos contra meninas pois era “mais legal”, mesmo assim, a maioria decidiu continuar com as equipes mistas. Durante as partidas tudo ocorreu de acordo com o esperado, sem nenhum tipo de conflito, com uma vitória para cada equipe. Decidimos mudar de atividade e jogar “bandeirinha”. As equipes foram mantidas nas mesmas composições da “queimada”. Durante a primeira partida tudo estava ocorrendo sem nenhum tipo de conflito, porém ao final dessa partida, com a vitória de uma das equipes, um estudante (menino) faz a seguinte fala: “Vocês, meninas são lerdas!” e logo em seguida diz a outro menino “esse time é uma merda”. Isso provoca reação das meninas que vem até eu cobrar uma atitude e eu chamo a todos (as) para uma reunião na quadra para tratar sobre as falas do estudante. Pergunto-lhe por que ele teve aquela fala a respeito das meninas de sua equipe? Ele, assustado com a reação das meninas, não diz nada, então eu pergunto se ele acha que as meninas da equipe dele não estavam se esforçando na atividade? E ele explica que ficou chateado por perder a partida. Pergunto a ele se ele acha que ofendendo as meninas, elas iriam ficar mais motivadas a jogar com mais ímpeto? Ele reconhece que não e pede desculpas a todas as meninas apertando a mão delas. Por último, pergunto se em sua casa os homens costumam tratar as mulheres através de ofensas? Ele baixa a cabeça e diz que não. As meninas da turma relataram que é recorrente esse tipo de comportamento desse estudante para/com elas, não somente nas aulas de Educação Física, mas em outras também. Sobre a sua 2ª fala dizendo que o “time era uma merda” perguntei se ele considerava que seus colegas não eram aptos para jogar com ele? Ele respondeu que achou que o time ficou desequilibrado, referindo-se ao nível técnico. Perguntei se ele achava que as escolhas feitas pelo colega que formou a equipe teriam sido erradas? Ele disse que sim. Perguntei a ele que se ofendendo a todos (as) na sua fala, ele achava que os (as) colegas iam se motivar e jogar mais? Ele disse que não e se desculpou com todos de sua equipe. Perguntei então de que forma ele achava que deveria agir para ajudar os (as) colegas?</p>
<p><b>HORÁRIO:</b> 08h30 às 10h10</p>	

	<p>Ele disse que iria se empenhar mais e orientar de forma educada a todos (as). Após isso realizamos a 2ª partida onde tudo transcorreu normalmente, sem alterações, e a equipe do estudante que havia dito as falas ganhou. Chamei novamente os (as) estudantes e falamos sobre as atitudes que ocorreram hoje e perguntei a todos (as) se achavam corretas? Ouvi um sonoro “NÃO” dos (as) estudantes como resposta. Perguntei o que poderíamos fazer para não haver mais conflitos assim na turma? Uma menina disse que merecem respeito e que não gostam de ser tratadas assim e um menino disse que sua mãe o ensinou a respeitar todos (as) e nunca falar com alguém assim. Finalizamos a aula e eles retornaram para sua sala.</p>
	<p><b>INCIDENTES CRÍTICOS (IC):</b> Questões de gênero e questões dos menos habilidosos.</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A AULA:</b>  Sobre a situação envolvendo o aluno e sua fala em relação às meninas, identifiquei em sua postura um entendimento de que meninas não conseguem desempenhar as tarefas dentro de um jogo com a eficiência que ele esperava ou que ele acha que consegue desempenhar, demonstrando um ar de superioridade por ser menino e uma ideia de que meninas não deveriam estar participando do jogo.  A respeito de sua fala posterior ofendendo sua equipe como um todo, meninos e meninas, mostra que ele se sente mais habilidoso que os demais e que, acometido pela raiva, não controla suas emoções deferindo ofensas aos colegas.  Já conheço o aluno desde os 6 anos de idade e ele é fã da modalidade futebol, faz escolinha dessa modalidade e sempre demonstrou bastante habilidade nesse tipo de atividade, por ter uma infância bem ativa, acredito que isso tenha o favorecido fisicamente na realização de outras atividades também.  As duas situações demonstram uma fragilidade emocional e um espírito competitivo exacerbado que pode ser reflexo do que ele vivência dentro de casa ou no dia a dia junto a outros amigos (as).  Acredito que esse tipo de situação deve ser debatido em sala de aula, mas primeiro devo fazer uma análise junto aos demais docentes se esse tipo de comportamento também ocorre dentro das aulas de outras disciplinas e organizar um momento em conjunto com todos da turma para tratar sobre o assunto.  Nas aulas de Educação Física, penso em propor outras atividades competitivas para analisar se surtiu efeito na turma nossa conversa da aula anterior e verificar se outros (as) estudantes também apresentam esse comportamento. Após isso, pretendo elaborar uma sequência de jogos coletivos e cooperativos visando trabalhar a ajuda mútua entre os (as) colegas dentro da turma e analisar o comportamento de todos.</p>
	<p><b>REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS DO AMIGO CRÍTICO:</b> Você conseguiu o "NÃO" da turma e penso que isso já é uma vitória, pois mostra que eles/as entendem que aquela atitude não foi legal. Mas fiquei me questionando aqui: e se você tivesse ido um passinho além? O que eu faria, pensando aqui como seu amigo crítico, seria perguntar algo do tipo: "Beleza, mas por quê? O que a gente pode fazer, no dia a dia, para que isso não se repita?" "Você gostaria que alguma pessoa da sua família fosse tratada dessa maneira?". Talvez até perguntar, na sinceridade, o que faz alguém, quando está frustrado, explodir e falar uma coisa daquelas. Talvez isso abriria uma porta para eles/as se colocarem no lugar do/a outro/a, e até para pensarem sobre as próprias reações quando perdem algo.  Aquele momento na quadra, com o aluno se desculpando e a menina falando que a mãe a ensinou a respeitar, me fez pensar o quanto a gente, como professor, é parte de uma corrente. A gente não está sozinho/a nessa missão de educar. E a gente também não pode esquecer que a raiva daquele menino veio de algum lugar. Às vezes, ele só está repetindo o que vê por aí, seja em casa, na internet ou com os/as amigos/as.</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE AS FALAS DO AMIGO CRÍTICO:</b>  Penso que sua reflexão sobre os incidentes identificados e as atitudes que devo tomar enquanto professor são justas e estão de acordo com a minha concepção de aula de Educação Física. Não podemos fechar os olhos para esses tipos de situação, pois estamos formando pessoas para viver em sociedade e esse tipo de comportamento agressivo não deve ser aceito. Sobre as estratégias de abordar os assuntos dos incidentes, também aposto nos momentos de reflexão, partindo sempre do micro (a situação da ofensa às meninas) para o macro (sua relação com as mulheres na família como a mãe, irmã, tia, avó etc. e saber se esse comportamento se repete). Quanto mais o (a) aluno (a) refletir</p>

	sobre a situação, mais ele mesmo percebe que esse não é um comportamento adequado e que deve se policiar para não repeti-lo.
--	--

<b>DIÁRIO DE CAMPO - 2º REGISTRO</b>	
<p><b>DATA:</b> 29/08/2025</p> <p><b>HORÁRIO:</b> 08h30 às 10h10</p>	<p><b>TURMA E QUANTIDADE DE ESTUDANTES PRESENTES:</b> Turma do 4º ano do ensino fundamental com 16 estudantes presentes, sendo 9 meninos e 7 meninas com média de idade de 9 anos.</p>
	<p><b>METODOLOGIA:</b> 1º momento: Roda de conversa sobre os comportamentos observados na aula anterior. 2º momento: repetimos a prática do jogo “bandeirinha” e praticamos a “travinha”. 3º momento: roda de conversa avaliando, junto aos estudantes, as práticas e os comportamentos observados durante a aula.</p>
	<p><b>MEUS RELATOS:</b> Iniciamos a aula dentro de sala de aula, com os (as) estudantes sentados em suas respectivas cadeiras e relembramos as atividades desenvolvidas dentro da aula anterior. Durante esse processo, os (as) estudantes ressaltaram o aspecto lúdico dos jogos praticados na aula anterior, mas mencionaram também as falas do colega em relação às meninas e ao seu próprio time. Aproveitei para levantar um debate sobre qual comportamento deveríamos ter para/com as pessoas em situações de jogos e no nosso dia a dia? Houve muitas falas sobre respeito com o próximo, com as meninas/mulheres até citando como são seus comportamentos com suas mães e irmãs e como deveria ser dentro das atividades nas aulas de Educação Física. As meninas relataram o uso de força demasiada dos meninos ao jogar a bola durante a brincadeira queimada, onde causa medo nelas de participar do jogo e, então foi perguntado para a turma o que poderia ser feito para amenizar a situação e foi proposto que os meninos, ao jogar a bola em direção às meninas, deveriam diminuir a força, tendo aceitação de todos os meninos da turma. Após a conversa inicial fomos para quadra e repetimos a atividade anterior, pois havia terminado empatado. Porém, não repeti as equipes e, dessa vez, as equipes foram formadas por meninas, ao contrário do que houve na aula anterior. Duas meninas foram chamadas e, logo no início, um menino se recusou a participar da equipe em que foi chamado. Chamei ele para conversar e entender o porquê dessa atitude e ele relatou que “não gostava daquela menina que o escolheu, por desavenças dentro de sala de aula”, perguntei a ele se podia relevar, pensar no grupo, desconsiderando essa situação e participando da equipe? Ele disse que podia e topou participar. Ainda durante a formação das equipes, houve outro incidente entre dois alunos relacionado a ofensas verbais entre eles. Ambos se acusavam de que o outro estava-o xingando. Chamei a atenção da turma para o ocorrido e outros (as) estudantes relataram que ambos sempre se comportavam dessa forma dentro da sala de aula e durante o recreio. Falaram que a professora das outras disciplinas sempre chamava a atenção deles e mesmo assim eles continuavam com o comportamento. Conversamos então sobre a importância da escola, sobre educação e sobre não poder xingar ou falar palavrões a outras pessoas, seja dentro ou fora da escola. Os alunos envolvidos relataram que na casa deles ouvem pessoas da família se tratar desses nomes e que isso é comum e tratavam isso como uma brincadeira. Pedi a eles que não fizessem mais isso, pois não condiz com a educação que é dada pelos (as) professores (as) e eles prometeram parar com esse comportamento. As equipes foram formadas, o jogo iniciado e tudo transcorreu muito bem durante o restante da aula. Mudamos para a prática da travinha e outras equipes foram formadas, com a liderança das meninas da turma e tudo ocorreu tranquilamente, ressaltando falas de alguns meninos elogiando as meninas pelo desempenho que tiveram nas partidas. Sentamos num local com sombra e discutimos sobre a aula. Os (as) estudantes demonstraram gostar das atividades e colocaram como pontos negativos as duas situações descritas com os dois estudantes se ofendendo. Desta forma finalizamos a aula.</p>
	<p><b>INCIDENTES CRÍTICOS (IC):</b> Questões de violência</p>
<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A AULA:</b> Começo evidenciando que durante a semana conversei com a professora das outras disciplinas sobre os casos envolvidos na aula anterior para que tomasse ciência e para que possamos agir em conjunto a respeito do incidente envolvendo a questão de gênero e o dos menos habilidosos. Ela não se mostrou surpresa, disse que existem outras situações que ocorrem nas aulas e que vamos reunir para abordar os temas em nossas aulas posteriormente.</p>	

Ao iniciar a aula, quando tratamos sobre os incidentes da aula anterior, reparei que o aluno envolvido se mostrou surpreso que trouxe o debate sobre o comportamento dele à tona novamente, mas ele ouviu a opinião de todos e voltou a se desculpar com a turma. Nessa aula resolvi aceitar o pedido da turma de jogar bandeirinha novamente, mas, desta vez, resolvi colocar as meninas para formar as equipes e avaliar o comportamento de todos diante da situação, então tratou-se de uma decisão tomada propositalmente. A escolha da travinha, uma adaptação do futebol, também foi proposital por conta de ainda existir preconceito da participação feminina nessa modalidade, portanto, queria avaliar o comportamento dos (as) estudantes nessa atividade também.

Sobre a situação envolvendo o aluno e sua negativa de participar da equipe no jogo de bandeirinha, inicialmente pensei que seria mais uma situação envolvendo o caso de preconceito por ter sido uma menina formando a equipe, mas, ao conversar com o aluno, ficou claro que é uma situação de conflito que vem desde as outras aulas das outras disciplinas. Desta forma resolvi contornar a situação, conversar com o aluno e prosseguir com a dinâmica de formação das equipes. Como o aluno aceitou continuar na equipe, achei melhor registrar a situação para tratar junto a professora das outras disciplinas para abordarmos em conjunto e tentar resolver essa desavença.

Sobre a situação das ofensas verbais, como já conheço os alunos envolvidos, já havia percebido que se trata de um reflexo do tratamento que eles têm ou presenciaram em suas famílias. Apaziguei a situação durante a aula, ressaltando que o fato não pode acontecer na escola e em lugar algum e fiquei tranquilo ao ouvir de outros (as) alunos (as) concordando com minha fala. Isso fez com que os alunos envolvidos, pelo menos naquele momento, não repetissem o comportamento inadequado.

O restante da aula ocorreu normalmente e o comportamento do aluno envolvido nos incidentes da aula anterior foi exemplar, mostrando que, pelo menos momentaneamente, amenizamos a situação, porém, acredito que essas situações devem continuar a ser observadas, não somente com esse aluno, mas com todos (as). Acredito também que o fato de todas as atividades envolverem competição, isso acaba conduzindo o comportamento deles de forma mais agressiva e preconceituosa durante as aulas, pois faz com que eles repitam comportamentos vividos por familiares em situações semelhantes. Desta forma vou planejar uma sequência de aulas com jogos cooperativos, visando enfatizar a importância do trabalho em grupo entre eles.

#### **REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS DO AMIGO CRÍTICO:**

Reconheço que o fato de você começar a aula retomando o conflito do dia anterior foi uma decisão acertada, pois, assim, percebe-se que você não varreu o problema para debaixo do tapete e isso foi extremamente importante. Mas, observando sua ação e sua análise com uma lupa mais crítica, trago alguns questionamentos, divididos em alguns pontos:

- Sobre a forma de seleção das equipes, que você mediu, houve alguma orientação específica sobre a criação de uma regra? Se sim, ótimo. Mas que regra foi essa? Pelo que entendi, foi uma que protegia as meninas da força dos meninos. Dessa maneira, você acha que realmente conseguiu resolver o problema, ou você apenas o contornou? Ao criar essa regra, você não está, sem querer, carimbando a ideia de que “meninas são o sexo frágil que precisa de proteção” e que “os meninos são naturalmente brutos e incapazes de ter autocontrole”? Em um momento oportuno, julgo pertinente a proposição de um debate para ouvir dos/as próprios/as estudantes os motivos da necessidade de haver uma regra que, em determinados momentos, separa meninas de meninos. A reflexão final que faço para este ponto é: Você está ensinando- os/as a evitar a violência ou a desconstruí-la através de suas aulas?

- Sobre sua posição como mediador, não tenho tantas considerações, pois há uma certa reciprocidade de pensamento na questão de haver necessidade de intervenção quando a turma está em conflito. E o questionamento que faço para você, enquanto amigo crítico, permeou meus pensamentos por um bom tempo, que é saber se o seu objetivo é ser o “eterno juiz” que resolve os problemas da turma, ou é dar a eles/as os meios necessários para que tenham autonomia suficiente para resolver seus próprios conflitos?

- Sobre as práticas, percebi que os jogos propostos por você, como bandeirinha e travinha, ainda que lúdicos, acontecem fundamentalmente com o objetivo de ganhar ou perder, de haver uma equipe melhor que a outra. Será que a sua intervenção, ao trazer jogos com o intuito competitivo, não está, de certa forma, semeando o terreno para que as sementes da agressividade que eles/as trazem de casa floresçam?

	<p>Camarada, sua prática é potente porque você se permite ser vulnerável e questionar. Não se acomode nas soluções fáceis. A regra que a turma criou não é o ponto de chegada, é o ponto de partida para uma discussão muito mais profunda. Continue nesse caminho. É o caminho dos que não se contentam. E é aí que a verdadeira educação acontece.</p>
	<p>Para o momento, essas são minhas considerações e questionamentos.</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A FALA DO AMIGO CRÍTICO:</b>  Sobre essa reflexão, concordo que o caminho que deveria ter percorrido durante toda a aula é o de observar os problemas e levar questões de como resolvê-los junto aos (as) estudantes, assim como fiz sobre os arremessos fortes dos meninos em direção das meninas, problema sinalizado pelas próprias meninas e que a própria turma encontrou uma solução. No momento da formação das equipes acredito que também seria interessante ouvi-los e questionar sobre qual a melhor maneira de organização. Sobre seu questionamento do primeiro ponto, acredito que estou tentando fazer com que reflitam sobre os comportamentos agressivos e mostrar que não devem ser aceitos independente do local que tiverem frequentando, ou seja, nem nas aulas e nem na sociedade. Sobre a questão dos jogos competitivos observei e registrei ao final da aula, por isso pretendo fazer intervenções com jogos cooperativos para que, mesmo que ainda possuam um percentual de competitividade, vão fazer com que os (as) alunos (as) reflitam sobre companheirismo, trabalho em grupo e objetivo comum, que pode ajudar e amenizar esses conflitos dentro das aulas.</p>

<b>DIÁRIO DE CAMPO - 3º REGISTRO</b>	
<p><b>DATA:</b> 19/09/2025</p> <p><b>HORÁRIO:</b> 08h30 às 10h10</p>	<p><b>TURMA E QUANTIDADE DE ESTUDANTES PRESENTES:</b>  Turma do 4º ano do ensino fundamental com 16 estudantes presentes, sendo 9 meninos e 7 meninas com média de idade de 9 anos.</p>
	<p><b>METODOLOGIA:</b>  1º momento: Roda de conversa explicando sobre como funcionará a atividade.  2º momento: Produção do cartaz  3º momento: Discussão sobre o conteúdo do cartaz e a relação com a aula de Educação Física.</p>
	<p><b>MEUS RELATOS:</b> Iniciamos a aula dentro de sala de aula, com os (as) estudantes sentados em círculo no chão da sala. Lá mostrei os materiais que iríamos utilizar, cartolina, cola, tesoura, imagens e frases impressas e pedi ajuda a todos para cortar e separar. Após todos ajudarem nos cortes das frases e imagens, iniciamos o processo de cola com o título do nosso cartaz “Lugar de mulher é...” e já percebi alguns alunos, meninos, completando a frase dizendo que era “cuidando da casa”, “lavando a roupa”, “cuidando dos filhos” e sorrindo. Das meninas presentes, uma se indignou e disse que eram falas machistas. Continuamos a produção do cartaz dividindo-o ao meio em duas categorias, do lado esquerdo do cartaz deveriam ser coladas imagens simbolizando o papel da mulher no esporte e do lado direito imagens simbolizando o papel da mulher na vida. As imagens trazidas por mim, mostravam mulheres praticando algumas modalidades esportivas e outras imagens mostrando mulheres exercendo diversas profissões, então fui apresentando uma imagem de cada vez e perguntando a eles em qual categoria se encaixavam. Após a identificação da categoria, já posicionava a imagem no local onde ela deveria ser colada. A cada imagem apresentada eu perguntava aos (as) estudantes se a mulher podia praticar aquele esporte ou exercer aquela profissão, promovendo uma discussão a partir das falas dos (as) estudantes. Após todas as imagens coladas, finalizamos a produção do cartaz com a seguinte frase: “...onde ela quiser!”. Finalizamos a aula perguntando aos (as) estudantes qual a relação desse trabalho com nossas aulas de Educação Física? Eles ficaram em silêncio, mas logo um aluno disse que lembrou da situação de uma aula em que um colega disse que “as meninas eram lerdas”, a partir daí retornamos a discussão, agora após o conhecimento e o debate surgido na produção do cartaz, visando analisar as opiniões de todos os (as) estudantes.</p>
	<p><b>INCIDENTES CRÍTICOS (IC):</b> Questões de gênero</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A AULA:</b>  A ideia de iniciar a aula com todos sentados em círculo e no chão foi proposital para colocar todos, meninos, meninas e professor, no mesmo patamar para poder discutir as questões de gênero. Logo quando colamos o título do cartaz verifiquei que alguns alunos,</p>

meninos, já haviam entendido o tom da conversa que tínhamos e disseram falas visando desmerecer e provocar as meninas presentes na turma. Uma delas logo se pronunciou e taxou os meninos de “machistas”. Acalmei os ânimos e disse que íamos discutir isso durante o nosso trabalho, porém, consegui apresentar o tema a eles e já perceber quais eram os posicionamentos que tínhamos durante a atividade. Ao começar a colar as imagens identificadas na categoria “esporte”, trouxe imagens de mulheres praticando futebol, basquete, treinando na academia e levantando premiações nas Olimpíadas de 2024. Logo na imagem do futebol perguntei se as mulheres podiam praticar e todos disseram que sim, então perguntei se eles conheciam alguma jogadora de futebol feminino e alguns responderam que conheciam a Marta. Falei que ela já foi eleita diversas vezes a melhor jogadora do mundo e logo em seguida o aluno que teve a fala sobre as meninas na nossa aula semanas atrás disse que o Neymar era melhor, mostrando uma preferência pela qualidade do futebol masculino, em particular do jogador Neymar, e desmerecendo a qualidade da Marta. Perguntei a turma se era correto comparar o desempenho das mulheres com o dos homens? Alguns disseram que não e outros ficaram calados. Perguntei se a Marta jogava junto do Neymar? Todos disseram que não. Então enfatizei que, como eles não jogam as mesmas partidas, não era justo comparar desempenhos e que cada um deveria ser avaliado dentro do seu gênero. Quanto as outras imagens esportivas, não houve discussões consideráveis e sim um posicionamento favorável para que as mulheres participem. Perguntei a todos se alguma mulher conhecida por eles na família praticava algum esporte? E todos afirmaram que sim. Passamos para a categoria “vida” e diante das diversas profissões apresentadas nas imagens, elas mostravam mulheres exercendo a profissão de bombeira, policial militar, motorista de ônibus e em diversas funções na construção civil. Ao mostrar as imagens sempre perguntei se eles conheciam alguma mulher que exercia aquela profissão mostrada na imagem? Todos relataram não conhecer mas alguns afirmaram que já tinham visto uma bombeira e uma mulher na construção civil. Perguntei se eles achavam que as mulheres podiam exercer essas profissões? A grande maioria disse que sim enquanto outros não comentaram. Por último questionei se suas mães, tias ou avós trabalhavam fora de casa? A maioria da turma disse que sim, inclusive o aluno envolvido no caso de chamar as meninas de lerdas na aula do dia 22/08 enquanto jogavam bandeirinha. Essa atividade serviu pra conhecer um pouco do entorno que envolve os (as) estudantes em relação com questões de gênero e que mesmo com grande parte deles dizer que mulheres podem praticar qualquer esporte ou exercer qualquer profissão, ficou a impressão que ainda vivenciam momentos entre familiares e amigos onde falas machistas ocorrem e eles, os meninos, acabam reproduzindo até por provocação às meninas. Por último ao perguntar sobre a relação do tema com nossas aulas de Educação Física, um aluno lembrou do caso com a fala do colega sobre as meninas e novamente questionei se era correto esse tipo de comportamento ofensivo e machista, utilizando uma palavra dita por uma das meninas. A turma inteira, inclusive o aluno que protagonizou a situação, disseram que não e pediu desculpas novamente. Me pareceu que ele realmente entendeu que errou na situação, mas, se essas situações continuarem a acontecer nos ambientes fora da escola, provavelmente pode se repetir. Uma ação conjunta entre família e escola poderia ajudar e nas aulas de Educação Física, pretendo propor discussões e atividades cooperativas visando reduzir o número de conflitos.

#### **REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS DO AMIGO CRÍTICO:**

Início minhas considerações citando que as estratégias desenvolvidas e aplicadas por você tiveram méritos inegáveis na promoção de justiça social e que iniciar a aula com a frase “Lugar de mulher é...” foi uma “isca” pedagógica excepcional. A sutileza da expressão não tentou impor um sermão sobre machismo, trazendo à tona um vácuo preenchido previsivelmente com expressões opressoras, revelando o preconceito presente no dia a dia da sala de aula. Entretanto, percebo que o fato de uma aluna ter se sentido segura para nomear as falas anteriores como machistas já é um indicador positivo no ambiente da turma. Também, de forma sutil, o cartaz produzido com imagens de mulheres em diferentes esportes e profissões funcionou como um contraponto direto e curricular aos estereótipos que eles mesmos tinham acabado de verbalizar. Acredito que o grande acerto da proposição tenha sido a pergunta final, que trouxe ao debate o incidente em que um estudante chamou as colegas de “lerdas”, pois transcendeu a discussão abstrata através de uma situação prática de violência simbólica vivenciada por eles/as. Pensando nos próximos passos, a primeira ideia que surge é sobre o

	<p>protagonismo discente na construção de uma Educação Física Escolar que promova justiça social. O relato mostra que os materiais, as imagens e as frases foram oportunizadas por você, dentro de um roteiro pré-definido por você. Com isso, o questionamento que faço é: A justiça social foi, portanto, apresentada a eles/as ou construída por eles/as? O que seria diferente se o desafio fosse “tragam imagens que completem a frase?”. Além disso, não posso deixar de citar o ocorrido em que os meninos riram após a apresentação da frase que construiria a discussão da aula, pois entendi que o debate final analisou as opiniões, o que é importantíssimo, mas, terá ele confrontado essa situação? Houve um momento em que esses alunos precisam articular uma mudança de perspectiva, ou apenas aprenderam a “resposta correta” para o encerramento da atividade? A discussão abordou criticamente o papel da mulher na sociedade, mas será que ela também se voltou para o papel do homem no combate ao preconceito, que gera comentários como o proferido durante a aula, que citou a expressão “meninas lerdas”? A prática foi excelente para mostrar que as mulheres podem, mas talvez o próximo passo seja discutir ou que os meninos se sentem à vontade para rir disso e qual a responsabilidade deles na mudança desse cenário.</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A FALA DO AMIGO CRÍTICO:</b> Essa sua observação sobre aprofundar mais a reflexão para que eles possam elaborar suas próprias concepções de como a violência de gênero assola a sociedade está de acordo com a minha prática pedagógica. Acredito que a aprendizagem partindo do conhecimento dos (as) alunos (as) seja muito mais rica e produtiva, pois eles se sentem participantes e mais seguros para emitir suas opiniões e contribuir com a aula. Aprendem a identificar os problemas, refletir sobre o impacto deles no seu convívio social e são encorajados a propor soluções ou estratégias que possam amenizar esses problemas, podendo repetir essa dinâmica enquanto cidadãos.</p>

<b>DIÁRIO DE CAMPO - 4º REGISTRO</b>	
<p><b>DATA:</b> 26/09/2025</p> <p><b>HORÁRIO:</b> 08h30 às 10h10</p>	<p><b>TURMA E QUANTIDADE DE ESTUDANTES PRESENTES:</b> Turma do 4º ano do ensino fundamental com 16 estudantes presentes, sendo 9 meninos e 7 meninas com média de idade de 9 anos.</p> <p><b>METODOLOGIA:</b> 1º momento: Roda de conversa dialogando junto aos (as) estudantes sobre o que é cooperação e como ela acontece no dia a dia e nas aulas de Educação Física. 2º momento: Prática de um jogo cooperativo: Queimada da soma. 3º momento: Avaliação sobre as situações de conflito surgidas durante a prática.</p> <p><b>MEUS RELATOS:</b> Iniciamos a aula dentro de sala de aula, com os (as) estudantes sentados em suas cadeiras. Escrevi a palavra “COOPERAÇÃO” no quadro, pedi a eles para ler a palavra em voz alta e perguntei qual o significado da palavra. A primeira palavra relacionada ao significado foi “RESPEITO” e, logo em seguida, uma aluna disse a palavra “AJUDA”. Eu as escrevi no quadro fazendo uma seta ligando essas duas palavras à palavra “COOPERAÇÃO” relacionando-as. Comecei perguntando como podemos cooperar ou ajudar outras pessoas em nosso dia a dia? E começaram a falar sobre situações de ajuda nas tarefas domésticas onde ajudam em casa. Então perguntei sobre como podemos ajudar na escola? Houve falas sobre não fazer barulho enquanto o (a) Professor (a) estava dando aula, de levar o prato e copo após a merenda de volta para a cozinha da escola, respeitar e não ofender nenhum colega ou funcionário (a) da escola. Nesse momento consegui relacionar as palavras “COOPERAÇÃO”, “AJUDA” e “RESPEITO” dizendo que deveríamos ajudar as pessoas respeitando-as. Perguntei como isso poderia acontecer dentro das nossas aulas de Educação Física? Eles responderam que não reclamar do colega durante as atividades, respeitar as pessoas que formam as equipes em atividades coletivas e tratar as atividades como algo para que ficassem felizes ao realizar, sem brigas ou confusões. A partir dessa discussão, apresentei a atividade coletiva que colocaríamos em prática durante nossa aula. Primeiro falei o nome do jogo “queimada” o que os deixou bastante animados, depois expliquei que seria realizado de forma diferente e que eu faria algumas mudanças nas regras, mas a principal seria que a pessoa que fosse atingida pela bola, passaria a pertencer a outra equipe, e que ela deveria se dedicar com o mesmo ímpeto a sua nova equipe, assim, o jogo finalizaria quando todos de uma equipe passassem para a equipe adversária. Após isso perguntei se haveria ganhador e um perdedor nesse jogo? Todos disseram que sim. Então pedi que refletissem</p>

	<p>sobre o fato de todos iriam terminar na mesma equipe, já que, ao ser atingido, a pessoa mudaria para a outra equipe? Aí eles chegaram a conclusão de que todos iriam ser ganhadores, pois todos estariam se ajudando a trazer os colegas para sua nova equipe. Após essa reflexão, fomos para a quadra colocar em prática o jogo. Pedi que a turma me indicasse quais os (as) estudantes de melhor comportamento em todas as aulas, incluindo da disciplina Educação Física, e a escolha dos formadores da equipe partiu do voto da maioria. Ao iniciar as escolhas houve um momento de recusa por um aluno, mas, logo, os próprios (as) estudantes lembraram da nossa conversa em sala sobre cooperação e o conflito se resolveu. Ao iniciar a partida, demoraram um pouco a entender a dinâmica, mas logo davam boas vindas aos colegas que chegavam, até que um colega, ao ser atingido, foi acusado de não se esforçar para desviar da bola para retornar para sua equipe. Paramos a partida para conversarmos sobre o assunto e o aluno envolvido disse que não fez de propósito e o restante da turma lembrou que, ao trocar de equipe ele deveria se dedicar da mesma forma que se dedicava em sua equipe anterior. O aluno assumiu a culpa, pediu desculpas e prometeu não fazer mais. O jogo continuou e mais nenhum incidente ocorreu. Ao final da aula, reunimos em uma sombra na quadra e perguntei a eles se gostaram dessa forma de jogo de queimada? Eles disseram que sim e seus semblantes mostravam muitos sorrisos pois estavam comemorando a “vitória” com todos da turma. Relembramos os possíveis incidentes que teriam ocorrido durante a partida e pedi que relacionassem a prática de hoje com o conceito de cooperação. Disseram que a cooperação ocorreu quando mudavam de equipe e se empenhavam em jogar da mesma maneira para trazer seus colegas em um objetivo comum. Desta forma encerramos a aula.</p>
	<p><b>INCIDENTES CRÍTICOS (IC):</b> Questões de violência</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A AULA:</b> começar a aula perguntando sobre o que eles sabiam sobre cooperação fez com que eles se sentissem mais à vontade para emitir suas opiniões. Ao explicar as mudanças nas regras de um jogo altamente competitivo transformando-o em um jogo cooperativo os deixou curiosos para testar essa nova forma de jogar. E perceber que eles conseguiram relacionar nossa discussão sobre cooperação com a atividade proposta foi uma satisfação pois percebi a diminuição considerável de incidentes dentro da aula, demonstrando que o excesso de atividades competitivas possa contribuir para um comportamento mais agressivo dos (as) estudantes. Na próxima aula falaremos e produziremos nossos acordos dentro das aulas da disciplina para evitar conflitos, ouvindo os (as) estudantes e deixando-os livres para elaborar esse acordo de convivência.</p>
	<p><b>REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS DO AMIGO CRÍTICO:</b> A primeira consideração que faço acerca dessa aula é um elogio à estrutura que você criou para a condução da aula. A arquitetura desenvolvida, em que você iniciou com os conceitos abstratos em sala para, em seguida, criar uma atividade prática que materializou esses conceitos através do movimento foi muito perspicaz. A modificação na regra da queimada transformou o objetivo do jogo em algo genuinamente cooperativo. Você também foi ágil ao usar os conflitos que emergiram (a escolha dos times durante o jogo) como momentos pedagógicos, reconectando as situações à discussão inicial. Porém, algo me inquietou: a escolha de líderes e equipe baseada nos estudantes com melhor comportamento votada pela maioria, foi algo que me deixou em alerta. Será que essa abordagem, logo após uma fala sobre respeito e cooperação, não arriscou reforçar rótulos ou alienar justamente os/as alunos/as que mais precisassem dessa aula? Ficou a reflexão sobre se os/as alunos/as de “pior comportamento” não se sentiram excluídos ou foram os últimos a serem escolhidos. Também, questionei-me sobre a conclusão de que “todos/ foram ganhadores/as” foi uma descoberta autêntica da turma ou uma conclusão para qual você os conduziu com suas perguntas? Por fim, falo apenas que tais considerações são inquietações para refinar algo que já está muito bom.</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A FALA DO AMIGO CRÍTICO:</b> Realmente, você me fez refletir sobre os (as) estudantes que não foram elencados entre os de melhor comportamento que, teoricamente, seriam os (as) alunos (as) que mais necessitassem de acompanhamento, porém como as estratégias de organização de equipes se dá através de testes, isso é facilmente corrigido em um outro momento da aula. Sobre a conclusão da atividade onde não haveria perdedores e todos seriam ganhadores, ela surge da ideia de que, ao final da partida, todos (as) terminavam em uma mesma equipe, pois o objetivo do jogo era conquistar todos os (as) jogadores (as) da</p>

equipe adversária, trazendo um ambiente de acolhimento e conforto em relação a uma possível frustração ao ser “queimado”.
---

<b>DIÁRIO DE CAMPO - 5º REGISTRO</b>	
<b>DATA:</b> 03/10/2025          <b>HORÁRIO:</b> 08h30 às 10h10	<b>TURMA E QUANTIDADE DE ESTUDANTES PRESENTES:</b> Turma do 4º ano do ensino fundamental com 16 estudantes presentes, sendo 9 meninos e 7 meninas com média de idade de 9 anos.
	<b>METODOLOGIA:</b> 1º momento: Roda de conversa sobre o tema “amizade, companheirismo e respeito” 2º momento: Atividades cooperativas e competitivas 3º momento: Avaliação sobre o aprendizado da aula
	<b>MEUS RELATOS:</b> Iniciamos a aula, em sala de aula, conversando sobre as três palavras que envolviam o tema da aula de hoje “amizade, companheirismo e respeito”. Foi perguntado para a turma qual o significado da palavra “amizade”. Muitos (as) alunos (as) ficaram a vontade de se pronunciar, mas, em resumo, destaco a frase de um aluno que disse que “seria quando a gente gosta de estar com alguém no lugar onde estamos, como a sala de aula”. Perguntei sobre o significado da palavra “companheirismo” e menos alunos responderam, porém, podemos destacar a fala de uma aluna onde menciona ser “quando a gente ajuda nosso amigo”. Por último, perguntei sobre o significado da palavra “respeito” e a fala significativa foi de uma aluna que disse “é quando a gente não briga, não xinga e não grita com o colega”. Depois de ouvi-los, perguntei se nessa turma todos eram amigos? Um aluno respondeu que “uns são mais amigos do que os outros, mas que não tinha ninguém que não gostasse de ninguém, só que a amizade era mais forte entre alguns”. Perguntei se a turma concordava com a fala do colega e todos concordaram. Perguntei então se todos eram companheiros na turma? Todas as respostas foram que sim e uma aluna ressaltou que “mesmo não sendo tão próxima de algum colega, ela sempre estava disposta a ajudar quando precisasse, acredito que todos nós devemos ser assim”. A turma concordou com a fala e preparei a última pergunta sobre se todos se respeitavam? Houve divergências, uns dizendo que sim e outros dizendo que não. Encerrei a conversa e fomos para a quadra realizar as atividades planejadas. Começamos por um circuito e a turma seria apenas uma única equipe, onde a competição seria contra seus próprios tempos de conclusão da atividade. O circuito consistia em passar por um trecho movimentando-se em zig-zag pelos cones que estavam em pé, depois saltassem os três cones que estavam deitados, pegassem um bambolê que estava no chão e, em uma distância demarcada no piso da quadra, acertassem um pequeno cone que estava em pé, servindo como numa espécie de alvo. Para concluir a tarefa, o bambolê deveria permanecer no chão com o cone dentro dele e em pé. Após esse momento os (as) alunos (as) deveriam retornar para sua fila, correndo na sua maior velocidade e batendo não mão do colega que estava a sua espera, liberando-o para passar pelo circuito. Esse processo foi repetido até o último colega da turma conseguir e o tempo total de todos estava sendo marcado por um cronômetro. Num total seriam 3 tentativas para toda a turma com os 3 tempos cronometrados. Entre uma etapa e outra eles se reuniam para dar instruções aos colegas e para reorganizar a ordem de entrada no circuito, visando melhorar os tempos. Vale ressaltar que, durante as passagens dos (as) colegas pelo circuito, os que estavam esperando sua vez, acabavam torcendo, chamando o nome do (a) colega, visando incentivá-lo (a). Após esse momento, nos reunimos e os (as) alunos (as) puderam expor suas opiniões sobre os fatos ocorridos na aula.
	<b>INCIDENTES CRÍTICOS (IC):</b> Questões de violência
	<b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A AULA:</b> Percebi, desde a roda de conversa, que os (as) alunos (as) não são mal intencionados a desrespeitar os (as) colegas durante as aulas, pois, ao responderem sobre “amizade” e “companheirismo” todos entravam em consenso sobre o que significava e sobre se deveria acontecer dentro da turma. Porém, mesmo sabendo disso, quando tratamos sobre “respeito” percebi que, em situações extremas de estresse e cobrança, alguns adotam comportamentos agressivos para/com o outro (a). Eles deixaram claro que episódios de violência verbal e até mesmo física ocorrem no dia a dia por conta de falta de controle emocional de alguns. Ao levar para a quadra, relembrei o que discutimos na sala e resolvi formar apenas uma equipe visando observar o comportamento diante de uma situação

	<p>sem outras pessoas como adversários, deixando claro que a única competição seria contra o tempo e o quanto o companheirismo seria importante para incentivar o (a) colega a melhorar seu desempenho. E isso realmente aconteceu, pois, desde o início, vimos os colegas conversando sobre o trajeto, incentivando os (as) colegas que estavam cumprindo a tarefa e apoiando na chegada. No intervalo entre uma etapa e outra eu divulgava o tempo e perguntava a eles se tinha alguma forma deles mudarem algo para melhorar o desempenho. Eles reuniam e montavam uma nova estratégia, como mudanças de posições e orientações aos colegas que apresentavam dificuldades. Por consequência dessa organização, os tempos eram cada vez melhores, demonstrando que suas estratégias estavam sendo bem sucedidas. Ao final analisamos os três tempos e o último foi o mais rápido. Eles ficaram felizes e comemoraram e logo em seguida eu perguntei qual a relação do que tratamos em sala de aula com a atividade proposta na quadra? Alguns permaneceram com semblante de estarem pensando numa resposta elaborada, até que uma fala significativa disse que “tudo que foi falado em sala aconteceu no circuito, porque se não tivessem se apoiado, talvez não conseguissem ir mais rápido”. Então, pra finalizar a aula, perguntei se esse comportamento deveria acontecer apenas nas aulas de Educação Física? Todos disseram que não e que “deveria acontecer nas aulas dos outros professores e em casa”. Vale ressaltar que não houve nenhum incidente de comportamento agressivo dentro da aula. Desta forma finalizamos a aula.</p>
	<p><b>REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS DO AMIGO CRÍTICO:</b></p> <p>Primeiramente, gostaria de destacar a sensibilidade pedagógica em sua percepção de que a competição direta entre os/as estudantes da turma gerava atritos. Apetece-me a ideia da materialização do companheirismo que você propôs, ao direcionar os esforços para a cooperação a partir da lógica de uma única equipe contra o relógio. Assim, continuo minhas reflexões citando a percepção de você conseguiu estabelecer relação com os saberes estudantis, mas também percebo que ficou evidente que a turma consegue cooperar quando o adversário é algo abstrato. Entretanto, e quando o/a adversário/a tiver rosto novamente? Como você planeja fazer a ponte entre esse ambiente controlado de cooperação para o ambiente real do jogo competitivo ou do conflito de interesses, onde eles/as precisarão manter o respeito, por exemplo, mesmo perdendo para um/a colega? Continuo minha análise a partir da contribuição da aluna que definiu o conceito de respeito pelo viés da negação. O fato dela citar que a palavra está relacionada com a “não briga”, o “não xingamento” e o “não grito” mostra um começo interessante para a desconstrução de comportamentos que incitem a violência dentro do ambiente escolar e, conseqüentemente, fora dele, mas fiquei me questionando sobre como podemos expandir essa percepção para que as negações faladas pela jovem sejam ressignificadas. Como você acha que pode provoca-los/as para que haja o entendimento do respeito como uma ação ativa e não apenas como não agredir o/a colega? Também percebi que esse respeito ativo aconteceu, no momento em que a turma se reuniu para dar instruções e reorganizar a ordem durante a experimentação. Você acha que a turma percebe que isso também é uma forma de respeito? A presente aula não apresentou incidentes, o que é louvável para o debate que vem sendo proposto, mas, para os momentos seguintes, como podemos introduzir doses controladas de conflitos ou dificuldades para que a turma exercite o autocontrole? Se facilitarmos sempre para evitar a briga, eles/as nunca aprenderão a gerir a raiva quando situações estressantes ocorrerem posteriormente. Finalizo minhas considerações sobre o registro citando que há uma evolução evidente na gestão do grupo, pois você transcendeu o discurso moralista e foi para a vivência prática desses valores, e entendo que o desafio agora é aumentar a complexidade das relações sem perder esse clima positivo que você conquistou.</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A FALA DO AMIGO CRÍTICO:</b></p> <p>A ideia acerca de propor jogos cooperativos faz parte do planejamento anual da turma, ou seja, já estava previsto análises e ações cooperativas nas práticas corporais dessa turma em específico. Porém os incidentes críticos apresentados no decorrer do ano letivo, fez com que o tratamento desse tema em sala de aula se tornasse de suma importância, pois percebi que em ambientes de competitividade eles (as) tinham atitudes agressivas, ofensivas e até mesmo preconceituosas. O objetivo não é eliminar a competitividade das atividades e substituí-las por atividades 100% cooperativas, mas sim, mostrar que elas devem coexistir tanto nas práticas corporais como também em seu convívio social. Trabalhar a atividade cooperativa de forma isolada, teve como objetivo</p>

	discutirmos o conceito de cooperação e colocá-lo em prática de forma também isolada. Os próximos passos são desenvolver os conceitos e ações discutidas hoje para adaptá-las a todos os tipos de práticas corporais e relacionar com o dia a dia em sociedade.
--	--

<b>DIÁRIO DE CAMPO - 6º REGISTRO</b>	
<p><b>DATA:</b> 10/10/2025</p> <p><b>HORÁRIO:</b> 08h30 às 10h10</p>	<p><b>TURMA E QUANTIDADE DE ESTUDANTES PRESENTES:</b> Turma do 4º ano do ensino fundamental com 16 estudantes presentes, sendo 9 meninos e 7 meninas com média de idade de 9 anos.</p>
	<p><b>METODOLOGIA:</b> 1º momento: Roda de conversa relembando o tema da aula anterior “amizade, companheirismo e respeito” 2º momento: Atividades cooperativas e competitivas 3º momento: Avaliação sobre o aprendizado da aula</p>
	<p><b>MEUS RELATOS:</b> Iniciamos a aula, em sala de aula, relembando as três palavras que envolviam o tema da aula anterior “amizade, companheirismo e respeito”. Logo após isso fomos desenvolver as atividades planejadas na quadra. Desta vez propus realizarmos a mesma atividade da aula anterior, porém, dividindo a turma em duas equipes, onde a competição não seria mais em relação ao tempo, mas sim a quem conseguissem passar pelo circuito pelo menor tempo, ou seja, haveria uma equipe ganhadora e outra perdedora. O trajeto do circuito era o mesmo, porém ele foi duplicado para que cada equipe percorresse seu próprio circuito, não atrapalhando o desempenho da outra equipe. O critério para a formação das equipes foi o grau de amizade entre os membros. Foi iniciado a disputa e uma equipe se sagrou vencedora. Pedi para as equipes que mudassem suas estratégias de organização e incentivo, cada um com a sua realidade momentânea, vencedora e perdedora. As equipes se reuniram e sinalizaram estar prontas para recomeçar. Desta vez mudou a equipe vencedora, o que causou um empate na disputa. Propus então uma mudança na atividade, as equipes continuaram as mesmas e agora cada equipe teria um bambolê em mãos, onde o primeiro da fila jogaria o bambolê a frente, chamaria o (a) colega que estava atrás para ficar ao seu lado e esse colega deveria saltar para dentro do bambolê, no local onde ele caiu. Após isso, quem estava dentro do bambolê, deveria levantá-lo e lançar a frente para que o outro (a) colega saltasse dentro, assim todos lançaram e saltaram durante o percurso que era de um lado a outro da quadra retornando para o lado de origem. Fizemos uma rodada de demonstração, sem qualquer tipo de competição e depois eles se reuniram para montar suas estratégias para iniciarmos a disputa. A proposta foi realizar 4 etapas dessa atividade. Logo uma equipe conseguiu vencer duas vezes, mas sempre ao final de cada etapa, as equipes se reuniam para reorganizar suas estratégias. Na terceira etapa, a equipe que havia perdido conseguiu ganhar, o que deixou um clima acirrado dentro da aula. Na última etapa, no último lance, a equipe que estava à frente do placar tinha uma pequena distância para concluir o trajeto, quando o aluno que lançou muito curto, não concluindo e tendo de chamar um outro colega que estava na vez, isso fez com que eles perdessem tempo e com que a equipe que estava atrás do placar ganhasse e empatasse a disputa. Para conclusão da aula, nos reunimos e os (as) alunos (as) puderam expor suas impressões sobre a aula. Ao final perguntei sobre quais as diferenças entre a aula de hoje e da aula anterior? E se as estratégias utilizadas na aula anterior serviram para a aula de hoje? Falei sobre a próxima semana que eles teriam dois dias de comemoração ao dia da criança com atividades cooperativas e competitivas e que todos deveriam vir para se divertir.</p>
	<p><b>INCIDENTES CRÍTICOS (IC):</b> Questões de violência</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A AULA:</b> Percebi que, apesar de agora estarem diante de pessoas como adversários, diferente da aula anterior em que o adversário era o tempo, os (as) alunos (as) mantiveram os comportamentos da aula anterior. Apesar de estarem mais envolvidos cada um torcendo pela sua equipe, não houve incidentes de desrespeito durante as atividades. Houve brincadeiras a cada momento de vitória, mas nada que inflamasse a turma para que alguém tivesse um comportamento agressivo. Por coincidência, não houve um ganhador no final, apesar dos pedidos de desempate, porém com o tempo de aula já extrapolado. Isso fez com que o clima de rivalidade entre as equipes ficasse mais ameno. Outra coisa que percebi foi no critério de formação das equipes onde o grau de amizade entre os</p>

	<p>membros deveria ser levado em consideração. Por um lado, eles ficaram mais à vontade e com confiança para poder executar as tarefas, mas por outro lado, no momento das escolhas, surgiram alguns olhares de decepção acerca de não estarem na outra equipe, até porque a quantidade de alunos (as) em cada equipe deveria ser equivalente. Porém, algo me surpreendeu, mesmo com um colega que visivelmente estava insatisfeito por não estar na outra equipe, sua atual equipe foi motivá-lo, o que fez seu semblante a atitude mudar durante as atividades, trazendo a ele um sentimento de acolhimento dentro daquela atual equipe. Por último, e não menos importante, eles (as) ficaram empolgados com as atividades alusivas ao dia das crianças que acontecerão na próxima semana e confirmaram que iriam participar no intuito de se divertir.</p>
	<p><b>REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS DO AMIGO CRÍTICO:</b>          Início minhas considerações citando sua coragem em transcender a zona de conforto e introduzir o conflito da competição direta entre equipes. Na formação das equipes, você utilizou a afinidade como critério para a escolha e isso gerou conforto para a maioria, mas que também causou “olhares de decepção” em quem ficou fora do grupo desejado. Minha provocação acerca disso está no fato de que, ao agrupar por afinidade, não se corre o risco de reforçar as “panelinhas” que já existem e que, comumente (posso estar enganado) são a raiz da violência? O verdadeiro teste de respeito não seria coloca-los/as para jogar justamente com quem eles/as têm menos afinidade? Você também observou que o empate ao final do jogo abrandou o clima de rivalidade e é perceptível que isso garantiu a paz na aula, mas já que a intenção é transcender a desconstrução da violência para fora da quadra e que há o entendimento de que essa violência explode, muitas vezes, na incapacidade de lidar com a derrota, será que o empate não nos privou de um momento educativo em que se poderia ensinar a perder? Em um momento futuro, você poderia garantir que haja uma equipe vencedora e uma perdedora, para vermos como o grupo reagiria à frustração? Para agora, observo a necessidade de “tirar as rodinhas da bicicleta”, misturar os grupos e deixar que lidem com a derrota.</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A FALA DO AMIGO CRÍTICO:</b>          Sobre a forma de organizar as equipes por afinidade, concordo com sua fala a respeito das formações de “panelinhas”, porém, esclareço que é apenas uma das possibilidades de formação e que, assim como todas as outras, tem pontos positivos e negativos e que podem gerar conflitos dentro da dinâmica da prática corporal. Sobre a questão do empate, foi uma das possibilidades que podem ocorrer em disputas competitivas, nesse caso em específico, ocorreu por conta do fim do tempo de aula, mas, mesmo em empates, podem haver desavenças entre os (as) estudantes durante as partidas, porém esses conflitos não ocorreram.</p>

<b>DIÁRIO DE CAMPO - 7º REGISTRO</b>	
<p><b>DATA:</b> 16/10/2025</p> <p><b>HORÁRIO:</b> 08h30 às 10h10</p>	<p><b>TURMA E QUANTIDADE DE ESTUDANTES PRESENTES:</b>            Turma do 4º ano do ensino fundamental com 16 estudantes presentes, sendo 9 meninos e 7 meninas com média de idade de 9 anos.</p> <p><b>METODOLOGIA:</b>            1º momento: Roda de conversa com a turma explicando a primeira atividade            2º momento: Avaliação junto aos (as) alunos sobre a atividade            3º momento: Roda de conversa com a turma explicando a segunda atividade            4º momento: Avaliação junto aos (as) alunos sobre a atividade</p> <p><b>MEUS RELATOS:</b>            Iniciamos a aula em um ambiente diferente dos demais dias, pois, o pátio onde os (as) alunos (as) merendam era o espaço para iniciar a primeira atividade. Além disso outro fator estava diferente da rotina das aulas, era a presença da turma do 5º ano que iria realizar a atividade junto a eles. Antes de dar início na primeira atividade, todos os (as) estudantes já se encontravam participando de brincadeiras coordenadas pelos outros professores da turma. Brincadeiras como corrida de saco, disputa de “cabelo maluco”, entre outras. Após isso, reuni todos para explicar como seria a primeira atividade. A atividade seria uma tarefa cooperativa dentro de cada turma visando montar um quebra cabeça gigante com cada peça segurada por um aluno (a) da turma, totalizando 12 peças. O restante dos (as) alunos (as) que não ficariam segurando as peças, deveriam ficar em cima de um pequeno palco e orientar as mudanças de posição das peças visando a montagem correta da imagem. Em cima do palco eles contavam com uma versão em</p>

	<p>miniatura da imagem que deveria ser montada, assim, poderiam orientar as trocas de posições. A imagem escolhida pela direção foi o brasão da escola, visando fazer com que os (as) alunos (as) reconheçam esse símbolo. Cada equipe teria um microfone e as ordens deveriam ser dadas por quem estivesse com ele. A prova iniciou com os (as) 12 alunos (as) buscando numa pilha de papelão as 12 partes da imagem e levantando acima da cabeça para que os (as) colegas no palco pudessem conferir. Como era um evento em conjunto com todos os professores das turmas e disciplinas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, foi prometido a equipe que conseguisse montar o quebra cabeça em menor tempo uma premiação, porém intervir e consegui uma premiação para 1º e 2º lugar, ou seja, todos ganhariam a premiação. A premiação se tratava de pipocas doces e salgadas dentro de uma embalagem transparente e fechada. Após atividade me reuni com a turma do 4º ano para saber suas impressões sobre a atividade. Houve o momento da merenda e, logo após, todos (as) foram convidados (as) para a quadra da escola onde houve a disputa de 3 partidas de queimada tradicional, porém com a inclusão de uma 2ª bola no jogo, entre as turmas do 4º e 5º ano. A equipe que conseguisse ganhar duas partidas seria a campeã e receberia uma premiação. A premiação também seria para 1º e 2º lugar. A premiação se tratava de pirulitos e bombons dentro de uma embalagem transparente e fechada. Ao final, me reuni com a turma do 4º ano para saber suas impressões sobre a atividade. Pra finalizar a aula, anunciamos que no dia seguinte haveria a disputa do torneio de futsal. Desta forma encerramos o primeiro dia de comemorações do dia da criança.</p>
	<p><b>INCIDENTES CRÍTICOS (IC):</b> Questões de violência</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A AULA:</b>          Início minha reflexão explicando que esse evento é uma atividade interdisciplinar, com a participação de professores (as) de outras disciplinas que envolvem as turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental e que, portanto, as decisões foram tomadas por todos. Analisando as atividades coordenadas por mim, percebi que os (as) alunos (as) da turma ficaram surpresos e curiosos a respeito de como ela iria acontecer, tivemos de fazer uma simulação com ajuda de professores e funcionários para que eles entendessem a dinâmica, porém, logo as dúvidas foram sanadas e a atividade pôde iniciar. O envolvimento dos (as) alunos (as) foi tão grande que gerou uma onda de euforia torcendo para que seus colegas conseguissem montar seu quebra cabeça primeiro, porém eles logo perceberam que o barulho gerado estava atrapalhando no entendimento das instruções até que os (as) próprios (as) alunos (as) se organizassem para deixar apenas uma pessoa ao microfone dando as instruções, porém orientado pelos demais colegas que estavam em cima do palco. Isso fez com que eles tivessem êxito na montagem do quebra cabeça, se sagrando os vencedores daquela tarefa. Essa organização não foi observada na equipe adversária. Após atividade, todos (as), das duas turmas, foram abraçados por seus professores e parabenizados por eles pelo empenho e dedicação, pois a disputa gerou comoção e envolvimento de todos os presentes no pátio da escola, gerando aplausos ao final da atividade. Após a atividade fui conversar reservadamente com a turma do 4º ano para saber suas impressões e eles destacaram a mudança de estratégia no meio da atividade como ponto crucial para obter o resultado positivo. Relataram também o fato de todos ganharem a premiação, pois assim ninguém sairia triste. Ressalto que não houve nenhum incidente de provocação ou agressividade nem entre os próprios membros da equipe e nem em relação aos adversários. Ao retornar do intervalo, já nos jogos de queimada, a turma do 5º ano iniciou ganhando a primeira partida, o que deixou um ar de desânimo na turma do 4º ano, porém, no intervalo para a 2ª partida eles se reorganizaram em relação a estratégia de jogo e venceram a partida, empatando a disputa. Na 3ª e última partida a equipe do 5º ano se sagrou campeã. Porém, o que achei que seria algo desmotivador e gerador de conflitos dentro da turma, se transformou numa atitude de apoio, mesmo na derrota, com um grande abraço da turma. Receberam a premiação e após isso me reuni com eles para saber suas impressões. Eles relataram que ficaram tristes pela derrota, mas reconheceram que o desempenho da turma do 5º ano foi superior ao deles. Estavam felizes pela premiação e se mostraram motivados para o dia seguinte disputar o torneio de futsal. Perguntei sobre o abraço no final da disputa e eles disseram que foi uma forma de agradecer e reconhecer que todos fizeram o seu melhor. Não houve nenhum incidente de provocação e nem de agressão em nenhuma das duas atividades.</p>
	<p><b>REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS DO AMIGO CRÍTICO:</b></p>

	<p>Início minhas considerações sobre a aula entendendo que meu papel atual como amigo crítico é focar na sustentabilidade das mudanças ocorridas, após sua intervenção acabar. É gratificante observar como a dinâmica mudou, pois você saiu da bolha da sala de aula/quadra para um evento interdisciplinar que envolveu toda a escola e turmas mais velhas. O momento do quebra-cabeça foi um ponto alto, pois eles/as perceberam sozinhos/as que a euforia estava atrapalhando a reorganização deles/as próprios/as e o momento em que apenas uma pessoa ficou no microfone foi a materialização da autonomia estudantil. Você conseguiu identificar se eles tiveram a consciência de que resolveram um problema pontual? Caso a resposta seja positiva, é mais uma evidência da consolidação da relação com o saber e você não pode deixar que esse ato se perder como apenas uma jogada que deu certo. Ao final, na premiação, você interveio para que 1º e 2º lugares recebessem prêmios para que ninguém saísse triste e isso é um ato recheado de empatia. Porém, será que blindá-los/as da tristeza de sair de mãos vazias não fez com que perdêssemos uma excelente chance de trabalhar a frustração real em um ambiente seguro? Fora da escola, o mundo dificilmente dará pipoca para quem perde. Talvez eu esteja até sendo um pouco rude com minhas considerações, mas julgo que é extremamente importante proporcionar aprendizados que façam com que esses/as jovens saiam da escola com aprendizados para a vida. Sobre isso, como você acha que pode trabalhar a ideia de que a recompensa é a vivência e o respeito, e não as guloseimas? Você mencionou também que não houve nenhum incidente de agressão durante o momento, mesmo com a euforia e a derrota, e isso mostra que você se tornou parte importante na mediação de conflitos entre os/as estudantes da turma. Quando a pesquisa acabar e você voltar ao papel de professor comum, sem a intervenção específica, o que fica? Como este é o penúltimo encontro, entendo que a última aula deva ser não apenas um momento de encerramento, mas sim um ambiente que incentive a construção de um pacto de continuidade do que foi construído até o momento.</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A FALA DO AMIGO CRÍTICO:</b>  Sobre a auto-organização dos (as) estudantes na tarefa do quebra cabeça, percebi a importância e resaltei nas aulas posteriores o quanto esse fato foi relevante, não só pra mim, mas para os (as) outros (as) docentes presentes. Atividades que incentivem essa autonomia nas decisões devem e serão realizadas de acordo com a maturidade dos (as) estudantes, nessa e nas outras turmas em que ministro aulas. Sobre a premiação ser para todos, eles (as) só ficaram sabendo ao final da atividade e ela ocorreu para todos como uma forma de recompensar seu esforço, independente do resultado obtido. Acredito que sempre é bom receber um <i>feedback</i> positivo, ressaltando a importância do comportamento e do trabalho em grupo desempenhado por eles. Sobre minhas atitudes quando a pesquisa acabar, resalto que as atividades e planos de aula propostos não estavam pré-estabelecidos, apenas estava no planejamento que iríamos estudar práticas corporais competitivas e cooperativas, portanto, cada aula serviu de material de estudo para elaborar a próxima aula e tudo que foi desenvolvido faz parte da minha prática pedagógica nessa e em outras turmas e em todas as escolas em que trabalho, porém, nessa turma ficou mais evidente por conta de ser a turma escolhida na pesquisa. Sobre a questão de um “pacto de continuidade” acredito que não seja necessário a partir do momento em que durante as aulas sempre vinculei os acontecimentos das aulas de Educação Física com os acontecimentos da sociedade, tentando sempre deixar claro que o respeito ao próximo não é algo apenas das atividades da aula, mas algo que deve ser reproduzido na vida de todos eles.</p>

<b>DIÁRIO DE CAMPO - 8º REGISTRO</b>	
<b>DATA:</b> 17/10/2025	<b>TURMA E QUANTIDADE DE ESTUDANTES PRESENTES:</b> Turma do 4º ano do ensino fundamental com 16 estudantes presentes, sendo 9 meninos e 7 meninas com média de idade de 9 anos.
	<b>METODOLOGIA:</b> 1º momento: Roda de conversa com a turma explicando o funcionamento do torneio de futsal 2º momento: Avaliação junto aos (as) alunos sobre o torneio e sobre o evento do dia das crianças
	<b>MEUS RELATOS:</b>

<p><b>HORÁRIO:</b> 08h30 às 10h10</p>	<p>Dando continuidade às atividades relacionadas a comemoração do dia das crianças, hoje ocorreu o torneio de futsal com as turmas de 4º e 5º ano do ensino fundamental. Iniciei explicando sobre as formações das equipes que deveriam ser “mistas”, ou seja, na mesma equipe deveriam ter meninas e meninos já que ambas as turmas possuíam meninas com interesse em jogar. Expliquei também que em nenhum momento as equipes poderiam ter apenas meninos em quadra e que as substituições deveriam acontecer de acordo com o gênero, oportunizando a todas as meninas o direito de jogo. Todos concordaram e formamos as equipes, sendo 1 equipe do 4º ano e 2 equipes do 5º ano. Desta forma expliquei que todos os times jogariam contra todos os adversários, dando 2 jogos para cada equipe e que, ao final, seria entregue uma premiação para todos os participantes. Desta forma iniciamos a competição e todos os participantes tiveram a oportunidade de jogar durante as duas partidas. Uma das equipes do 5º ano conseguiu 2 vitórias e se sagrou campeã do torneio. Logo após o jogo final foi entregue a premiação para todos os participantes e eu reuni com a turma do 4º ano para ouvir suas impressões tanto sobre o torneio de futsal quanto sobre o evento de comemoração do dia das crianças. Os relatos foram positivos, principalmente em relação de interagir com outra turma, o que muda um pouco a rotina de aulas. Solicitaram mais momentos assim no decorrer do ano. Gostaram bastante das premiações para todos, pois incentivou a vir participar assim como o fato de poder se divertir durante os jogos. Sobre as emoções sentidas relacionadas a vitória e derrota a maioria usou a expressão “foi de boa” simbolizando que não houve nenhum sentimento de agressividade durante os momentos de derrota ou sentimento de provocação diante das vitórias, sempre respeitando os (as) próprios (as) colegas e os adversários. Perguntei sobre o papel das meninas nas equipes de futsal e nas outras equipes das atividades, elas relataram que não sofreram nenhum tipo de pressão ou ofensa relacionada a ser menina e estar jogando. Fiz a mesma pergunta aos meninos para saber suas impressões a respeito da participação das meninas e eles relataram que por ter sido uma regra que atingiu todas as equipes, eles acharam justo e incentivador para que elas também participem das práticas. Eu agradei a todos (as) e demonstrei satisfação em vê-los (as) competir de forma saudável.</p>
	<p><b>INCIDENTES CRÍTICOS (IC):</b> Questões de gênero</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A AULA:</b></p> <p>Início minha reflexão demonstrando um orgulho muito grande em perceber a evolução dos (as) alunos (as) em relação aos relacionamentos e comportamentos dentro das aulas de Educação Física. Vale ressaltar que, em paralelo ao meu trabalho, sempre estive em contato com os outros professores das outras disciplinas com o intuito de verificar se os comportamentos apresentados dentro das minhas aulas eram exclusivos às práticas na disciplina. Os relatos dos (as) colegas professores (as) deixaram claro que era um comportamento generalizado. Tenho de destacar que a participação dessa turma nesse torneio de futsal foi interessante pois, ao escolher a turma para a pesquisa, a motivação foi um incidente relacionado a questões de gênero quando uma aluna é chamada de lerdá por um aluno após uma derrota no jogo bandeirinha e, ao propor a prática do futsal, confesso que tive um certo receio, por conta da sociedade que, muitas vezes, tem uma resistência da participação das meninas, o que poderia gerar um novo conflito, porém, não houve.</p> <p>Minha intenção nunca foi achar solução para problemas relacionados a gênero e violência, mas, com diálogos e atividades práticas dentro das aulas de Educação Física, fazer com que os (as) alunos (as) refletissem sobre esses comportamentos. Vê-los competindo de forma saudável tanto com os (as) colegas de turma quanto com os adversários foi muito satisfatório e recompensador para mim, enquanto professor.</p>
	<p><b>REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS DO AMIGO CRÍTICO:</b></p> <p>Sobretudo, camarada, é impossível não se contagiar com o seu sentimento de orgulho e satisfação pelo processo construído ao longo desses 8 encontros. Também é impossível não iniciar falando sobre o confito inicial de gênero – em que uma aluna foi chamada de “lerdá” – que foi ressignificado, justamente em uma quadra de futsal, que é um ambiente comumente associado a atitudes machistas. Nesse momento, minhas contribuições</p>

	<p>enquanto amigo crítico é inquietar para que o sucesso da aula e do processo não sejam o fim da linha, mas sim o combustível para a construção do “esperançar”. Não penso que deva haver a espera passiva de que tudo fique bem, mas penso que deve haver ação contínua de construir caminhos diferentes. A intervenção da sua pesquisa acabou com sucesso, isso é inegável. Mas, pensando na continuidade da rotina, qual é o seu plano de manutenção do que foi construído, haja vista que a tendência natural é que o grupo volte à homeostase? Como, na rotina normal de aulas, você vai observar e cobrar a continuidade dessas posturas sem que precise fazer eventos constantes? Você acha que conseguiu transformar esses momentos da sua intervenção de mestrado em cultura cotidiana escolar? Camarada, entendi que meu papel enquanto amigo crítico, aqui, foi lembrar que a mudança de cultura não pode ser um tiro de 100 metros rasos, mas sim uma maratona cheia de altos e baixos. Você mostrou que é possível proporcionar vivências críticas nas aulas de Educação Física e o desafio agora é buscar solidificar – ainda mais – isso, mesmo sem a estrutura da intervenção.</p>
	<p><b>MINHAS REFLEXÕES SOBRE A FALA DO AMIGO CRÍTICO:</b></p> <p>Considero que tanto nessa turma quanto nas outras em que ministro aulas de Educação Física, essa sensibilidade aos episódios de injustiça social deve sempre ocorrer independente do conteúdo ou do nível de ensino em que eu estiver trabalhando. Um exemplo, o próximo conteúdo que será trabalhado nessa turma é a dança como expressão corporal, que é um conteúdo propício para ocorrer incidentes críticos ligados a injustiça social, então o trabalho é contínuo. Minha ação não foi para solucionar os incidentes encontrados, mas sim amenizar e discutir as situações, pois a mudança de comportamento não depende apenas de um professor ou de uma disciplina, mas sim dos demais colegas de trabalho, dos familiares e amigos que fazem parte do círculo social desses estudantes. A ideia é mostrar que a Educação Física, enquanto disciplina escolar, pode e deve contribuir para a formação do caráter dos (as) estudantes e não tapar os olhos para esses acontecimentos dentro das aulas. Em nenhum momento abrimos mão de atividades popularmente conhecidas nas aulas de diversos (as) professores (as) da disciplina, mas sim, houve uma adequação para uma discussão mais ampla sobre os temas de injustiça social.</p>

## **APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)**

Eu, Bruno Victor da Soledade Silveira, estudante do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF, no polo Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC, sob a orientação da Profª. Dra. Elisabete dos Santos Freire, da Universidade São Judas Tadeu, gostaria de convidá-lo(a) para participar de uma pesquisa referente a minha dissertação de mestrado, intitulada “A resolução de situações de injustiça social durante as aulas de Educação Física: um autoestudo sobre a conduta do professor diante dos casos”. Esta pesquisa, de cunho qualitativo e autoestudo, tem por identificar como o tema justiça social e os incidentes de injustiça social aparecem dentro das minhas aulas e quais condutas eu adoto diante dos casos observados de injustiça social. A pesquisa será realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Elias Emin que é uma escola da rede pública estadual do Pará, localizada no município de Igarapé-açu. A turma escolhida para a aplicação da pesquisa é a turma do 4º ano do ensino fundamental regular (TURMA: F4M901) do turno da manhã. Essa turma possui 16 estudantes matriculados dividida em 7 meninas e 9 meninos. A faixa etária varia entre 8 a 9 anos. A turma é bem diversa em relação à classe socioeconômica, religião e raça. A motivação para escolher esta turma partiu do meu contato com eles(as) que é muito positivo e acolhedor. Os registros nas aulas acontecem com o uso do Diário de Campo, onde farei minhas anotações de como ocorreu cada aula da disciplina, identificando as particularidades, falas significativas e incidentes críticos ocorridos. Essas informações devem ser compartilhadas com meu amigo crítico Sérgio Marcelo Rocha Júnior, onde discutiremos os fatos ocorridos e ele poderá fazer indagações sobre as minhas ações durante a aula. Esse compartilhamento se dará através desse documento e por vídeo chamadas para que possamos expor nossas reflexões. A partir dessa conversa, será gerado um Instrumento de observação de incidentes críticos, onde toda a conversa será registrada. A partir desses documentos que será realizada a análise dos dados coletados junto aos conceitos de justiça social e aos que relacionam à disciplina Educação Física.

A participação na pesquisa poderá proporcionar benefícios para que outros (as) professores (as) de Educação Física possam identificar casos de injustiça social dentro de suas aulas e realizar um trabalho voltado para solucionar ou, pelo menos amenizar, situações como essas dentro de suas aulas, formando um (a) estudante crítico e competente para intervir dentro de sua sociedade. A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os riscos da pesquisa são mínimos e estão relacionados à confidencialidade dos dados obtidos. Os resultados alcançados pela pesquisa poderão ser publicados em revistas e apresentados em eventos científicos, sendo que os dados pessoais dos participantes serão mantidos em sigilo. Caso haja menção a nomes de sujeitos, a eles/elas serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Caso seja da sua vontade, esclarecerei possíveis dúvidas sobre sua participação e uso de suas respostas/opiniões/considerações para fins de pesquisa, remarcarei a coleta, aceitarei a solicitação de interrupção da gravação de áudio ou imagem, caso assim desejar. A qualquer momento, antes, durante ou após a sua participação, coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir em relação à pesquisa.

A sua participação é voluntária e sua recusa em participar não lhe provocará nenhum dano ou punição. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhuma das estratégias que serão utilizadas oferecem riscos à sua dignidade. Serão garantidos o seu sigilo e a privacidade. Os dados coletados são confidenciais e serão utilizados unicamente para fins de pesquisa.

Para participar você não terá nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração. Após as explicações e leitura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se persistir alguma dúvida ou julgar necessário informações adicionais sobre o projeto de pesquisa e a sua participação poderá comunicar-se, a qualquer momento, com o professor-pesquisador através do telefone/ WhatsApp: (91) 988434114, e/ou pelo e-mail: bsoledadesilveira1984@gmail.com. Se você se sentir esclarecido/esclarecida sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o/convido-a a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará em sua posse e a outra com o professor-pesquisador.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação e concordo com a participação.

Igarapé-açu, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2025.

---

Assinatura do participante

---

Bruno Victor da Soledade Silveira  
Professor-pesquisador

---

Profª. Dra. Elisabete dos Santos Freire  
Orientadora

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade (RG): \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Contato: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Endereço do responsável pela pesquisa:

**Nome:** Bruno Victor da Soledade Silveira

**Instituição:** Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC

**Endereço:** Av. Major Wilson, 3094, Cond. Parque Paraíso, 456, CEP 68742-891 - Castanhal – PA

**Contatos:** (91) 988434114

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

## APÊNDICE C – ROTEIRO DO VÍDEO DO RECURSO EDUCACIONAL

### **Roteiro do vídeo – O autoestudo sobre a prática docente diante de incidentes críticos nas aulas de Educação Física**

**Público:** Professores (as) de Educação Física

**Duração sugerida:** 10 minutos

Olá, eu sou o professor Bruno Victor da Soledade Silveira, sou aluno do curso de mestrado profissional em Educação Física (ProEF) pela Universidade Federal do Ceará.

Nesse vídeo vou apresentar como a ferramenta de pesquisa do autoestudo proporcionou identificar incidentes críticos relacionados a injustiça social e promoveu reflexões de combate a esses incidentes através dos conteúdos da disciplina Educação Física.

**Objetivo:** Apresentar aos (às) professores (as) de Educação Física como os incidentes críticos nas aulas podem ser identificados e utilizados para promover reflexões e ações pedagógicas voltadas à justiça social.

#### **Cena 1 – Abertura**

##### **Narração**

"As aulas de Educação Física constituem espaços privilegiados de interação social, nos quais os (as) estudantes vivenciam diferentes formas de participação, cooperação e disputa. No entanto, também podem emergir situações marcadas por exclusões, desigualdades e conflitos, evidenciando que o ambiente escolar reflete tensões presentes na sociedade (BRACHT, 1999)."

#### **Cena 2 – Incidentes críticos**

##### **Narração**

"Esses acontecimentos podem ser compreendidos como incidentes críticos, ou seja, episódios significativos que revelam aspectos relevantes das relações pedagógicas e sociais vivenciadas em aula. Ainda que muitas vezes sutis, tais incidentes possibilitam ao (à) professor (a) compreender de forma mais aprofundada as dinâmicas de inclusão e exclusão presentes no contexto escolar (PHILPOT, 2019)."

#### **Cena 3 – Sensibilidade pedagógica**

##### **Narração**

"Diante disso, torna-se fundamental o desenvolvimento de uma sensibilidade pedagógica capaz de identificar esses episódios no cotidiano das aulas. Como aponta Kunz (2006), o (a) professor (a) precisa ir além da execução técnica das atividades, assumindo uma postura crítica e reflexiva diante das relações que se estabelecem no processo educativo."

#### **Cena 4 – Autoestudo da prática docente**

##### **Narração**

"Além da intervenção pedagógica, o (a) professor (a) pode assumir o papel de pesquisador de sua própria prática. A perspectiva do autoestudo possibilita investigar a ação docente a partir da reflexão sistemática sobre as experiências vividas no contexto das aulas (PHILPOT, 2019)."

### **Cena 5 – Registro dos incidentes**

#### **Narração**

"Nesse processo, o registro das aulas e dos incidentes críticos torna-se fundamental. Por meio de anotações, gravações ou diários de campo, o professor pode revisitar suas ações e analisar, de forma mais aprofundada, as situações vivenciadas (PHILPOT, 2019)."

### **Cena 6 – Amigo crítico**

#### **Narração**

"A presença do amigo crítico fortalece esse processo investigativo, ao possibilitar o diálogo com um outro olhar sobre a prática docente. Esse interlocutor contribui para problematizar as interpretações do (da) professor (a) e ampliar as possibilidades de análise (PHILPOT, 2019)."

### **Cena 7 – Reflexão compartilhada**

#### **Narração**

"A socialização dos registros com o amigo crítico promove discussões que favorecem a compreensão das situações de injustiça social vivenciadas nas aulas, contribuindo para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais consciente e fundamentada."

### **Cena 8 – Replanejamento**

#### **Narração**

"A partir dessas reflexões, o (a) professor (a) pode ressignificar suas estratégias pedagógicas e planejar novas intervenções, buscando promover experiências mais justas, inclusivas e alinhadas aos princípios da educação crítica (FREIRE, 1996)."

### **Cena 9 – Ações pedagógicas**

#### **Narração**

"A partir dessas reflexões, o (a) professor (a) pode propor diferentes estratégias pedagógicas, como rodas de conversa, jogos cooperativos e adaptações nas regras das atividades. Essas ações contribuem para ressignificar as práticas corporais e favorecer experiências mais inclusivas e participativas (KUNZ, 2006)."

### **Cena 10 – Conteúdos da Educação Física**

#### **Narração**

"Os conteúdos da Educação Física, como esportes, jogos e danças, podem ser organizados de modo a problematizar as relações sociais e promover valores como respeito, cooperação e justiça. Assim, a disciplina amplia seu papel formativo, contribuindo para a formação crítica dos (das) estudantes (BRACHT, 1999)."

### **Cena 11 – Encerramento**

#### **Narração**

"Dessa forma, ao articular a identificação de incidentes críticos, o autoestudo da prática docente e o diálogo com o amigo crítico, a Educação Física se consolida como um espaço de reflexão, transformação social e promoção da justiça no ambiente escolar."

## **Cena 12 – Conclusão e mensagem final**

### **Narração**

"Assim, mais do que ensinar técnicas e conteúdos, as aulas de Educação Física podem se constituir como espaços potentes de transformação social. Ao reconhecer e problematizar situações de injustiça que emergem no cotidiano das aulas, o (a) professor (a) amplia o sentido pedagógico de sua prática, contribuindo para a formação de sujeitos mais críticos, conscientes e respeitosos.

Nesse sentido, é fundamental que os (as) professores (as) assumam o compromisso de integrar intencionalmente os conteúdos da Educação Física com a promoção da justiça social, utilizando o movimento, o jogo e o esporte como meios para discutir valores, enfrentar desigualdades e construir relações mais justas no ambiente escolar.

Agradeço pela sua atenção e convido você a refletir sobre sua prática: que possibilidades existem, em suas aulas, para promover uma Educação Física mais justa, inclusiva e transformadora?"

### **Referências**

BRACHT, Valter. *A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física*. Campinas: Autores Associados, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2006.

PHILPOT, Rod. *Learning to teach physical education through self-study*. London: Routledge, 2019.

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** RESOLUÇÃO DE SITUAÇÕES DE INJUSTIÇA SOCIAL DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM AUTOESTUDO SOBRE A CONDUTA DO PROFESSOR DIANTE DOS CASOS

**Pesquisador:** BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 94334425.7.0000.5045

**Instituição Proponente:** Instituto de Educação Física e Esportes

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 8.144.926

#### Apresentação do Projeto:

Contexto da pesquisa: Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional ProEF da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física. O projeto Resolução de situações de injustiça social durante as aulas de Educação Física: um autoestudo sobre a conduta do professor diante dos casos investiga como o professor de Educação Física reage a situações de injustiça social no ambiente escolar. O estudo busca compreender como esses episódios surgem nas aulas e de que forma podem ser enfrentados para promover uma prática mais crítica, inclusiva e comprometida com a justiça social.

Número de participantes: 16 estudantes matriculados no 4º ano do ensino fundamental, dividida em 7 meninas e 9 meninos. A faixa etária varia entre 8 a 9 anos.

De natureza qualitativa e interpretativa, a pesquisa será realizada em uma escola pública de Igarapé-Açu (PA), com uma turma do 4º ano do ensino fundamental. O grupo, composto por 16 alunos de diferentes origens, oferece um contexto propício à observação de situações

**Endereço:** Rua Coronel Nunes de Melo, 1142

**Bairro:** Rodolfo Teófilo

**CEP:** 60.430-270

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3366-8589

**Fax:** (85)99267-4630

**E-mail:** cephuwc@huwc.ufc.br

de exclusão, preconceito e desigualdade. As aulas serão desenvolvidas em torno do tema "Jogos individuais e coletivos", culminando com os Jogos Interclasse momento em que surgem dinâmicas de cooperação e competição.

Os principais instrumentos de coleta de dados são o Diário de Campo do Professor-Pesquisador, no qual serão registrados os acontecimentos de cada aula, e o Instrumento de Observação de Incidentes Críticos (IC), que sistematizará as reflexões realizadas com o amigo crítico. A análise seguirá a Técnica dos Incidentes Críticos (CIT), utilizada para identificar e compreender situações significativas que revelem tensões ou injustiças nas relações escolares.

Cronograma: Julho/2025 a Janeiro/2026

Orçamento: R\$500,00 (recurso próprio)

### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Geral:

Pretendo refletir sobre como o tema "justiça social" está presente e sendo trabalhado em minhas aulas de EF escolar; como é a percepção de incidentes críticos relacionados à injustiça social e como eles são resolvidos dentro das aulas; e de que forma consigo aprimorar minha prática na abordagem desse tema.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Os riscos da execução do estudo são mínimos e controláveis, classificados como baixo risco segundo os critérios do Comitê de Ética em Pesquisa (Res. CNS 510/2016). A natureza qualitativa, reflexiva e pedagógica da investigação não envolve intervenções físicas ou invasivas, apenas observações e análises de práticas escolares cotidianas.

Benefícios:

Os benefícios do estudo concentram-se na transformação da prática docente e no impacto positivo no ambiente escolar. A investigação estimula o professor a refletir criticamente sobre suas ações, aprimorar o ensino e contribuir para a formação de uma cultura escolar mais justa e igualitária.

Além disso, a produção acadêmica e o produto educacional ampliam o alcance das reflexões,

**Endereço:** Rua Coronel Nunes de Melo,1142

**Bairro:** RodolfoTeófilo

**CEP:** 60.430-270

**UF:** CE **Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3366-8589

**Fax:** (85)99267-4630

**E-mail:** cephuwc@huwc.ufc.br

favorecendo a socialização de saberes entre professores, pesquisadores e gestores da educação.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa de grande relevância social.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Ver item conclusões e pendências.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Pendências no TALE:

Pendência 1: O TALE apresentado encontra-se na forma de um rascunho, o texto não contempla uma linguagem acessível para a faixa etária pretendida (8 e 9 anos). Em relação aos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa, apresentar as providências a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano, considerando características e contexto do participante da pesquisa.

RESPOSTA: Apresentação do TALE conforme a Resolução n.º 466/2012.

Pendência 2: Incluir a informação que o documento será elaborado em duas vias, e que o participante receberá uma via assinada.

RESPOSTA: Apresentação do TALE com a inclusão da informação a cima.

Pendência 3: Incluir o local e data ao final do documento.

RESPOSTA: Apresentação do TALE com a inclusão da informação a cima.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O pesquisador deverá apresentar relatório final ao término da presente pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	26/12/2025		Aceito

**Endereço:** Rua Coronel Nunes de Melo,1142

**Bairro:** RodolfoTeófilo

**CEP:** 60.430-270

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3366-8589

**Fax:** (85)99267-4630

**E-mail:** cephuwc@huwc.ufc.br

Básicas do Projeto	OJETO_2627772.pdf	15:44:47		Aceito
--------------------	-------------------	----------	--	--------

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	26/12/2025 15:44:19	BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA	Aceito
Outros	autirizacao_chefia.pdf	25/11/2025 19:33:54	BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA	Aceito
Outros	carta_de_encaminhamento.pdf	25/11/2025 19:31:48	BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA	Aceito
Orçamento	Orcamento_modelo_assinado.pdf	25/11/2025 19:27:55	BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Qualificacao_Bruno.pdf	27/10/2025 23:16:33	BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_TCLE.pdf	27/10/2025 23:12:56	BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA	Aceito
Declaração de concordância	DECLARACAODEConcordanciadospesquisadoresenvolvidos_assinado.pdf	27/10/2025 23:07:36	BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_assinado.pdf	27/10/2025 23:03:39	BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado_bruno_01_assinado.pdf	27/10/2025 23:02:55	BRUNO VICTOR DA SOLEDADE SILVEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FORTALEZA, 31 de Janeiro de  
2026

---

**Assinado por:**

**Maria Helane Costa Gurgel**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Coronel Nunes de Melo, 1142

**Bairro:** Rodolfo Teófilo

**CEP:** 60.430-270

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3366-8589

**Fax:** (85)99267-4630

**E-mail:** cephuwc@huwc.ufc.br